
PEDRO SANTIAGO
pelo espírito
DIZZI AKIBAH
DA DOR AO AMOR
EDITORA EME
ROMANCE MEDIÚNICO

© 2016 Pedro Santiago

Os direitos autorais deste livro são de exclusividade do autor, que destina toda a renda à assistência social a crianças carentes da cidade de Salvador.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: dezembro de 2016

CAPA | André Stenico
PROJETO ELETRÔNICO | Victor Benatti
REVISÃO | Sônia Rodrigues Cervantes

ISBN 978-85-66805-98-7

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Copyright © Editora EME Ltda-ME

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080
Capivari-SP
CEP: 13360-000
(19) 3491-7000
www.editoraeme.com.br

PEDRO SANTIAGO
pelo espírito Dizzi Akibah

DA DOR AO AMOR

Capivari-SP
– 2016–

Palavras do autor espiritual

A NARRATIVA QUE compõe o presente romance traz, na singeleza da nossa expressão, o sincero interesse de fazer chegar aos queridos irmãos leitores uma motivação para o despertar da consciência de quem, porventura, esteja buscando entendimento para a problemática da dor, pois mesmo se tratando de um recurso divino para educação e consequentemente elevação espiritual, ainda é temida, repudiada e interpretada, tantas vezes, como castigo. Entretanto, além de colhermos o que plantamos, Deus, a fonte da vida, manifesta a ordem universal por meio das leis imutáveis. Contudo, onde age a justiça divina, se encontra também o seu misericordioso amor.

Embora dotados dos recursos do pensamento e do sentimento, defrontamo-nos, não raramente, com situações que exigem, para o necessário entendimento, o despertar de uma consciência que ainda não temos sobre as leis eternas do Divino Senhor da vida. A falta desse valioso recurso implica a incompreensão da lei de causa e efeito, o que acaba gerando inconformação e revolta em quem, necessariamente, esteja experimentando esse método eficiente de educação.

Assim é que, motivados pelo desejo de minorar as dificuldades geradas pela carência de conscientização, escolhemos a presente história, dentre

tantas outras que nos chegam constantemente, a qual nos chamou atenção por causa da diferença notada no modo de viver dos principais personagens que, sem se darem conta, percorrem caminhos diferentes traçados ora pelo amor, ora pela dor, mas que acabam se encaminhando ao mesmo ponto de chegada.

Confiantes em Jesus, o mestre divino de todos nós, e esperando que o objetivo seja alcançado, passamos o presente romance *Da dor ao amor* às mãos do nosso querido irmão leitor, formulando votos de uma boa leitura.

Salvador, 10 de janeiro de 2015.
Dizzi Akibah

Contagiado pelo mau exemplo

O contágio do mau exemplo é nocivo à boa formação moral.
Dizzi Akibah

DEPOIS DE PREPARAR a mesa farta para o seu jovem patrão, Doriano (Dodô) sentou-se num banco rodeado de flores, na área ajardinada da luxuosa mansão, e passou a observar o movimento das borboletas e abelhas em busca do néctar, enquanto o esperava, na qualidade de empregado doméstico, para servi-lo durante o almoço. Mas a observação foi interrompida ao ouvir a sua voz num tom desagradável:

– Saia da minha frente e não volte a me importunar, pois não tenho nada a ver com a sua vida!

Dodô levantou-se rapidamente, aproximou-se e perguntou:

– Falava com quem, menino doutor?

– Uma mulher que me apareceu de repente, dizendo que queria um pouco da minha atenção. Só me aparece quem quer tirar alguma coisa de mim!

– Eu não vi ninguém mais, a não ser você mesmo! Mas... se ela pediu apenas a sua atenção, por que imaginar que desejava algo além disso?

– Ora, pela roupa que vestia foi fácil deduzir que queria, sim, algo mais!

– Menino doutor, não se deve julgar pela aparência, principalmente da roupa, porque não é a roupa que qualifica a moralidade e o caráter da pessoa. O objetivo principal do existir é viver no amor e para o amor. Mas quando nos mostramos indiferentes a esse sentimento, precisamos passar pela dor. Cuidado! Você pode até achar que é fácil escapar das leis dos homens, por causa de sua riqueza material, mas não escapa das leis de Deus!

– Eu exijo que você pare de falar desse Deus ilusório na minha casa, pois não existe algo superior ao homem. A mim mesmo, por exemplo! Agora que já sabe, abstenha-se de me importunar! – respondeu o doutor Lúcio, um jovem médico que afirmava não acreditar na existência de Deus nem na vida pós-morte. Para ele, a morte aniquilava a criatura humana, para sempre!

– Mas você, menino doutor – insistiu Doriano –, deve saber que todas as coisas que existem e não foram criadas pelo homem não surgiram do nada. Tem que haver a causa, para que haja, em seguida, o efeito! Mas o fato de você não acreditar na existência de Deus não justifica tanta indiferença e falta de fraternidade com as pessoas consideradas pobres de bens materiais.

– Não ouse, porque você aqui é apenas um empregado sob as minhas ordens, fazendo o que eu mando e como quero! – falou, arrogante, o médico.

– Se podemos, então, medir o valor das coisas ou situações pela origem, a sua vontade, que é transformada em ordem, para ser por mim cumprida, nada significa. E se as minhas tarefas são para você insignificantes, presume-se que os seus pensamentos e a sua vontade têm o mesmo valor, já que “se conhece a árvore, pelos frutos”, como disse Jesus.

Diálogos nesse tom eram corriqueiros na casa, conhecida como Mansão dos Anórios. Mas Dodô, como era tratado desde criança, além de não se importar com as palavras duras e tentativas de humilhação que o seu jovem patrão desfechava constantemente contra ele, tinha sempre uma resposta lógica baseada em conhecimentos bem fundamentados, como a seguir:

– Minha crença, doutor, não diz respeito a esperar sem nada fazer. Mas realizar mudanças que podem modificar o destino, sempre para melhor, pois não somos apenas um amontoado de matéria que, logo ao perder a vitalidade, decompõe.

Parou de falar, mas, como o médico ficou em silêncio, ele prosseguiu:

– Independentemente da nossa vontade, de crermos ou não, a vida continua além do que conhecemos como morte. Ora, se o ato de crermos em nós mesmos gera forças internas de onde provém o otimismo, imagine acreditar e confiar em quem está acima de nós?

O médico, demonstrando desinteresse no assunto, se dirigiu à mesa para o almoço. Uma hora depois, apesar de surpreendido com as ideias do empregado, pegou o paletó, ajeitou o nó da gravata e falou arrogante:

– Nem mais uma palavra, pois meu tempo é precioso. Chega de ouvir, simplesmente por educação, tanta bobagem!

– Perdoe-me a ousadia, mas como considerar bobagem o que aprendi com a saudosa e bondosa senhora Tereza?

– Quê?! Ora, a minha mãe, enquanto viva, nada me falava sobre isso. Por que falaria a você?

– Menino doutor, às vezes só prestamos atenção ao que particularmente nos interessa. O que não nos chama atenção se torna palavra solta ao vento! Era essa a sua postura, toda vez que ela se dirigia a você.

Aparentemente ousado, pelo fato de debater e discutir com doutor Lúcio, seu patrão, Dodô fora criado desde criança ali mesmo na Mansão dos Anórios. A mãe, que se chamava Zenira, quando a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, era adolescente. Liberta da escravidão, passou a trabalhar como lavadeira, na casa de uma família portuguesa, residente em Florianópolis, Santa Catarina, e, posteriormente, para a família da Mansão dos Anórios, onde recebia um tratamento bondoso, especialmente da matrona da família, Isabel, que a ajudava a superar as dificuldades que enfrentava para criar o filho sozinha.

Quando havia necessidade de alguma coisa, bastava, para ser atendida, um recado por Dodô, que na época contava apenas sete anos. Isabel, que se

afeiçoara ao menino, toda vez que o via, observava-o detalhadamente, pois além de achar os seus traços fisionômicos parecidos com alguém ligado a sua família, estranhava a postura adotada por Zenira, que silenciava e se demonstrava nervosa toda vez que o assunto se referia ao pai de Dodô. Mas, apesar disso, Isabel, achando injusto o pai não assumir a responsabilidade com o filho, aproveitou uma ocasião especial para uma conversa franca.

Espontaneamente e com muita alegria, Zenira se juntara aos empregados da mansão para servir na festa de aniversário da sua benfeitora Isabel. Num determinado momento, aproximou-se da aniversariante levando uma bandeja com doces e, aproveitando o ensejo, disse-lhe:

– Sinhá Isabel, eu queria muito poder oferecer um presente valioso como a senhora merece. Mas peço desculpas por nada possuir…

– Zenira, minha filha – interrompeu-a delicadamente –, as coisas materiais, mesmo as consideradas valiosas, nem sempre se constituem o melhor presente. E por isso, estou certa de que você pode, sim, me oferecer um presente de valor inestimável, que é sua sinceridade!

– Sinhá Isabel, se alguma vez eu faltei com a sinceridade para com a senhora, peço que me perdoe. E prometo que nunca mais deixarei de abrir o meu coração, porque acho que a senhora é um anjo bom que Deus botou no meu caminho!

– Então, Zenira, posso pedir o meu presente?

– Sim, sinhá!

– Me diga, sem faltar com a sinceridade: quem é o pai de Dodô?

Não tendo outra saída e não podendo mais silenciar, como fazia antes, já que acabava de prometer sinceridade, aproximou-se e bem junto ao ouvido da matrona disse-lhe alguma coisa e retirou-se imediatamente do local em lágrimas, enquanto Isabel, impactada com o que ouvira, se tornou por instantes de tal forma alheia ao ambiente, que sequer percebeu que os convidados começavam a entoar a música do parabéns.

Dias depois mandou chamar a escrava liberta, e lhe propôs tornar Dodô, doravante, um criado da casa.

Mas, sendo Isabel dotada de muita sensibilidade no trato, principalmente

para com as pessoas carentes, não ficou só nisso. Além de colocá-lo na escola, ela mesma, que era uma exímia educadora, ensinou-lhe bons princípios, durante oito anos, até que ela veio a falecer. Mas, àquela altura, Tereza, filha única de Isabel, que também se afeiçoara muito a Dodô, casada há muito tempo com Manoel Anório e ainda sem filhos, passou a tratar com amor materno o filho da ex-escrava.

Só depois de muito tempo, quando Tereza já havia perdido a esperança de ser mãe, por causa de um problema de saúde, foi que Lúcio nasceu. Na época, Dodô tinha apenas vinte anos, mas já administrava domesticamente a rica mansão. Orientava os empregados na limpeza, na arrumação e nas atividades da cozinha, pois, nesse particular, se tornara um excelente cozinheiro e, por isso, os alimentos da criança, por preferência de Tereza, passaram a ser preparados por ele. Além disso, viam-no sempre carregando o menino nos braços, segurando a mãozinha, ajudando-o a dar os primeiros passos e participando, com muita alegria, das suas brincadeiras, razões pelas quais acabou cultivando por ele uma grande afeição. O carinho e o respeito com que fora tratado pela maioria dos componentes da família deram-lhe tamanha segurança, que, mesmo diante do menosprezo de Manoel Anório, o único que até então não lhe demonstrava simpatia, não se permitia o desequilíbrio emocional.

Essa situação de relativa paz durou pouco, porque logo depois que Lúcio retornou de Portugal, onde fora estudar medicina, Manoel Anório desencarnou, e o jovem médico, contagiado pelo exemplo do pai, passou a manifestar sua aversão a Dodô, por causa da cor da pele e da condição de criado da casa. Porém, não conseguia externá-la como desejava, em respeito à mãe Tereza. Mas essa proteção também não durou muito, já que, meses depois da morte de Manoel Anório, Tereza desencarnou, deixando Lúcio órfão, mas detentor de uma grande riqueza material, a título de herança.

Sentindo-se senhor de tudo que herdara, o jovem médico, dias depois da morte da mãe, sem qualquer impedimento para manifestar o seu repúdio contra Dodô, tratou imediatamente de desvinculá-lo da condição de criado da casa e, consequentemente, da família, como já vinha planejando.

– A partir de agora – disse, autoritário – você será apenas um empregado dessa casa. Para que isso fique claro, você receberá, mensalmente, um salário...

– Menino doutor – interrompeu Dodô –, não desejo receber qualquer pagamento pelo que faço aqui, onde fui criado e tão bem tratado pela sua avó, a benfeitora dona Isabel, e pelo anjo bom dessa casa, dona Tereza, a sua amada mãe.

– Espere, porque eu ainda não terminei de falar. Ouça com atenção: acabou a regalia! Doravante, você fará todos os trabalhos domésticos da casa, porque a partir de amanhã não quero mais ninguém a título de empregado, a não ser você, porque além da despesa com tanta gente aqui dentro, sem quase nada fazer, há muito objeto de grande valor aqui, e assim ficará mais fácil apurar, no caso de roubo, já que, além de mim, só há você aqui. E tem mais: quando eu não estiver em casa, não deixe nem mesmo o meu melhor amigo ultrapassar a porta de entrada. Entendido?

– Mas, menino doutor, para que tanto rigor?!

– Seu papel daqui para frente nessa casa será fazer o que eu mandar, sem questionar... Nunca reclamar, se quiser continuar aqui... senão, a porta por onde você entrou um dia, pela bondade da minha avó, está aberta também para sair.

Dodô, surpreendido com a atitude do menino doutor, como o tratava carinhosamente, saiu do local e se dirigiu à área ajardinada da mansão. Sentou-se num banco, fechou os olhos e logo começaram a passar por sua mente as imagens de cada cena, desde quando o carregava nos braços, passando pelas brincadeiras infantis, até quando ele foi para Portugal com o objetivo de estudar medicina. Quando Dodô se deu conta, lágrimas rolavam rosto abaixo.

O jovem médico não herdara apenas bens materiais, mas, sobretudo, as ideias do pai, Manoel Anório, que não demonstrava qualquer sentimento de afeição com as pessoas de cor negra, principalmente as que não tinham recursos financeiros, pois considerava o dinheiro a prioridade da sua vida.

Já a mestra, como era tratada Isabel, e a filha Tereza, uma eficiente

advogada, haviam sido consideradas, no meio onde desenvolviam suas atividades, mulheres brilhantes. Além das qualidades morais intocáveis, demonstravam-se bondosas e amáveis, resultado das observações que faziam, com bastante interesse, das luminosas lições de Jesus contidas no Evangelho, e de muitas outras fontes de conhecimentos, já que se encontravam sempre abertas a qualquer conceito sobre a vida, adotados ou não por religiões, contanto que coincidissem com os ensinamentos de Jesus, e sobretudo quando se tratava da prática da caridade, quer fosse no suprimento das coisas materiais ou do apoio moral, o que não perdiam oportunidade de fazer.

Os ascendentes da família chegaram ao Brasil, mais precisamente a Santa Catarina, na segunda metade do século XIX, onde, por meio da pecuária, do comércio e de negócios ligados a imóveis, conseguiram amealhar, no decorrer dos anos, uma grande riqueza.

Assim é que o doutor Lúcio, seguidor fiel dos costumes não recomendáveis do pai, em detrimento dos exemplos dignificantes da mãe, sem o amparo da crença em um ser supremo, e ainda jovem, mas senhor de tudo em sua volta, deixou-se afetar pela prepotência e pelo orgulho desenfreados. Nessa situação, passou a nada temer, pois ignorava a justiça divina e fazia pouco caso da justiça dos homens, já que, na sua ótica distorcida, o dinheiro compraria e calaria a todos.

Dodô, no entanto, apesar de tratado com rigor e menosprezo, mantinha-se paciente e tolerante, buscando todos os meios ao seu alcance para despertar o seu jovem patrão à busca do real sentido da vida. Para isso, ele aproveitava as horas de descanso e estudava com afinco o Evangelho, absorvendo o conhecimento das lições luminosas de Jesus e, além disso, pesquisando constantemente obras literárias disponíveis na biblioteca da casa, entre elas as preferidas de Isabel e Tereza, as quais eram mantidas sob os seus cuidados, guardadas em local onde somente ele tinha acesso, pois considerava a leitura um segredo. Fora isso, a alegria da sua vida era servir, motivado pelo argumento de que foi Jesus, o divino mestre, quem mais serviu e continuava servindo a todos.

Em defesa da vida

Onde vicejam dificuldades, sempre florescem experiências.
Dizzi Akibah

LOGO DEPOIS QUE o médico saiu, Dodô ia se dirigindo ao interior da casa para cuidar dos seus afazeres, quando ouviu alguém chamá-lo lá fora. Retornou e, ao perceber de quem se tratava, sorriu contente. Era Cidélia, uma jovem de agradável presença e de inegável beleza, que tinha uma relação amorosa com doutor Lúcio, para quem ela fazia, sem oscilar, todas as vontades, na ilusão de tê-lo como esposo e desfrutar de uma vida fácil e rica.

– Preciso muito da sua ajuda! – disse ela, sem perda de tempo, demonstrando aflição.

– Menina Cidélia, o que consigo fazer pelas pessoas é sempre muito pouco por causa da minha incapacidade. Mas, dentro do possível, tentarei fazer de boa vontade o que sirva para ajudá-la.

– Apenas algumas folhas para fazer um chá pode ser a solução do meu problema. Você, que gosta de fazer remédio de folhas, não encontrará

dificuldade para me ajudar.

– Mas antes eu preciso saber o que você está sentindo!

– Trata-se de um segredo que, além de você, ninguém mais, principalmente o doutor Lúcio, deve saber: eu estou grávida!

– Louvado seja Deus! Que esse espírito seja bem-vindo, menina Cidélia!

– Não! – exclamou a toda voz e prosseguiu. – Que não venha! Seria muito difícil para mim, porque certamente Lúcio me abandonaria! E isso não pode acontecer, já que a solução para minha vida está nessa relação. Do contrário, eu prefiro morrer! – disse, chorando.

– Menina Cidélia! – exclamou entristecido o criado da Mansão dos Anórios. – Eu sou a favor da vida! Conheço e cultivo algumas plantas na área da casa, como você mesma sabe, que servem para ajudar a restabelecer a saúde... preservar a vida! Nunca para prejudicar, conforme aprendi com o meu avô. Perdoe-me, mas eu não posso fazer o que me pede, porque a vida, mesmo em seus primeiros sinais, isto é, começando, é um dom do Pai Criador! Tenha coragem e siga em frente preservando o seu filho, pois não é certo matar, principalmente quando se trata de um indefeso, sem que esteja cometendo um crime perante as leis de Deus!

– Como pode ser isso? Por acaso eu não posso usar o meu corpo como desejo?

– Você pode, mas não deve, porque não tem o direito de determinar a morte de um ser que, embora esteja em seu corpo, não lhe pertence, porque antes de tudo ele é filho de Deus. Quem age à margem das leis divinas responde por isso, pois da justiça divina ninguém escapa.

– Sendo médico, Lúcio sabia que isso poderia acontecer! Mas, ainda assim, ele me abandonará e jamais assumirá a paternidade. Se eu persistir, como você me propõe, todos os meus planos e realizações, sonhos de melhoria de vida, ruirão. É justamente isso que não quero, e não posso! Se eu não encontrar a ajuda que preciso, farei com as minhas próprias mãos, e resultará não apenas no aborto, mas também na minha vida! – disse com o rosto molhado de lágrimas.

Dodô, assustado com a expressão da jovem, esqueceu-se da

recomendação do seu patrão e, além de mandá-la entrar, levou-a ao quarto de Lúcio e falou, revelando pelo tom da voz a bondade que portava no íntimo:

– Deite um pouco e relaxe!

Depois de alguns minutos, ele pediu:

– Menina Cidélia, não faça nada por agora! Dê-me tempo, o suficiente para pensar, mesmo porque eu não tenho entre as minhas plantas o que você me pede. Deixe seu endereço, para que no máximo em dois dias eu possa lhe procurar, levando a melhor solução.

Cidélia, durante algum tempo, fora funcionária do consultório médico do doutor Lúcio, que, ao vê-la pela primeira vez, se encantou com sua beleza física. Dominada pela empolgação, ela não resistiu aos constantes assédios e foi se entregando aos poucos ao médico, sem medir as consequências. Ele, por sua vez, enganando-a com promessas para o futuro, afastou-a do trabalho para evitar comentários, já que sabia ser ela de uma família sem recursos financeiros e residente na periferia da cidade, o que, no seu conceito, poderia ser ruim para sua reputação.

Ela, no entanto, imaginando que seria a grande oportunidade de uma mudança em sua vida e na dos familiares, deixou-se conduzir pelas intenções do médico, que, encontrando facilidade, passou a usá-la sem qualquer observação de suas responsabilidades. Mesmo sabendo-a necessitada, nada fazia por ela.

Cidélia saiu e Dodô foi cuidar dos seus afazeres, mas não conseguia se tranquilizar. No final da tarde, sentou-se no banco de sua preferência, entre as flores da área ajardinada da mansão, para contemplar o pôr do sol, hábito conservado havia muito tempo. Porém, como não conseguia se concentrar na beleza formada pelos últimos raios dourando as nuvens, por causa da decepção que sentia com o comportamento do doutor Lúcio e a ilusão de Cidélia, ficou conjecturando:

– Ora, essa menina, filha de família pobre, sonha, cheia de ilusões, em ser a esposa do rico e bonito doutor, que, apesar da aparência física e da fingida fineza de trato, sem querer julgar, não é flor que se cheire! O pior é que a

paixão desenfreada pode realmente levá-la ao suicídio!

Depois desse pensamento, ele fechou os olhos, amenizou as emoções e, concentrado, passou a balbuciar:

– Meu Deus, pai da vida! Diz-me senhor, que faço com esse segredo e que caminho devo seguir para que tudo acabe bem, conforme indicam as vossas leis?

Instantes depois de terminada a prece, exclamou, sorrindo:

– Já sei!

Em seguida, dirigiu-se ao amplo quintal da mansão, colheu muitas folhas, voltou ao interior da casa e, tranquilo por achar que já havia encontrado a solução, sentou-se numa poltrona, procurando compreender a explicação de Jesus, no diálogo que tivera com Nicodemos, sobre o "nascer de novo". Minutos depois, sentiu as pálpebras pesadas e disse:

– Nunca senti sono a essa hora!

Tentou levantar-se para reagir, mas, sentindo as pernas sem firmeza, recostou-se na poltrona, fechou os olhos e balbuciou:

– Meu Deus, o que está acontecendo comigo?

Em instantes, mesmo com o corpo físico já em sono profundo, viu-se como em sonho num lugar para ele estranho, e disse a si mesmo: "Onde estou? Que lugar é esse?"

Em seguida, ouviu uma voz pausada:

– Meu filho, não se aflija! Está tudo muito bem!

– Quem fala comigo?

– Sou eu, Isabel!

Como ele demonstrou estar alheio naquele momento, ela explicou:

– A avó de Lúcio.

Ele, que a tinha como sua benfeitora, porque fora ela quem o amparara na mansão quando criança, conforme narrado anteriormente, voltou a mente ao passado e respondeu:

– Sim, sim! É então a alma da amável e bondosa Isabel?

– Sim. Ouça atentamente o que vou dizer: faça tudo que puder para preservar a gravidez de Cidélia, porque esta é a oportunidade que foi dada

ao reencarnante de concluir o seu ajuste com a divina lei. Mas, para isso, ele precisa do vínculo de pai e filho, que já foi estabelecido entre ele e Lúcio. Ele não será criado por Cidélia, porque ela, na encarnação anterior a esta, suicidou-se. Por isso, a sua atual existência é complementar.

Dodô, que prosseguia no estado de desdobramento, mas imaginava estar sonhando, ficou curioso para saber o que significava "existência complementar", mas, ávido para resolver o problema de Cidélia, perguntou:

– Que faço, então, bondosa senhora Isabel?

– Por enquanto – respondeu ela –, faça o que pensou há pouco e, se surgirem situações embaraçosas, não perca a calma! Uma prece ao divino mestre abranda as emoções! E fique certo de que contará comigo, pois estarei sempre contigo quando houver necessidade, seja intuindo-o pelo pensamento ou desse mesmo jeito, em que te encontras, em desdobramento involuntário.

Momentos depois, o servidor da casa abriu os olhos como se estivesse acordando e, lembrando de tudo que acabara de ouvir, decidiu acatar as sugestões da benfeitora Isabel (espírito). Quando ia levantando da poltrona para acender a luz, porque a casa já se encontrava escura, ouviu o ruído de chave na fechadura. Percebendo que era o doutor Lúcio que acabara de chegar, dirigiu-se à porta e, quando o médico ia entrando, disse sorridente, tentando ser agradável:

– Oh menino doutor! Mas que surpresa vê-lo em casa tão cedo!

– Fique certo de que não é para ouvir a mesma conversa de sempre: Deus existe, Jesus é o nosso salvador, mude seu jeito de viver...

– Não se preocupe, doutor! Descanse a sua mente e acalme o seu coração, porque, como dizem por aí, enquanto o aluno não estiver pronto, nenhum mestre lhe aparece. A prova disso é que não ignoro a minha ignorância! Mas se o doutor não se zangar, peço que ouça o que vou dizer: embora eu seja solteiro por opção, não deixo de reconhecer que ser pai, bondoso e responsável, é uma das maiores realizações do homem que busca a alegria de viver.

Lúcio deu de ombros e, demonstrando no semblante a pouca importância

que fazia questão de dar ao servidor da casa, disse, ensaiando um sorriso desdenhoso:

– Melhor que vá para o seu quarto, pois hoje eu quero ficar sozinho, sem ouvir as suas bobagens.

– Mas que bom, menino doutor! Eu estou muito cansado, fazendo tudo sozinho nesta casa tão grande!

Uma hora depois, quando ele já estava em sono profundo, acordou assustado com gritos do médico, que batia fortemente na porta do quarto.

– Meu Deus, o que será agora? – abriu a porta e o médico entrou com um travesseiro na mão. Aproximou-se e colocou-o à altura do nariz do empregado, empurrando-o com toda força do braço e bradando:

– Cheire, cheire e me diga: o que significa isso?! Que perfume é esse em meu travesseiro?

– Não sei! Não conheço nenhuma marca de perfume. Você que usa sempre é quem deve saber!

– Então alguém esteve aqui em casa e você deixou entrar. Quem? Fala!

– Para não faltar com a verdade, foi a menina Cidélia.

– O que ela queria, já que sabia da minha ausência?

– Ela não queria nada que lhe pertence. Estava muito aflita e veio me pedir conselhos, imaginando, a coitadinha, que eu tinha como ajudá-la! Mas quem sou?

– Nem precisava perguntar, porque esse é mesmo o perfume dela!

– Isso mesmo. Você é quem realmente deve saber. Não eu! Só tive até agora uma namorada, mas ela não usava perfume assim, tão gostoso como esse – falou sorrindo, tentando acalmar o seu jovem patrão, e completou: – Por que ficar zangado com isso? Ela é uma bela moça e se deixou o seu travesseiro assim perfumado, foi para agradar. E quem faz isso, deve sentir, pelo menos, um pouco de carinho!

– É uma interesseira. Não a quero aqui em minha casa.

– É difícil entender quem se encontra numa situação melhor ou pior: se ela, que você tem como interesseira, ou você, que, mesmo pensando assim, explora-a e a engana com promessas que não pretende cumprir.

Ouvindo isso, o médico, que se dirigia à mesa, pois ainda não havia jantado, aborrecido, retirou-se da sala, mas Dodô o seguiu:

– Acalme-se, menino doutor! É bom não se irritar com pequenas coisas, a ponto de deixar até de comer!

– É isso mesmo. Pode retirar o jantar, porque você me fez perder o apetite.

***

TRÊS DIAS DEPOIS da visita de Cidélia, Dodô, de posse do endereço, foi à sua procura. Ao chegar ao local, ficou surpreendido com a pobreza do lugar. A pequena casa ficava numa ribanceira e o seu aspecto denunciava a carência que, certamente, seus moradores experimentavam. Como a janela estava aberta, ele chegou em frente e chamou. Uma mulher, aparentemente contrariada e reclamando com o marido, ao vê-lo foi logo falando, impaciente:

– Se veio pedir alguma coisa, bateu na porta errada, porque não tenho nada para dar!

– Graças a Deus, eu não estou precisando de nada, a não ser falar com Cidélia. É aqui mesmo que ela mora?

– É, sim! Ainda está dormindo! Desde que saiu do emprego, chega em casa quase sempre muito tarde. Tudo errado nessa casa, meu senhor! Espere um pouco, eu vou acordá-la.

Momentos depois, Cidélia apareceu sonolenta e, tentando se situar, perguntou:

– Você aqui?! Oh, isso me alegra! Certamente trouxe o que eu pedi.

– Sim, menina Cidélia, mas antes eu preciso ter uma conversa com você.

Desceram a ribanceira, com cuidado, porque ficara escorregadia depois de uma chuva e, num local mais reservado, ele entregou a encomenda.

– São as folhas? – perguntou ela com muito interesse.

Com o propósito de desviar o assunto, para não responder a pergunta, ele explicou, entregando-lhe uma garrafa cheia de líquido:

– Isso aí é um preparado de folhas que você deve tomar uma xícara agora pela manhã, outra à tarde, e a última na hora de dormir. O mesmo procedimento amanhã e depois. São três dias. Só depois disso você abre esse envelope e segue, rigorosamente, as indicações contidas nele.

– Seguirei, sim, todas as suas instruções.

– Há ainda uma recomendação: não deve, por enquanto, se encontrar com o doutor... Perder noite...

Reconfortada pela esperança de se livrar da gravidez, ela agradeceu-o com um abraço e, em seguida, entregando-lhe um pedaço de papel explicou:

– É o endereço de uma amiga onde eu vou ficar por estes dias, para evitar que a minha mãe, que já é tão sofrida, piore ainda mais, sabendo disso.

Dodô deixou o local, satisfeito com o que estava fazendo, pois na sua concepção não havia nada melhor no momento.

Naquele mesmo dia, ao chegar à casa ainda mais cedo do que no dia anterior, o doutor Lúcio foi logo perguntando:

– Não deixou ninguém entrar aqui, não é mesmo?

E, sem esperar a resposta, prosseguiu interrogando:

– Mandou as roupas para a lavadeira? Limpou a casa, preparou o jantar?

Dodô ficou olhando em silêncio para o médico e, a seguir, em vez de responder, fez a seguinte pergunta:

– Menino doutor, quando foi que eu, porventura, deixei de cumprir as obrigações que me são impostas?

– Isso não responde! Fez ou não fez tudo que acabei de perguntar?

– Já que você estudou tanto, deveria saber que a impaciência e o mau humor são atitudes nocivas ao corpo físico e desagradam muito a quem está por perto.

O criado foi à cozinha e, depois de servir o jantar, observando o médico, que estava sentado na poltrona em silêncio, perguntou, bondoso:

– Está se sentindo só, não é mesmo?

– Que pergunta boba! Quem às vezes não se sente só?

– Eu acho – respondeu Dodô – que quando fazemos boas amizades, quando dividimos as nossas alegrias com os outros e quando permitimos que o amor encha por inteiro o íntimo, dificilmente nos sentimos sozinhos.

– Você e os seus bobos conceitos.

Fazendo de conta que não ouviu, Dodô mudou imediatamente para o assunto que lhe interessava:

– Nunca pensou, menino doutor, no carinho que o senhor Manoel Anório lhe dedicava? Na alegria com que atendia os seus pedidos e satisfazia os seus caprichos? Na satisfação com que segurava a sua mãozinha de criança e o abraçava amorosamente?

– Oh! Enfim você tocou em um assunto agradável, mas, ainda assim, não diz respeito ao que falava há pouco. Mas me diga: o que você está pretendendo com essa conversa?

– Respondo com outra pergunta: não pensa em experimentar essas mesmas emoções, apertando nos braços e aconchegando ao coração um filho?

Dodô desejava muito resolver a situação de Cidélia e, por isso, tocava no assunto que tanto lhe interessava, observando as reações do médico, que se mostrava irredutível:

– Conversa encerrada! Esse é um assunto que não tenho o menor interesse de tratar, porque não gosto de complicação. Um filho precisa de um lar. E o lar é constituído, inicialmente, de pai, mãe... E fique sabendo de uma vez por todas que eu, em nome da gratidão que devo à minha mãe, que me deixou a maior parte da herança, e ao meu pai, que tanto fez para ampliá-la e transformá-la numa grande riqueza, jamais a dividirei com quem quer que seja! O filho já nasce herdeiro. A mãe, por ser esposa, logo, logo se julga no direito de exigir o que nada fez para merecer... Nem casamento e nem filhos! E não me toque nunca mais nesse assunto.

– Menino doutor diz isso porque ainda não amou de verdade uma mulher. Se eu viver mais alguns anos, verei! Você é doutor, mas não sabe que o amor é muito mais valioso do que qualquer interesse em bens materiais.

– Você pensa assim porque não está no meu lugar!

– Sou mais rico do que você, porque sinto paz e não vivo preocupado com coisas materiais, já que não as possuo. Penso que é melhor assim, por entender que tudo que existe faz parte do universo. Nada nos pertence. Seu Manoel Anório, mesmo sabendo que a maior parte dos bens estava no nome de dona Tereza, só porque tinha dela uma procuração, achava que tudo era dele. Pergunto: ainda é? Mas de qualquer maneira, ele raciocinava um pouco melhor, porque pensava no filho como seu herdeiro, no caso, você mesmo, menino doutor. O qual, quando terminar essa existência, deixará tudo que pensa lhe pertencer para quem? Quem será o proprietário, sabe me responder?

Porque o médico ficou pensativo, ele continuou falando:

– Não seria melhor ter, pelo menos, um filho como herdeiro, como fez o seu pai?

– Não estou preocupado com isso e nem quero pensar em morte, porque deve estar ainda muito longe! Conto só trinta anos, tenho uma ótima saúde... Se por acaso adoecer, tenho dinheiro de sobra para procurar, em qualquer lugar do mundo, os melhores recursos da medicina!

– Oh menino doutor, como você precisa conhecer o que se encontra além das nossas possibilidades e pobres percepções! São tantas as situações e circunstâncias que surgem, e o dinheiro, por muito que seja, não resolve!

– Dodô! – falou Lúcio, mudando repentinamente o tom da voz. – Não abuse da minha bondade. Ora, nem sei por que estou aqui lhe dando atenção! Seus conceitos servem somente para si mesmo. Se você fosse um pouco inteligente, saberia medir a distância entre nós e descobrir a diferença entre uma mente esclarecida e uma obscura.

– Eu diria a diferença entre já estar no amor ou ainda na dor, e ter que percorrer uma longa e extenuante distância para chegar ao amor! Eu compreendi o que você está insinuando, e isso me motiva a lhe fazer uma

última pergunta: as senhoras sua avó, dona Isabel, e sua mãe, dona Tereza, tinham mentes obscuras?

– Oh, que comparação esdrúxula! Mas é claro que não. Você mesmo sabe que a minha avó foi professora, dentre as mais respeitadas. Graças à sua sabedoria, todos tratavam-na de "mestra das mestras". E a minha mãe, além de ser uma mulher de grande nobreza, conquistou um título ainda raro entre as mulheres. Foi uma excelente advogada, quando essa profissão é exercida quase exclusivamente pelos homens. E por hoje chega de ouvi-lo! Afinal, Dodô, você só aprendeu a ser empregado doméstico, e não adianta eu me esforçar para lhe esclarecer os meus pontos de vista, porque você não demonstra capacidade para entendê-los!

– Os meus conceitos, que para você, menino doutor, nada valem, me foram transmitidos por elas. Entenda agora o porquê da minha pergunta.

– Se elas pretendessem realmente fazer isso, seria comigo e não com você. Não perderiam tempo com um criado...

– É uma pena que você, doutor, nem conversava com elas! Só com o senhor seu pai, que, com todo respeito, não acreditava em mais nada a não ser no ilusório poder do dinheiro.

Três dias depois desse diálogo, o servidor da casa, mesmo na expectativa do resultado da sua ajuda a Cidélia, percebeu que doutor Lúcio se encontrava aparentemente mais calmo... Reflexivo. Chegou cedo, sentou-se na poltrona de sempre, por questão de preferência. Logo que Dodô entrou na cozinha para servir o jantar ao patrão, ouviu-o chamá-lo e foi rapidamente atendê-lo:

– Sempre às ordens, menino doutor!

– Você sabe onde reside Cidélia?

– Não! – respondeu secamente.

– Pode me dizer o porquê dessa cara feia?

– Feio sempre fui.

– Doriano, levante a vista e olhe para mim! Essa atitude é de quem não está com a consciência tranquila e, por isso mesmo, falta coragem para olhar nos olhos do outro. Você deve estar tentando me esconder alguma

coisa!

– Não esconderia nada referente aos seus interesses – disse e saiu pensando: “Às vezes o segredo me obriga a fazer algo que abomino, por achar muito feio: a mentira!”.

No dia seguinte, quando já estava de saída para ir à procura de Cidélia, o servidor da mansão ouviu-a chamando lá fora. Ao vê-la, não escondeu a satisfação que sentia:

– Oh menina Cidélia, sua presença é motivo de grande alegria para mim!

Ela se aproximou e abraçou-o, cheia de emoção:

– Eu vim agradecê-lo pelas mensagens que você colocou no envelope, as quais mudaram o rumo da minha vida! Jamais pensarei em tentar contra a minha própria vida nem em provocar aborto, pois nunca imaginei que fosse algo assim tão sério! O pior é que, quando tomei essa decisão, já havia ingerido todo o conteúdo da garrafa, e você me disse que o efeito se daria no terceiro dia... Exatamente hoje! Agora eu preciso da sua ajuda, porque não quero mais abortar.

O bom serviçal da Mansão dos Anórios riu alegremente e, em seguida, falou convicto:

– Fique tranquila, menina Cidélia, porque o conteúdo da garrafa era apenas um chazinho para você acalmar sua mente e poder compreender o sentido das mensagens. Por isso, fique certa de que o molequinho vai nascer bonito e sadio!

– Você acha que vai ser um menino? Como sabe disso?

– Oh menina Cidélia! Às vezes, sem observar o que estamos dizendo, falamos o que não devemos!

Ele disse isso tentando encerrar o assunto, para não responder à pergunta de Cidélia. Mas, percebendo-a na expectativa da resposta, e sem querer desapontá-la, esclareceu:

– Sei que se trata, realmente, de um menino, mas não devo dizer de quem tive a informação. Por enquanto não, porque você, menina Cidélia, não acreditaria.

– Se eu não acreditasse na sua sinceridade, não teria acatado as suas

sugestões e também não estaria agora tão convicta de que agi certo, diante do que li nas mensagens, e muito satisfeita pela possibilidade de ser mãe, apesar de saber que o futuro é preocupante para mim e uma criança...

– Menina Cidélia, cuidado com o que pensa, porque o pensamento é o condutor do destino que traçamos para nós. E quando pensamos fortemente em alguma coisa ou situação, podemos já estar estabelecendo o acontecimento, que pode ser bom ou ruim, a depender do tipo de pensamento. Assim sendo, não diga que o futuro lhe será preocupante! Diga que ele lhe será risonho!

– Mas a verdade, Dodô, é que eu não tenho onde morar, porque na casa dos meus pais, mesmo que eles me aceitassem como mãe solteira, não serviria... O ambiente não é recomendável para uma criança e… trabalho, nem pensar, porque ninguém emprega gestante!

– Seu filho tem um pai. Você não o gerou sozinha!

– Lúcio não deve sequer tomar conhecimento disso, porque, mesmo agora contra a minha vontade, me forçaria a praticar o aborto. O que ele está acostumado a fazer com mulheres jovens da classe rica, que o procuram para ocultar o resultado de um comportamento não recomendável, como o meu próprio exemplo.

– Nem assim ele deixa de ser o pai, embora seja muito difícil comprovar, uma vez que será a sua palavra contra a dele. E, como a dele tem mais peso, por causa da influência do dinheiro... Mas eu tenho uma boa ideia. Penso que vai dar certo o que eu quero fazer, porque tem gente, além de nós, interessada no assunto.

Ele se referia a Isabel e Tereza, que, mesmo desencarnadas, se interessavam muito pela educação moral de Lúcio e pelo espírito que reencarnaria por meio de Cidélia.

– Eu me refiro, ainda – insistiu Cidélia –, ao meu sustento até ele nascer, e depois, enquanto for pequeno, porque será difícil sair para trabalhar.

– Menina Cidélia, não duvide de que a vida pode sofrer mudança de rumo, e nem sempre as coisas são assim tão ruins ou difíceis como pensa. Fique despreocupada, porque a partir de hoje não lhe faltará nada. Você terá

boa alimentação, porque eu vou lhe ajudar.

Cidélia ficou assustada, pois, apesar de constatar a bondade das ações de Dodô, não o conhecia o suficiente para saber quais as suas reais intenções. Por isso, disse, resoluta:

– Eu não posso aceitar, porque não há motivo que justifique toda essa sua dedicação para comigo, sem que haja um interesse...

– Compreendo a sua hesitação, mas não passa pela minha mente o que você deve estar pensando e lhe deixando receosa. Sou um homem de cinquenta anos. Muitos nessa idade ainda casam. Se eu quisesse, também já teria me casado, porque não me faltam condições para isso. Mas preferi ficar solteiro e permanecer nesta casa, em gratidão à minha benfeitora dona Isabel e também à dona Tereza, para mim, duas raríssimas pessoas, que ainda em vida me pediram para que eu não deixasse a mansão, por causa do menino doutor. E por isso, há muito tempo elas abriram uma conta no banco em meu nome e passaram a fazer depósitos, pensando no meu futuro. Elas me disseram uma vez que faziam isso porque não sabiam se, quando não estivessem mais entre nós, o menino doutor me aceitaria na casa, como elas desejavam. E depois que passei a receber salário, pelos trabalhos domésticos, juntei ainda mais dinheiro, pensando em comprar uma casa, para, se o doutor cumprir a qualquer tempo as constantes ameaças de me pôr fora daqui, eu ter onde residir. Mas agora vou fazer isso rapidamente e você poderá morar nela, enquanto houver necessidade.

Fez uma pausa e, em seguida, disse resoluto:

– Quanto ao seu sustento, já que nada me falta nessa casa, vou passar para você o salário que recebo mensalmente. O que sobrar da sua alimentação, aproveite para ir comprando o enxoval do molequinho!

Cidélia abraçou-o, com o rosto molhado por lágrimas, brotadas da forte emoção.

Alguns dias depois, o serviçal da Mansão dos Anórios entregava as chaves da casa que conseguira comprar e, por compreender que realmente seria difícil a gestante conseguir uma ocupação, já que na época ainda não existiam leis que garantissem esse direito, reafirmou o seu compromisso de

sustentá-la com os seus vencimentos enquanto lhe fosse possível. Com as chaves na mão, Cidélia abraçou chorosa o amigo e externou, assim, os seus sentimentos:

– Gostaria de chamá-lo de pai. O meu pai, infelizmente, se tornou inválido por causa da bebida alcoólica e, por isso, tornou-se também irresponsável em relação à casa e à família.

– Não seria melhor que você o considerasse um doente e sentisse compaixão?

– Sim, é verdade! Mas isso não mudaria a situação.

– Seria o primeiro passo dado para ajudá-lo, porque o sentimento de compaixão é uma expressão do amor. E o amor pode muito, minha filha!

– Você acha que eu posso ajudá-lo?

– Para ajudar aos outros é preciso, antes, aprender a guiar os próprios passos, e isso é possível porque Deus já nos dotou de todas as possibilidades necessárias ao crescimento, pelo despertar de potencialidades que estão adormecidas em nós mesmos. É só tentar acordá-las.

– Como você aprendeu a viver com tanta bondade e sabedoria?

– Não se engane, menina Cidélia! Vou te responder com uma frase que encontrei em um livro que gosto muito de ler: *A única coisa que realmente eu sei é que nada sei*. Mas um pouquinho de compreensão que consegui sobre a finalidade da vida foi lendo bons livros, inclusive o Evangelho de nosso senhor Jesus Cristo.

– Eu nem conheço esse livro! Você acha que, se eu quisesse, conseguiria aprender também alguma coisa para mudar o meu jeito de viver?

– Sem dúvida! Se for esse realmente seu interesse, posso emprestar os mesmos livros do meu uso. E já que, por enquanto, você só vai cuidar de si mesma até o neném nascer, aproveite para transformar o tempo em algo precioso.

Vendo sem crer

Enquanto a bondade não é despertada, os espinhos da indiferença cravam o coração dos que não desejam amar.
Dizzi Akibah

O DOUTOR LÚCIO, que se encontrava cismado com a ausência de Cidélia, pois ela não mais o procurara, saiu do consultório médico e seguiu direto para um restaurante, ponto de encontro com os amigos de classe, que já estavam habituados a se reunir madrugada adentro, movidos pelo efeito do álcool. O ambiente, sob a ótica distorcida dos que se sentiam em um pedestal mais alto, era considerado de alto nível. Entretanto, visto pelo lado da verdade e sob o olhar da espiritualidade, não era moralmente sadio, pois a baixa vibração acabava atraindo desencarnados viciados, que passaram a residir na casa.

Lúcio chegou ao local ainda muito cedo. Não vendo os companheiros de noitada, pois ainda não haviam chegado, dirigiu-se a uma mesa num canto mais isolado do salão, mas bem visível para quem passava pela rua. Logo que se acomodou na cadeira, sentiu vontade de não participar, naquela noite, dos desregramentos de sempre. Pensou em ir direto para casa, mas

lembrou-se de que lá acabaria se sentindo só, já que não considerava Dodô uma companhia à "sua altura", porque, além de menosprezá-lo por ser descendente de escravos, os assuntos que seu empregado abordava despertavam sua consciência, que, por sua vez, o alertava para uma mudança de comportamento, o que ele não queria. Por isso é que se aborrecia e, mesmo sabendo que o criado não estava errado, contestava veementemente o que ele dizia com bondade e sincero interesse, desejoso de que o patrão adotasse um procedimento moralmente sadio.

A dúvida o fez permanecer no local até quando percebeu que um homem com aparência jovem, após dirigir o olhar em sua direção, foi ao seu encontro. Depois de cumprimentá-lo, começou a falar compassadamente:

– Penso que falo com o doutor Lúcio, estou certo?

– Sim – respondeu sem esconder o menosprezo pelo visitante desconhecido, e perguntou: – Que deseja?

– Particularmente, nada. Entretanto, o assunto que tenho a tratar considero de grande importância para o doutor!

– Acho que o senhor está enganado, porque tudo que se refere a mim está sob controle. Posso garantir que sou um homem realizado, e tudo que desejo tenho na mão. Sou uma pessoa socialmente importante. Por isso mesmo, seja qual for seu assunto, a mim não interessa – respondeu duramente.

– Não discordo do seu pensamento. Mas há em seu semblante o sinal de um inimigo interior que repele a possibilidade da paz. Por isso mesmo, o senhor não consegue se livrar da ansiedade com que busca sensações inconvenientes, produzidas pelo uso de bebidas alcoólicas e pela sensualidade, sem compromisso com a moral. Não se trata de qualquer julgamento ou crítica, pois devo respeitar seu livre-arbítrio.

– Como sabe da minha vida, para descrevê-la de tal maneira? – perguntou Lúcio, contrariado.

– Garanto que nada saberia sobre você e sequer o procuraria se alguém que muito lhe preza não houvesse me pedido isso. Essa pessoa chama-se...

Parou de falar, pegou no bolso da roupa uma folha de papel, que pôs

sobre a mesa, e um lápis, que, ao segurar entre os dedos, começou a se movimentar e rapidamente deixou uma assinatura no papel. Doutor Lúcio ajeitou os óculos e, ao constatar a quem o nome pertencia, disse, nervoso:

– Você deve ser um impostor qualquer, decidido a me importunar. Posso mandar prendê-lo por falsificação!

O desconhecido sorriu, demonstrando tranquilidade, e respondeu:

– Essa pessoa encontra-se aqui do meu lado e pede que você adote um melhor comportamento enquanto há tempo, porque a vida física passa rápido, assim como um sopro do vento um pouco mais forte apaga a chama da vela. Mas são os vendavais que arrastam, de um momento para outro, os falsos poderes ostentados e mantidos pelo dinheiro, pelo intelecto, mas nunca pelo aprimoramento moral.

Embora se sentindo incomodado, Lúcio ficou sem reação, mas ainda assim protestou:

– Eu não preciso ouvir o que não desejo, principalmente de quem sequer conheço!

– A pessoa a que me refiro – respondeu o desconhecido – pergunta se você ainda se lembra de quem lhe deu, certa vez, esta mensagem: Cegos são os que não aprenderam a ver, e surdos são aqueles que fecham os ouvidos à verdade.

Depois de pequena pausa, disse ainda:

– Ela afirma que isso foi guardado por você mesmo, onde se encontra o seu diploma de médico.

Doutor Lúcio levantou-se repentinamente da cadeira e retrucou:

– Não aceito essa insinuação, porque eu sou ateu! É por isso que tento gozar a vida da minha própria maneira, enquanto sou jovem, e até quando a vida me permitir!

– Ela está dizendo, ainda, que é bom você tomar cuidado com o fígado, não só por causa da bebida alcoólica, mas, sobretudo, pelas reações bruscas, principalmente no trato com as pessoas mais pobres.

– O médico aqui sou eu. E sei cuidar de mim! Desapareça da minha presença, para que eu não perca a paciência e mande imediatamente

prendê-lo.

– Passe bem, nobre médico! E se o vendaval da vida tentar arrastá-lo, conte comigo, pois nada desejo em meu próprio proveito. Quanto a esse encontro, pense direito e procure atender ao pedido da pessoa cuja assinatura está aí no papel, o qual faço questão que leve, porque diz respeito a um ente muito querido do seu coração que tentou, dessa forma, ajudá-lo. Ah, sim: esse é o endereço onde posso ser encontrado. Peço para guardá-lo, porque é possível que seja essa a porta que lhe será aberta para o traçado de um novo destino – disse, estendendo a mão e levantando-se da cadeira que ocupara mesmo sem ter sido convidado.

Em seguida, desapareceu rua abaixo, enquanto o médico, com o papel ainda na mão, falava para si mesmo: "Sempre aparece alguém para me tirar a tranquilidade".

Resolveu sair do local, pois o diálogo inesperado tirou-lhe a vontade de estar com os amigos. Depois de andar bastante, tentando esquecer o que denominou de incidente, chegou a uma das principais praças da cidade. Logo que se sentou num banco, uma mulher se aproximou e perguntou-lhe:

– Pode me dar um pouco da sua atenção?

– Você de novo a me importunar? Saiba de uma vez por todas que eu não quero ouvi-la, seja qual for o assunto!

Naquele mesmo dia, para admiração de Dodô, antes das oito horas da noite o médico já se encontrava em casa. Ao vê-lo, ainda entrando, aproximou-se:

– O jantar está servido. Precisa de mim para mais alguma coisa? – perguntou já saindo.

– Penso que não! Mas, se for o caso, chamo-o!

O empregado fechou a porta, pegou entre os livros que mantinha escondidos de Lúcio o que mais gostava. Mas, antes de começar a ler, como era sua intenção, ouviu o seu jovem patrão chamá-lo e foi rapidamente atendê-lo.

– Não gostaria de conversar um pouco antes de dormir?

– Que teria esse pobre ignorante para conversar com o sábio doutor?

Minha conversa só tem importância para pessoas como eu. Portanto, me dê licença!

– Sente-se aí! – disse Lúcio apontando a cadeira: – É uma ordem. Agora, relaxe e me diga por que esse seu insistente interesse de falar sobre a existência de Deus, Jesus, vida após a morte? Mesmo sabendo que não acredito... Para que me dizer essas coisas?

– Menino doutor, vi-o pequeno nos braços da senhora Tereza. Carreguei-o muitas vezes, também, nos meus braços. Acompanhei o seu crescimento até ficar adulto. Senti muita alegria quando você retornou dos seus estudos em Portugal, trazendo o diploma do curso de medicina, embora não houvesse me mostrado.

Depois de uma pequena pausa, percebendo que o médico estava atento, prosseguiu:

– Não tive a satisfação de ser pai, porque dediquei minha vida a esta casa e aos seus proprietários, como gratidão à bondosa dona Isabel, por ter aqui me acolhido, e à dona Tereza, por ter me tratado com a bondade de uma santa, mas isso não retira do meu íntimo a possibilidade de sentir o amor paterno. Embora esse sentimento esteja guardado só para mim, por compreender que você se sentiria muito infeliz se tivesse um pai negro, sem valor, como sou visto pela sua ótica.

Qualquer outra pessoa com sensibilidade certamente se levantaria do lugar onde estivesse sentada e daria pelo menos um abraço de gratidão no bom criado. Lúcio, no entanto, ensaiou apenas um sorriso sem graça e perguntou, com ar de crítica:

– Quer dizer que, se você tivesse um filho, o educaria segundo o seu pensamento. E, tudo isso sendo ilusão, como penso, que seria desse filho? Ainda bem que ele não existe!

– Se eu tivesse um filho, certamente não seria doutor, porque eu não teria condições de mantê-lo no estudo até esse ponto. Mas saberia, pelo menos, que tudo que existe, desde a Terra até todo universo, que não foi criado pelo homem, tem um autor, porque não há efeito sem causa. E, mesmo que não soubesse o seu nome ou qualquer outro atributo, eu o respeitaria em

reconhecimento à sua superioridade. Considerando a hierarquia, eu, que sou apenas um empregado doméstico, não o respeito pelo seu título de doutor?

Respirou fundo, depois de uma pausa , e voltou a falar:

– Esse filho saberia, também, que a vida não vale pelo que supostamente temos, mas, sobretudo, pela qualificação moral. Saberia que o entendimento e o respeito ao direito do outro enseja o amor fraterno, que é o elo entre todas as criaturas. Assim, teria cuidado para não se comportar de maneira que prejudicasse aos outros e a si mesmo; saberia da mesma forma querer para os outros o que desejasse para si mesmo. Assim, não enganaria e nem brincaria com sentimentos dos outros; não exploraria a fragilidade de muitas jovens que às vezes se deixam enganar por uma conversa bonita, cheia de falsas promessas, e acabam caindo na malha da maldade e da insensatez daqueles que pensam que podem tudo. Pelo menos, doutor, esse filho não seria absolutamente apegado às coisas materiais, porque eu lhe diria que nada nos pertence, pois, além de tudo passar tão rápido, o apego escraviza. Esse filho, doutor, poderia cultivar bons sentimentos, porque eu me esforçaria para exemplificá-lo e...

– Você não acha melhor conduzir a sua conversa sem indiretas? – Lúcio interrompeu abruptamente.

– Apenas respondi à sua pergunta. A resposta não poderia ser dada tão somente com uma frase. Agora, se me permite, vou descansar o velho corpo...

– E ver também se, com todas essas ideias fora da realidade prática, consegue ter uma boa noite – desdenhou o médico.

Dodô deixou a sala. Doutor Lúcio, impressionado com os argumentos do seu empregado, começou a pensar:

– Isso me confunde... Não consigo compreender como pode uma pessoa que aprendeu apenas a ler e a escrever, e com toda uma vida dedicada a trabalhos domésticos, expressar-se desse jeito! Onde teria ele conseguido essa facilidade de comunicação e tanta fluência ao falar?

Ainda com esse pensamento, deitou-se e logo que adormeceu viu, em desdobramento involuntário pelo sono, um grupo de espíritos que passara a

persegui-lo. Amedrontado, despertou no corpo físico e, imediatamente, foi procurar o servidor da casa:

– Dodô, levante! Estou precisando de você!

Antes que o criado perguntasse alguma coisa, Lúcio foi logo falando:

– Tive um pesadelo horrível e não estou me sentindo bem.

– Isso pode ser um simples problema de sintonia, mas também algo mais sério, como débitos do passado.

– Sintonia?! Mais uma das suas... Venha logo!

– Você poderia receitar um medicamento para si mesmo. Mas, já que não faz isso, vai tomar um chá de folhas de alfazema para acalmar os seus nervos!

Depois do chá, o médico começou a narrar o que definiu como pesadelo:

– Eram três. Com fisionomias odientas, passaram a me xingar com nomes depreciativos e fazer acusações, nesse tom: "Você, além de tirar tudo que era nosso, agora, para piorar a situação, ajudou a matar os nossos irmãos antes de nascerem! Você é um ladrão e criminoso". Dois me seguraram, e o outro passou a me agredir. Sem forças para reagir, fui tomado de pavor ao ouvir um deles gritar no meu ouvido: "Farei o que puder para que você perca tudo que recebeu sem esforço, pois foi deixado por seu pai, que era igualzinho a você. Você é um traidor! Seu título de doutor nada vale para nós!". Sem saber o que fazer para me livrar deles, percebi mentalmente a imagem da minha mãe e, mesmo na situação difícil em que me encontrava, lembrei-me do que ela me disse um dia: "Meu filho, o pensamento, quando direcionado ao bem, pode mudar qualquer situação". De repente, me nasceu um grande desejo de mudar a minha vida para melhor e, sem entender, fui tomado por uma forte disposição. Foi assim que consegui me livrar do pesadelo. Acho que o jantar que você preparou me provocou má digestão...

– Menino doutor, isso não se chama má digestão e, sim, má compreensão sobre o jeito de viver.

Ainda pálido e suando, Lúcio voltou-se para Dodô e ordenou:

– Silêncio total em relação a isso! Do contrário, podem pensar que eu estou enlouquecendo. Apesar de discordar de você em muitas coisas, não

tenho motivo para desconfiar da sua honestidade, em se tratando dos seus deveres para com esta casa. Por isso, sei de antemão que você guardará esse segredo.

– Menino doutor, o que acontece no interior desta casa daqui não sai.

Disse isso, mas já estava planejando pedir a ajuda aos companheiros de um grupo de estudo da doutrina espírita, pois suspeitava ser o começo de uma obsessão.

Era mais um segredo que, graças à fidelidade do bom serviçal, não sairia da Mansão dos Anórios. Mas, para manter essa atitude de lealdade, Dodô mantinha, também, a autovigilância para não deixar escapar, já que toda criatura humana sente necessidade de se expressar, sobretudo quando o assunto é preocupante e exige solução.

O criado da casa fez companhia ao médico, que estava amedrontado, até o dia amanhecer. Mas logo que ele saiu para suas atividades, Dodô começou a repassar pelo pensamento as lições luminosas de Jesus e fixou a mente na que recomendava, aos que quisessem segui-lo, carregar a sua cruz. Depois de meditar sobre esse ensinamento, sentiu-se mais encorajado e afirmou para si mesmo:

– Deus não colocaria em nossos ombros peso superior à nossa força.

Depois disso, tranquilizou-se, acomodou o corpo na cama e dormiu. Momentos depois, em desdobramento pelo sono natural, ouviu alguém falando e, cheio de curiosidade, pensou: “Essa voz parece a da respeitável e bondosa dona Isabel”...

– Sim, meu filho – respondeu a entidade, sorrindo –, sou eu mesma.

Ouvindo isso, o pensamento de Doriano foi direto aos problemas ligados ao doutor Lúcio e Cidélia. Sua intenção era pedir orientação, mas, mesmo sem que ele tenha pronunciado qualquer palavra, ela respondeu:

– Não se aflija! Em vez disso, confie nas leis de Deus e na Justiça Divina. Entretanto, não deve, em nenhuma hipótese, tentar mudar uma situação causada por uma semeadura de sementes mal selecionadas, porque a colheita estabelecida pelo comportamento da pessoa é obrigatória. Por isso, não pense em alterar o que se encontra, por lei, já definido. Por outro lado,

você pode ajudá-lo se ele aceitar a sua ajuda.

Dodô quis saber se agia bem, dispondo dos seus poucos recursos para amparar o filho de Cidélia, já que ela não dispunha de quase nada, ou se seria melhor tornar o doutor Lúcio consciente do que estava ocorrendo para que ele assumisse sua responsabilidade.

– Faça bom uso da bondade que você já sente pela criatura humana. A bondade, filha do amor, quanto mais usamos, mais a temos. Não deve tratar do assunto com Lúcio, porque ele, além de se revoltar contra a moça, como se fosse ela a única responsável pela gravidez, pode forçá-la à prática do aborto, o que não deve ocorrer em nenhuma hipótese! No porvir, as circunstâncias o levarão a tomar conhecimento da verdade. Se ele, por si só, não mudar o rumo de sua vida, a própria vida o encaminhará à necessária educação moral, que será trabalhada provavelmente pela dor.

Percebendo que Dodô ficara preocupado, depois de pequena pausa ela concluiu:

– Não esqueça que a vida, durante a longa caminhada evolutiva, faz uso de mecanismos necessários para o próprio burilamento, os quais são movidos pela justiça divina. E um deles é a dor, ponto de partida para se chegar ao amor.

Dodô retornou ao corpo físico e nele despertou confortado, disposto para as suas atividades daquele dia, e tão animado, que passou a cantarolar uma canção portuguesa, a qual Isabel gostava de entoar, quando ainda encarnada.

***

NAQUELA MESMA SEMANA, Sara, uma amiga de Cidélia, foi visitá-la.

A gestante já estava residindo na casa que Dodô comprara para esse fim. Percebendo que a amiga se encontrava sozinha e triste, Sara perguntou-lhe:

– Cidélia, minha amiga, você acha mesmo que vale a pena manter essa gravidez, já que o pai da criança sequer tem conhecimento disso, conforme você mesma afirma?

– Sara, é isso que me deixa realmente confusa, porque estou sempre a pensar o que vou dizer ao meu filho, quando mais tarde ele me perguntar quem é o seu pai!

– E quem é esse pai que você faz tanta questão de ocultar? É alguém importante, Cidélia?

– Sara, apesar da gratidão por você já ter me acolhido em sua casa, naquele momento tão importante da minha vida, apesar da amizade e da consideração que tenho por você, eu ainda não devo falar sobre esse assunto.

– No seu lugar, eu faria sem pestanejar o que vejo no consultório onde estou trabalhando: moças ainda bem jovens, e também mulheres já maduras, se livram da gravidez indesejada, principalmente as pessoas mais ricas, tentando esconder o comportamento. Se você quiser, nem precisa pensar em dinheiro para pagar, porque eu posso arranjar isso diretamente com o médico que é o proprietário. Digo isso porque a essa altura garanto que qualquer pedido que eu fizer ele atenderá sem pestanejar.

– Não sabia do seu novo emprego, num consultório médico e com todo esse prestígio!

– Não é um simples consultório médico, numa simples sala, com apenas um médico atendendo. São várias salas e com médicos atendendo, mas tudo pertence a ele. Os demais são funcionários. Estou lá há três meses e muito satisfeita! Ele é um homem ainda jovem, muito bonito e riquíssimo! Dizem até que exerce a profissão de médico somente para fazer jus ao título de doutor, porque não precisa disso. Penso, Cidélia, que dessa vez eu vou deixar para trás a vida difícil!

Porque Cidélia ficou espantada com o que ouvia, chegando a empalidecer, Sara explicou:

– Logo que eu comecei a trabalhar, percebi que nos olhares que ele dirigia a mim havia interesse e, então, tratei de corresponder. O resultado é que agora nós estamos nos encontrando bem amiúde. Afinal, sem querer elogiar a mim mesma, não posso negar que sou uma mulher bonita, jovem e atraente! Eu mereço viver no mesmo ambiente dele, e não na periferia onde ainda resido. E, do jeito que as coisas vão, logo logo eu sairei dali. Mas, voltando ao assunto de antes, você quer que eu acerte tudo, para acabar com isso de vez?

– Oh, Sara! – exclamou Cidélia pesarosa, pois percebera qual era o consultório médico e a quem pertencia, porque trabalhara no mesmo local durante três meses. Porém, preferiu, em vez de falar sobre isso, tentar ajudar a amiga: – Acho que você está caindo em um grande engano... Ilusão apenas, ao imaginar que terá um futuro feliz ao lado desse médico. Este, como tantos outros homens que se tornam poderosos pelo dinheiro, mas que não observam os bons princípios, principalmente o respeito aos sentimentos dos outros, quando põem os olhos numa mulher bonita, se for pobre e, ainda mais, sua empregada, não o faz por boa intenção, mas sim para explorá-la e em seguida abandoná-la por outra qualquer, que se iluda com a beleza e o dinheiro. É fácil para eles, que gostam de proceder dessa maneira. Bonitos, ricos e bajulados por muitos, acham que podem fazer tudo o que querem. Mas quem se ilude com suas promessas acaba se decepcionando, como eu mesma!

Sara não tinha como esconder o desagrado que sentiu, facilmente notado no semblante, mas ainda assim preferiu ficar calada.

Cidélia pretendia continuar o assunto, mas achou por bem mudá-lo:

– E quanto à gravidez – voltou ela a falar –, antes eu faria isso, sim! Tanto que cheguei a pedir a ajuda de Dodô... Mas a ajuda que recebi foi uma importante orientação. Agora eu sei que provocar aborto é crime contra as leis de Deus, não só da parte da gestante, mas também do pai da criança, se concordar, e de quem ajudar isso ocorrer, no caso o médico. Prefiro, com toda dificuldade que eu venha a enfrentar, criar essa criança, que pode ser alguém intencionado a contribuir para um mundo melhor. Estou lendo esse

livro – apontou para o livro que estava sobre a cadeira – que me foi emprestado por Dodô. Nele há relatos da vida de grandes vultos da humanidade, que deixaram o nome na história, mas que não nasceram em berço de ouro, como se diz. Foram criados em famílias pobres e experimentaram no começo da vida muita dificuldade.

– Respeito o seu pensamento, Cidélia, mas não creio que seja crime eliminar uma vida que sequer começou. E também acho que a mulher tem direito de usar o seu corpo do jeito que quiser.

– Oh, Sara! Eu também pensava assim. Mas agora eu acho que, sendo a vida um dom de Deus, ninguém tem o direito de exterminá-la. Quanto ao uso do corpo, como você falou, as pessoas têm o livre-arbítrio de usar como querem, mas você não deve esquecer da responsabilidade moral. Eu mesma não agi bem. Por isso é que me encontro nessa luta para não piorar ainda mais a minha consciência. Segundo outro livro, que também venho lendo e gostando muito, tudo que fazemos tem um retorno. Por isso, o melhor mesmo é tentar agir dentro dos bons princípios, porque a justiça divina não falha. O mais é pura ilusão, que traz, no mínimo, decepção.

– Cidélia, eu não a estou reconhecendo! Como conseguiu mudar tão rápido assim a sua maneira de pensar?

– Não tenho feito outra coisa a não ser ler bons livros.

A rapidez com que Cidélia conseguia dar um novo rumo à sua vida vinha da sua força de vontade, do incentivo que recebia de Dodô e da facilidade que encontrava para entender as lições luminosas de Jesus sob a ótica da doutrina dos espíritos.

Sara, embora contrariada, saiu pensando no que acabara de ouvir e, logo que se afastou da casa, encontrou-se com Dodô, que, ao vê-la, disse sorridente:

– Estou indo visitar a menina Cidélia.

– É bom mesmo, porque ela está muito infeliz – respondeu secamente.

"Que será que houve com ela, que está com essa cara... Cara de arrependimento?", perguntou-se ele, que também era conhecido de Sara.

Depois de cumprimentar a jovem amiga Cidélia, Dodô foi logo falando:

– Vejo que andou chorando.

Cidélia fez comentários sobre a conversa que tivera com Sara e em seguida falou sobre sua preocupação com o futuro, em relação à criança que, provavelmente, iria perguntar pelo pai e ela não saberia o que responder, conforme havia desabafado havia pouco com Sara.

– Não se preocupe, menina Cidélia, porque eu creio que vou conseguir um meio de registrar o seu filho com o nome do pai, além do seu. Isso para mim é um dever, já que me interessei pela preservação da sua vida! Jamais ele ficará ao desamparo!

Cidélia levantou-se, abraçou o amigo e falou emocionada:

– Nunca acreditei existir alguém assim no mundo!

– Não exagere, porque nem tudo é bondade em mim, como você pensa. E saiba que o meu propósito, além do simples apoio que venho lhe prestando, é também em consideração ao pai da criança, que, apesar do comportamento equivocado que adota, é, como nós mesmos, filho de Deus; mas, acima de tudo, quero atender o pedido da minha benfeitora, a bondosa senhora Isabel.

Medo do desconhecido

Da obscuridade da ignorância à luz da verdade, há uma longa e extenuante jornada.
Dizzi Akibah

O MÉDICO PEGOU das mãos de Sara as chaves, abriu a porta do seu consultório e ficou surpreso ao ver uma mulher sentada em frente a sua mesa, como se o esperasse para uma consulta. Notando de relance que o seu traje não condizia com os que eram usados pelas pessoas que o procuravam, sem dificuldade percebeu que se tratava da mesma pessoa que já lhe abordara duas vezes pedindo um pouco da sua atenção. Contrariado, sentou-se em sua cadeira, e, propositalmente, para não dar atenção a ela, abaixou a cabeça e ficou escrevendo alguma coisa. Porém, quando suspendeu a vista, não mais a viu. Levantou-se rapidamente e foi procurar Sara:

– Você sabe que a minha sala é um consultório médico, não é? Não entendi por que, ao abrir a porta, encontrei lá dentro uma mulher. Creio não se tratar de nenhuma das minhas pacientes, porque o seu traje não condizia com o ambiente. Como isso aconteceu?

– A única pessoa que entrou na sua sala fui eu, quando levei alguns prontuários. Mas não havia ninguém lá. Tranquei a porta, guardei a chave comigo e depois disso só agora é que foi aberta por você mesmo! Acho impossível alguém entrar lá com a porta fechada.

– Sara, eu não tenho o hábito de mentir. Se digo que havia alguém na minha sala, é porque havia! Entendeu? – disse, nervoso, mas logo lembrou-se do sonho da noite anterior. Como não acreditava na vida após a morte, passou a atribuir a ele mesmo as visões, achando que poderia estar sendo acometido de insanidade mental. Tanto que, depois disso, fez apenas algumas consultas no turno da manhã, e à tarde dirigiu-se ao consultório de um dos primeiros psicólogos que haviam chegado à cidade. Expôs com detalhes o que estava ocorrendo, o que o psicólogo minimizou, tentando tranquilizá-lo, garantindo que se tratava apenas de cansaço mental por causa de múltiplas ocupações. Mas que seria bom que Lúcio voltasse lá mais algumas vezes, para ele poder fazer uma análise mais acurada de seu caso.

Doutor Lúcio, entretanto, não se convenceu e à noite, quando chegou à casa, dirigiu-se imediatamente ao empregado e, num tom mais brando, começou a falar:

– Dodô, eu reconheço que tenho sido rigoroso no trato com você. Compreendo a sua incapacidade de entender a vida, na sua pura realidade, mas não posso negar que merece de mim toda confiança. Eu hoje....

Narrou com detalhes o que havia ocorrido no seu consultório médico, a mulher que, mesmo com a sala trancada, se encontrava lá dentro, e concluiu perguntando:

– Na sua crença há explicação para isso?

– Há, sim! Mas eu não desejo falar sobre esse assunto, porque seria perda de tempo, já que você, menino doutor, não acredita que a vida prossegue após a morte do corpo físico. Tudo que eu lhe disser não passará de palavras soltas ao vento, ou então entrarão por um ouvido e sairão pelo outro, como é o dito popular.

– Pare de falar muito e me responda em poucas palavras, como se fosse uma ordem de trabalho!

– Está bem! Diante das minhas limitações, começo repetindo o que já lhe disse uma vez e você não acreditou: a criatura humana não é somente um amontoado de carne que, ao perder a vitalidade, logo se decompõe. Se fosse, não teria, dentre outros atributos, inteligência a ponto de raciocinar, discernir... Jamais sentiria amor, ódio, amizade, simpatia, antipatia... Muitos afirmam que tudo isso tem origem no cérebro. Penso que isso não está certo, porque, sendo ele de células que morrem, não poderia dar origem a essas capacidades que acabei de mencionar. O cérebro as recebe e apenas processa, porque a mente, menino doutor, que gera essas capacidades, não é do cérebro, mas sim do ser imortal e inteligente, criado por uma inteligência superior à do homem. A alma ou princípio inteligente se encontra ligada à forma física, por algum tempo, para o seu progresso, principalmente moral.

– Que eu saiba, não há confirmação alguma sobre isso entre os cientistas! – respondeu o médico.

– Os cientistas, segundo um trecho de um livro que eu li recentemente, ainda atuam defendendo as suas teses de acordo com estudos e experimentos baseados bem mais na matéria. Isso que penso ser verdade só encontramos usando a lógica. E a lógica é, também, ciência. Ora, menino doutor, basta meditar um pouco e usar a sua inteligência!

– A sua resposta pode até impressionar a quem ouve, contudo, não me convence, porque eu vi uma mulher comum como outra qualquer! Assim sendo, não condiz com o que chamam de alma, conforme a sua explicação.

– A alma fora do corpo físico, por tê-lo perdido pela morte, tem, sim, o seu corpo próprio, composto de uma matéria mais sutil, o qual se chama *perispírito*. E quanto a ela se apresentar no sexo feminino, isso se dá tão somente para a experiência que o aprimoramento exige, porque o espírito em si não tem sexo definido. Pode renascer num corpo masculino ou em um feminino, de acordo com as experiências que precisa adquirir. Muitas vezes, mesmo depois da morte, conserva essa aparência no corpo espiritual, por causa dos sentimentos.

– Ainda não estou convencido, porque, se eu a vejo, outras pessoas também poderiam vê-la. E por que isso não acontece? Certamente é porque

se trata apenas de anormalidade da minha mente. Admito que estou com problemas psicológicos, e é bom que você saiba disso, mas será muito ruim se você falar a alguém – ameaçou, mas Dodô sequer percebeu o tom de ameaça, porque, sendo a sua intenção ajudá-lo, vibrava em outra faixa. Tanto que prosseguiu normalmente o diálogo:

– Menino doutor! O seu problema psicológico é a descrença em si mesmo, pois nega até mesmo o que vê. Isso que lhe ocorre chama-se *clarividência*, que é a possibilidade de ver espíritos. Essa mediunidade está aflorada em você. Por isso é que nem todas as pessoas conseguem ver. O que é importante agora não é tentar deixar de ver espíritos, porque isso você não vai conseguir. É, sobretudo, tomar uma decisão de fazer bom uso desse fenômeno, no sentido de ajudar as pessoas, ajudando paralelamente a si mesmo, pois penso que essa possibilidade lhe veio somente para esse fim; no presente caso, descobrindo qual é a intenção desse espírito. Se você se mostrasse um pouco mais razoável e menos radical, eu o convidaria para fazer parte de um grupo de pessoas que conhece esse tipo de fenômeno e que poderia muito ajudá-lo. Você pode até imaginar que fui aceito nos trabalhos desenvolvidos pelo referido grupo por se tratar de pessoa sem importância, como sou visto pela sua ótica. Embora saiba que a importância da criatura humana se encontra no crescimento moral, posso lhe afirmar que entre os membros há pessoas instruídas e vistas como de grande importância social, dentre eles um coronel do exército e um médico psiquiatra, que acabou de chegar à cidade para trabalhar no Hospital Colônia Sant'Ana, mas que já faz parte do grupo.

Depois da referência feita ao grupo, que posteriormente deu origem a um dos primeiros centros espíritas de Florianópolis, Dodô concluiu assim a conversa:

– Se o seu receio for em relação a isso, fique tranquilo! Não vejo outro caminho a não ser o conhecimento de si mesmo. Busque! Saiba que pode contar comigo e com dezenas de pessoas que, certamente, se interessarão por você.

O médico estava espantadíssimo com o argumento seguro do seu

empregado, e por isso estava com o olhar fixo nele. Não sabia, por falta de interesse, que Dodô, ao longo do tempo, além dos livros deixados por Isabel e Tereza, aproveitava o tempo que lhe sobrava das tarefas da casa na biblioteca da mansão, onde se encontravam obras preciosas contendo assuntos diversificados. Além da mediunidade de psicofonia, o hábito da leitura, conservado havia tantos anos, acabou enriquecendo não apenas o intelecto do criado da casa, mas sobretudo a sua formação moral e espiritual, razões pelas quais fora atraído para atuar ativamente no referido grupo. Mas, como o orgulhoso dificilmente se dá por vencido, o médico comentou:

– Isso tudo pode ser considerado como verdade nas mentes como a sua, que tentam tornar o imaginário e o irreal em verdade. A crença, apenas, não pode ser levada em consideração em se tratando da realidade concreta.

– Ninguém pode nos convencer de que o que vimos, não vimos! Você viu ou não viu a mulher que se encontrava sentada em sua sala?

– Sim, eu vi!

– O espírito, repito, é a mesma pessoa desenfaixada do corpo físico. A depender do seu grau moral ou da sua situação íntima, se aproxima das pessoas, por afinidade, por interesse de ajudar, prejudicar, ou por estar perdido e precisando de ajuda.

Lúcio sorriu desdenhosamente e Dodô revidou:

– Não desejo convencê-lo de absolutamente nada. Tire você mesmo as suas conclusões, se quiser!

– Não seja grosseiro, velho malcriado!

– Quem me criou foi a sua avó, a bondosa dona Isabel, que, com dona Tereza, me ensinou a maioria dessas coisas que acabei de falar.

– Dodô, se um dia eu descobrir que você está certo, passarei para você uma boa parte da minha herança. Mas se eu puder provar, com base, que você está errado, seu lugar será a rua, ou o Hospital Colônia, porque vou interná-lo como insano.

– Não desejo nada da sua fortuna! Para que eu me sinta satisfeito e alegre, basta que o menino doutor assuma a responsabilidade dos encontros

amorosos que mantém, principalmente se o resultado for, por exemplo, uma gravidez. Não tentar contra a vida de indefesos que sequer nasceram já seria uma boa coisa. Ao contrário, amar e respeitar a vida como um dom de Deus, embora não acredite na sua existência.

– Não só desacredito como, baseado na falta de provas concretas, prefiro manter a certeza da sua inexistência.

– Não precisa ir muito longe para entender isso – falou Dodô e, levantando-se da cadeira onde estava sentado, abriu a janela e apontou com a mão para o alto: – Vê lá as nuvens densas? Elas se desmancham em gotas e molham a terra. E essa, por sua vez, propicia a germinação das sementes, as quais logo se transformam em árvores, que geram outras sementes, dando continuidade à espécie. Sabe o nome de alguém que atua nesse fenômeno, menino doutor? Conhece algum cientista, mesmo o maior dos gênios, que tenha criado uma semente que germine e se transforme em árvore? Tudo isso significa efeito. E a causa, sabe me dizer algo sobre ela?

Sem encontrar a resposta que desejava para contradizê-lo, e sem argumento, o médico tratou, bem do seu jeito, de encerrar o assunto:

– Doriano, chega! Agora faça o favor de se retirar! Prefiro ficar sozinho.

Momentos depois o criado da casa ouviu gritos do doutor Lúcio, vindos da biblioteca, e seguiu rapidamente para o local. Lá chegando, percebeu que ele não estava bem, segurou-o pelo braço, levou-o à sala e perguntou:

– O que se passa com você que está assim tão pálido?

– É ela! A mesma mulher que estava lá no consultório! Você a viu sentada na minha cadeira?

– Não, porque eu não tenho a mediunidade de clarividência aflorada. Mas você, que a tem, já não pode negar que há vida após a morte, porque vê o que a maioria não consegue.

– Vá lá Dodô e, por favor, mande-a sair imediatamente!

– Eu não sei como fazer isso, porque eu não vi ninguém lá!

– E aquilo, que nem sei o que é, vai ficar em cima da minha cadeira?

– Você, que pode vê-la, converse com ela e pergunte o que deseja.

– Não me sujeitarei a isso! Ela invade a minha casa, a minha intimidade

doméstica e eu ainda tenho que dialogar? Já sei qual a providência a ser tomada.

Mesmo com as mãos trêmulas, voltou à biblioteca, trancou a porta e disse:

– Amanhã resolverei isso, da minha maneira, pois não acredito que seja o que você chama de espírito.

Na manhã do dia seguinte, uma hora depois que o médico havia saído, Dodô ouviu fortes batidas na porta e, ao perceber de quem se tratava, assustou-se:

– Fique tranquilo – disse um dos policiais –, porque não estamos aqui por sua causa, mas, sim, para retirar uma invasora, segundo informação do dono da casa. Eu só preciso saber em que parte da casa ela se encontra.

Dodô dirigiu-se ao compartimento e respondeu, apontando para a porta:

– Segundo o doutor Lúcio, é aqui!

O policial tentou abrir a porta girando a maçaneta, mas, não conseguindo, dirigiu o olhar a Dodô, que informou:

– A porta está trancada, e as chaves, com o doutor Lúcio.

Os policiais, depois de arrombarem a porta e procurarem, sem encontrar a suposta invasora, passaram a interrogar Dodô:

– Onde você a escondeu? É melhor falar de vez!

– Sequer vi essa suposta invasora. E mesmo que eu a visse e tivesse interesse em escondê-la, não poderia, porque as chaves, já disse, estão com o doutor!

– Será que o doutor não está bem da cabeça? – perguntou o policial.

– Ele está bem. Só não consegue compreender a situação!

– E eu também não! – respondeu o policial.

Logo que os policiais deixaram o local, Dodô exclamou aflito:

– Pobre menino doutor! Se esse fato chegar ao seu meio social... Do mesmo jeito que o bajulam por vários interesses, podem ridicularizá-lo!

Para perplexidade do médico, horas depois o responsável pelo policiamento procurou-o no consultório para informá-lo de que, além do empregado, não havia mais ninguém na mansão. Quando o informante saiu,

Lúcio, com as mãos trêmulas e o suor porejando, trancou a porta e jogou-se numa cadeira. Já que não acreditava na existência de Deus ou de qualquer outro ser superior a ele mesmo, a quem pudesse suplicar ajuda, vendo-se sem saída, permaneceu trancado no consultório até o final da tarde, sem atender aos pacientes que o aguardavam para consultas, e enfim seguiu diretamente à mansão, onde chegou pronto para descarregar toda a sua aflição no criado da casa:

– Doriano – falou soltando a voz –, cadê a outra chave da biblioteca que você escondeu?

– Se eu a tivesse, teria evitado o arrombamento da porta pelos homens da polícia que…

– Você deve ter aberto a porta para a invasora sair – interrompeu-o bruscamente.

– Menino doutor, está desconfiando de mim?

– Não confio em ninguém, principalmente em gente movida pela obscuridade, assim como você!

O servidor da Mansão dos Anórios, apesar de compreender a situação do médico, entristeceu-se. Saiu da sala, dirigiu-se ao pequeno compartimento que usava, fechou a porta e começou a refletir que talvez fosse melhor mudar-se dali: “Talvez longe dele seja melhor para ajudá-lo...”.

Sequer concluiu o seu pensamento e já foi interrompido por fortes pancadas na porta. Abriu-a, e o doutor Lúcio, com os olhos fixos nele, foi logo falando:

– Estou perdido, só... Muito só e, apesar de imaginar que tenho muitos amigos, sei que ninguém tem condições de ajudar a me livrar disso!

– Tem sim, menino doutor, teimoso e vaidoso – respondeu Dodô, com toda energia, a ponto de o médico se sentir impactado com a reação destemida do seu criado.

Percebendo isso, Dodô fez uma breve pausa. Mas, como o médico continuava no mesmo estado psíquico, voltou a falar:

– Pode alguém desfrutar da ajuda e da confiança dos outros, quando sequer confia em si mesmo e nunca coopera com ninguém? Sem essas

qualidades, que não são compradas, nem usando toda a sua fortuna, porque são elas de teor moral, pouco vale o título de doutor e o aparente prestígio que faz questão de manter. Seja firme na verdade, doutor! Eu insisto: você viu ou não a mulher sentada na sua cadeira? Ora, se fosse uma pessoa assim como nós, como sairia de lá, já que a porta estava trancada e as janelas fechadas do mesmo jeito que você deixou? Acorde, porque você já não é mais aquele menino mimado pelo seu Anório!

Dodô disse sem temor o que há muito tempo desejava que o médico ouvisse.

Este, por sua vez, sem argumento, tratou de usar o seu poder de mando, já que era o patrão:

– Quem é você para querer me ensinar? Ponha-se no seu lugar! – falou, movido pelo orgulho e pela prepotência.

Passaram-se, depois disso, dois dias sem novidade. Na sexta-feira pela manhã, o jornaleiro foi entregar o semanário, o que já fazia há bastante tempo. Lúcio foi logo abrindo a página da coluna social, interessado em ver, como sempre ocorria, os elogios dirigidos a sua pessoa. Mas lá estava escrito em letras grandes: *Médico milionário debate-se com fantasmas.* Revoltado, rasgou o periódico e jogou-o na lixeira. Visivelmente contrariado, mandou chamar Alexandre, também médico atuante no mesmo local, e, depois de comunicar sua intenção de viajar por algum tempo, pediu que ele assumisse a direção da casa de saúde e disse, concluindo a conversa:

– Estou sentindo a minha mente cansada e precisando ver outras coisas que não sejam problemas com administradores das propriedades ou doentes na minha frente!

Alexandre sentiu vontade de conversar para saber o que realmente estava acontecendo, mas, compreendendo que o momento não era oportuno, garantiu apenas que cuidaria de tudo como se a ele mesmo pertencesse.

No fim da tarde, o doutor Lúcio chegou à residência já dando ordens:

– Venha me ajudar a arrumar as malas!

Dodô silenciou e tratou apenas de cumprir a determinação. Contudo,

depois que a bagagem estava toda em ordem, comentou:

– Se vai viajar por causa das aparições, menino doutor, nem precisa! Já expliquei como isso pode ser esclarecido. E se a viagem se trata de uma fuga, não resolve, porque o problema não se encontra aqui e sim aí, em você mesmo. Até você se decidir a dar um novo rumo à sua vida, se isso vier a acontecer, nenhuma distância vai livrá-lo do que está acontecendo.

– Doriano, cale-se, porque você não vai conseguir, nunca, me convencer das suas maluquices.

A fuga

O medo controlado é manifestação do instinto de conservação da vida. Sem controle, torna-se pavor.
Dizzi Akibah

NO DIA SEGUINTE, quando Dodô, que havia dormido preocupado, acordou, percebeu que o médico já havia saído e falou para si mesmo: "Meu Deus, que vou fazer para sobreviver e pagar as despesas normais da casa, se ele nada me falou sobre isso?".

Mas logo que entrou no quarto que o patrão usava, viu um malote e, junto, muitos envelopes espalhados sobre a cama. Olhando um a um, percebeu que eram cartas a serem entregues às pessoas que administravam os bens imóveis, como fazendas, casas… Continuou olhando e acabou encontrando o seu nome em um deles. Abriu e começou a ler a carta:

– Apesar das suas ideias, para mim tão bobas e infantis, não posso negar que… até gosto um pouco de você. Sei que não vai acreditar nisso, por causa das minhas exigências e dos momentos ruins, quando acabo não lhe tratando como você gostaria. Mas isso é proveniente da nossa condição de convivência nesta casa: você é empregado e eu, quer queira ou não, sou o

patrão. Bem, espero que, se puder, me desculpe! Mas vamos ao que interessa: além dos recursos em dinheiro para a manutenção da casa e o pagamento do seu salário por um ano, provo a confiança que mantenho em você deixando também uma procuração para que cuide, durante a minha ausência, dos interesses desta casa e também dos meus, de cunho pessoal, se houver necessidade. Qualquer dúvida, não haja sozinho. Procure esclarecimentos com o doutor Givaldo, meu advogado. Inclusive, fiz questão de deixar claro em um dos itens que, se, por acaso, me ocorrer algo mais sério que venha a ceifar minha vida, você será o único proprietário de todos os meus bens, já que, conforme você mesmo me chamou atenção, não tenho herdeiros.

***

SOB O IMPACTO de fortes ondas, o navio balançava muito e por isso o doutor Lúcio saiu do lugar onde se encontrava e, segurando-se em qualquer coisa ao alcance das mãos, foi à procura de ar fresco para respirar. Recostou-se numa grade que servia de proteção e ao contemplar, por alguns minutos, o espaço em todas as direções pontilhado de estrelas, lhe veio uma pergunta: como surgiu tudo isto? De onde provém o equilíbrio que mantém todo este mecanismo sideral? “Alguém teria criado, como afirma Dodô, ou sempre existiu?” – continuou pensando por alguns minutos, e depois disse para si mesmo: “Não devo continuar pensando nisso, porque diante dessa grandiosidade, vou acabar reconhecendo a minha pequenez, o que não desejo e nem devo porque...”

– Tenta fugir sem êxito da sua própria origem como ser eterno – ouviu atrás de si, mas, não vendo ninguém por perto, sentiu-se tentado a voltar à

contemplação; porém, logo que dirigiu o olhar para o alto, teve a sensação de que havia alguém do seu lado. Olhou rapidamente e viu a mesma mulher, com a fronte também voltada para o alto, contemplando as estrelas. Embora Dodô lhe tivesse avisado que, se a viagem era para se livrar das aparições, enganar-se-ia, ele, que até aquele momento se encontrava convicto de que havia se livrado delas, sentiu-se derrotado... Apavorado, passou a gritar:

– Já que você não quer me deixar em paz, se prepare para morrer, porque agora vou te jogar no mar! – ameaçou, sem raciocínio para discernir.

A entidade espiritual, não saiu do lugar e sequer interrompeu a contemplação. Ele se aproximou imprimindo toda força nos braços, mas não conseguiu tocá-la. Suas mãos passavam por ela como se nada fosse. Ainda mais desesperado, voltou a soltar a voz sem se dar conta de onde se encontrava:

– Me deixe! Pare de me importunar! Ou, se você existe mesmo, diga-me o que quer. Eu tenho muito dinheiro e posso conseguir o que quiser...

Depois de breve pausa, ele disse, mudando o tom da voz:

– É só dizer o que deseja e eu o farei. Desde que desapareça da minha vida!

A entidade espiritual parecia estática e, porque ela nada respondia, ele voltou a falar quase gritando:

– Você, além de perturbadora, é cínica!

Os gritos do médico chamaram a atenção de alguns passageiros. Um marinheiro da tripulação, se aproximou e, com intenção de ajudá-lo, travou o seguinte diálogo:

– O senhor não se sente bem?

– Me sinto péssimo!

– Posso ajudá-lo?

– Por favor, retire essa mulher, aí bem do seu lado esquerdo, da minha presença! Essa criatura está me importunando!

O marinheiro olhou para o lado. Não vendo ninguém, olhou em todas as direções e, voltando-se para ele, disse-lhe:

– Senhor...

Foi interrompido bruscamente pelo médico, com propósito de corrigi-lo:

– Senhor, não! Doutor! – expressou-se pela voz da vaidade.

– Que seja. Doutor, além de mim e do senhor, não vejo mais ninguém aqui!

– Você está insinuando que estou louco?

– Isso não passou pela minha imaginação! Penso que um médico o ajudaria a acalmar o sistema nervoso. E, para nosso alívio, há um entre os passageiros.

– Médico eu também o sou!

Apesar da aparente arrogância do doutor Lúcio, o marinheiro, paciente e desejoso de ajudá-lo, passou a falar pausadamente, por não prever a reação do médico:

– O senhor, doutor, pode até não acreditar, mas neste mesmo navio alguns passageiros já viram coisas assim. Não sei se procede, mas penso que a vida não deve se extinguir com a morte do corpo, porque, se assim fosse, que valeria a vida para muitos que já nascem sofrendo? Ora, se não houvesse uma finalidade significativa, acima dessa condição de viver e sofrer, porque de certo modo todos experimentamos sofrimento, para que nasceríamos?

– Isso é apenas um conjectura – respondeu o médico e continuou falando. – Sei apenas, como médico, que com a morte aniquila-se a vida. Nada fica!

– Doutor, me permita ainda dizer-lhe que podemos até duvidar do que ouvimos dos outros, mas não do que os nossos próprios olhos veem. O senhor viu ou não viu uma pessoa aqui?

Já que ele não quis ou não sabia dar uma resposta à mesma pergunta feita anteriormente por Dodô, o marinheiro continuou falando:

– Um homem que zela pelo tratamento de “doutor” não mentiria. E já que o senhor não está mentindo, é verdade o que viu! Sendo o que viu uma verdade, e já que não cheguei a ver, é claro que deve se tratar de um espírito.

Depois de breve pausa, concluiu:

– Peço desculpas se o importunei com minhas ideias. Contudo, saiba que meu trabalho, durante essa viagem, é atender aos passageiros em qualquer

situação que dependa de mim e esteja ao meu alcance. Assim sendo, posso ser útil ao senhor em mais alguma coisa?

– Acho que sim. Gostaria de ser servido com uma xícara de café.

– Com licença, doutor! Volto já.

O médico, com medo de ficar só, perguntou:

– Posso acompanhá-lo?

Foram à cozinha da embarcação. O próprio marinheiro preparou o café, serviu-o e disse:

– Volto ao meu posto. Se precisar, é só me chamar.

– Tem mesmo que ir agora? – perguntou o médico.

– Se minha presença não lhe for inoportuna, posso permanecer um pouco mais.

– Eu agradeço, pois estou me sentindo melhor e atribuo isso à sua presença.

Intencionado a continuar com a companhia do marinheiro, pois se sentia inseguro, ele tratou de mudar o assunto:

– Você nasceu em que região de Portugal?

– Eu sou lisbonense.

– Por que você escolheu ser marinheiro?

– Eu não escolhi. São as circunstâncias que, às vezes, nos levam certas situações. Estou na idade de servir a uma corporação, mas não obrigatoriamente essa. Pelo menos aqui eu tenho uma boa alimentação e recebo uma ajuda em dinheiro. Se, por exemplo, meu pai tivesse sido um homem mais correto, eu não estaria aqui. Ele se desfez de tudo que possuía em Lisboa e foi de vez para o Brasil, para onde costumava viajar, nos abandonando sem condições de sobrevivência. Mas já que das leis de Deus, embora muitos não acreditem, ninguém se esconde... Numa das minhas viagens de Portugal ao Brasil, o navio precisou de alguns reparos, e ficou quase vinte dias parado em Santa Catarina. Não tendo o que fazer, passei a sair com alguns colegas, para conhecer Florianópolis. E foi em um desses passeios que acabei conhecendo um homem já idoso a quem havia pedido uma informação. Ele se chamava Nicolau e era descendente de africanos…

Um escravo liberto. Depois de ter me prestado bondosamente a informação, ele passou a falar sobre o crescimento da cidade, a influência do europeu na cultura daquele estado, inclusive de alguns que haviam contribuído para o seu desenvolvimento econômico, e que também se tornaram riquíssimos. E para a minha surpresa ele citou, dentre eles, o nome de meu pai, afirmando que ele era homem não só de grande influência, mas que ao morrer deixara para os herdeiros uma das maiores fortunas do lugar.

– E quem são esses herdeiros?

– Eu desconheço. Agora, sei apenas que eu vivi com ele mas não o conheci! Saber dessa história não foi bom, principalmente para minha mãe, que, de tão inconformada, adoeceu e morreu, nos deixando órfãos. Mas não dá para estranhar esse tipo de reação, porque, além de fazer questão de não dar atenção às pessoas consideradas pobres de bens materiais, ele sequer se prestava a fazer uma oração de gratidão ao Pai da vida, alegando que o seu Deus era o dinheiro.

O marinheiro parou de falar e ficou olhando na direção do médico, esperando que ele dissesse alguma coisa, mas este preferiu silenciar sobre o assunto, por entender que, sendo seu pensamento contrário ao que o marinheiro acabara de falar, poderia desagradá-lo e a conversa ser encerrada, o que ele não desejava, receoso de ficar sozinho. Já que o medo obrigava-o a silenciar, ele tratou de desviar o assunto e alongar a conversa:

– Você e seus irmãos são registrados como filhos dele?

– Embora a união dos dois tenha ocorrido sem a celebração tradicional, como um ato religioso ou legalização da união pelas leis, minha mãe, só depois de muita insistência, conseguiu ter dele a permissão para isso.

– Como é o seu nome?

– Marcos.

– Que coincidência, o meu também é Marcos, aliás doutor Marcos! – mentiu assim o doutor Lúcio, que preferiu assumir o nome do próprio marinheiro para não correr o risco de ser identificado. – Marcos, eu nunca me importei com a vida das pessoas, a não ser a de alguns amigos e alguns pacientes, dentre os que me procuram no meu consultório. Ainda assim,

confesso que coloco à frente de tudo os meus interesses. Mas não sei... Agora, por efeito das fortes emoções ou por outra razão que não identifico, acabei me interessando por esse caso seu. É possível que você seja um homem ainda jovem mas muito rico, e sem saber a dimensão disso! Devo permanecer em Lisboa durante um bom tempo. Contudo, de lá mesmo posso lhe ajudar.

Pediu lápis, papel e depois de escrever alguma coisa, disse:

– Se você quiser lutar pelos seus direitos, vá nesse endereço, em Florianópolis, procure essa pessoa e conte a sua história. Ele é um dos melhores advogados da cidade. Deixe-me também o seu endereço, porque certamente eu irei procurá-lo para saber do andamento disso, pois, se tiver dificuldade, eu ajudarei em tudo que for preciso para você e seus irmãos recuperarem aquilo de que são proprietários por direito de herança.

A conversa se alongou, e o marinheiro, percebendo que nos clarões da alvorada surgiam os primeiros raios do sol, convidou o médico para juntos observarem o belo espetáculo. Depois de alguns minutos, Marcos, o marinheiro, deslumbrado, perguntou ao médico:

– Que acha do artista que idealizou este belíssimo espetáculo?

– Se realmente isso fosse obra de um artista, eu o consideraria o gênio dos gênios!

– Mais do que o gênio dos gênios, o supremo artista não idealizou apenas esse espetáculo! Mas tantos outros como a vida, presente desde a plantinha tenra às grandes árvores, dos animais ao próprio homem, cuja centelha de vida é eterna, como eterno é o seu próprio Criador.

O doutor Lúcio esboçou um sorriso sem graça e tratou de agradecer ao marinheiro pela companhia, reafirmando que, quando lhe fosse conveniente, o visitaria em sua residência.

Não era seu hábito dar atenção às pessoas que se encontravam abaixo do seu nível social, mas ali a situação obrigara-o a pedir ao marinheiro para lhe fazer companhia, primeiramente por causa do pavor que sentia com a presença da entidade espiritual. Não fosse isso, possivelmente faria questão de não cumprimentá-lo, por achar que estaria descendo degraus do pedestal

ilusório onde se encontrava. Ainda assim, amenizado o medo, poderia ter dispensado a presença do marinheiro. Não o fez, porém, por causa da narração do jovem, sobre o pai que teria deixado uma rica herança. Ao pedir o endereço e se mostrar solícito, não o fez por mera simpatia, mas por se encontrar diante de alguém possivelmente tão rico quanto ele, isto é, da mesma classe.

Revelações surpreendentes

Como uma caixinha de surpresa, a criatura humana revela-se naquilo que externa.
Dizzi Akibah

JÁ HAVIAM SE passado alguns meses da viagem de Lúcio, mas Dodô ainda se encontrava impressionado com a atitude estranha do médico (o conteúdo agradável da carta que havia deixado para ele). Fixando o pensamento nisso, emocionou-se e logo lágrimas banhavam seu rosto. Naquele momento, seu sentimento era o de um pai amoroso ante a ausência do filho querido, que se afastara do lar por longo tempo.

Em seguida, dirigiu o olhar a um quadro na parede, uma pintura que retratava o rosto de Jesus. Fechou os olhos e começou a falar:

– Oh Jesus, luz do nosso caminho, tenha compaixão desse menino sem juízo e teimoso! Desperte, mestre divino, na sua mente, ideias novas e convergentes às verdades divinas estabelecidas nas leis do Pai da vida!

Depois dessa prece, já refeito, ele ia saindo e, cantarolando distraído, quase se choca com alguém que se dirigia à casa.

– Oh! Desculpe-me senhorita a falta de atenção! Se precisa de mim para

qualquer coisa, estou à disposição para servi-la.

– Preciso saber se é aqui mesmo que reside ou residiu o senhor Manoel Anório.

Depois de convidá-la a entrar, ele sugeriu, apontando uma poltrona:

– O que tenho a dizer é bom que ouça sentada.

Assustada, ela acatou a sugestão. Todavia, apesar da expectativa, enquanto Dodô pensava nas palavras mais apropriadas para o que tinha a dizer, ela passou a olhar em volta, observando o valioso mobiliário da casa. Terminada a observação, voltou-se para ele, que não se fez de rogado:

– Pesa-me dizer que a pessoa que a senhorita procura – falou pausadamente – não mais reside nesta casa, porque...

– E o senhor sabe onde posso encontrá-lo? – interrompeu ela, ansiosa.

– Ele nos deixou há mais de três anos. Adoeceu e nem os cuidados e toda dedicação do doutor Lúcio, seu filho, conseguiram salvá-lo.

A visitante, apesar de já ter recebido, antes, uma notícia dando conta disso, ainda não tinha certeza se era ou não verdade. Ao ter a confirmação, baixou a cabeça, e Dodô, ao perceber lágrimas rolando pelo seu rosto, procurou consolá-la:

– Seja qual for o seu parentesco ou ligação pela amizade, considere a vontade de Deus, expressa através das suas leis imutáveis.

– Não é fácil para mim aceitar essa confirmação! Porque, apesar de muitas coisas que aconteceram, eu o amava e ainda sinto muito a sua falta, pois posso considerá-lo, até certo ponto, um bom pai.

– Percebo que você está muito informada a respeito dele! Era, sim, um pai tão bom que o filho acabou sendo um homem sem limites.

– Ele tem um filho aqui?!

– E onde poderia ser, se não aqui mesmo, onde vivia com a sua esposa, a bondosa dona Tereza? Por que tanta admiração, jovem?

– Porque eu sou filha dele!

– Quê?! Filha do seu Anório?! Oh, então, era por isso que ele demorava tanto para retornar das viagens que sempre fazia! Quem diria?!

– Não só eu. Tenho mais dois irmãos – disse, pondo a mão numa bolsa,

pegando um papel e entregando a Dodô, explicando: – A minha certidão de nascimento.

Depois de olhar o documento, o empregado da Mansão dos Anórios exclamou:

– Meu Deus, pai bondoso de todos nós! Protege-nos, porque o doutor vai brigar feio até o fim! – fez uma pequena pausa, fixou um olhar interrogativo na visitante e perguntou:

– Você está disposta a aguentar as consequências, se realmente veio fazer o que eu estou pensando?

– Se o senhor está pensando na herança, sim: tenho que resistir e insistir! Minha mãe também morreu há oito meses e eu e meus irmãos ficamos órfãos. Sendo eu a mais velha, não posso nem devo me amedrontar com possíveis ameaças! Mesmo porque não preciso tratar com ele, nada que se refira a esse assunto. Isso cabe à justiça. Meus irmãos são mais novos e sou responsável por eles. Depois que meu pai nos deixou, nossa situação ficou muito ruim. Minha mãe não tinha mais rendimento para nosso sustento, porque os imóveis de aluguel ele vendeu todos, alegando que seus negócios não iam bem aqui no Brasil. Eram esses aluguéis que nos mantinham, principalmente durante as longas ausências dele, quando viajava. Ficamos somente com a casa onde morávamos, mas a situação piorou ainda mais, porque minha mãe adoeceu e teve que vender o único bem material que possuíamos, para o seu tratamento. Fomos residir numa casa alugada na periferia, onde ainda nos encontramos, mas podemos a qualquer hora sofrer despejo, por falta de pagamento do aluguel. Por tudo isso é que afirmo: não recuarei diante de ameaças!

Manoel Anório, quando veio de Portugal para o Brasil com os pais, era ainda um adolescente. O pai, homem de negócios ligados ao tráfico de escravos que progredira rapidamente em Santa Catarina, onde passou a residir, pressionava o filho para que se tornasse doutor, com o que Manoel Anório não concordava, porque seu sonho era ser um grande e rico empresário. Os anos foram passando e, mesmo sem ajuda do pai, ele não desistiu, mas acabou buscando os meios que tanto ambicionava, casando-se

com Tereza, também portuguesa, que recebera uma grande herança com a morte do pai. Filha única, Isabel, sua mãe, também passara todos os bens da sua parte na herança para ela. Manoel Anório, ao conhecer Tereza e tomar conhecimento do que ela possuía, tratou rapidamente de propor casamento, mesmo sabendo que seria com separação de bens, matrimônio que ocorreu em poucos meses que haviam se conhecido.

Dias depois do casamento, ele procurou defender seus interesses, propondo à esposa ser o seu procurador, cuidar dos seus bens móveis e imóveis, e também da movimentação de altos valores depositados em bancos. Alguns anos depois, quando já havia tomado conta de tudo como se fosse o único proprietário, sob alegação de que iria estender os seus negócios até Portugal, passou a se ausentar por longos períodos. Na verdade, ele enganava a confiança irrestrita que a esposa nele depositava. Além disso, mesmo tendo crescido numa família religiosa, passou a contestar, inicialmente a religião, para mais tarde afirmar-se ateu. Não que o fosse realmente, mas tinha essa atitude para tentar anestesiar sua consciência, que o chamava aos brios por causa do seu comportamento nada recomendável. À esposa Tereza afirmava que as viagens a Portugal eram voltadas a negócios. À outra, a de Portugal, afirmava que as idas ao Brasil eram por essas mesmas razões. E assim vivia enganando e mentindo às duas mulheres.

– Menina portuguesa... Posso tratá-la assim? – perguntou Dodô, respeitoso.

– Fique à vontade.

– A senhorita nem vai poder falar com o doutor Lúcio, porque ele está viajando, com previsão de retorno só daqui um ano.

– Melhor assim, porque não imagino qual seria sua reação. Prefiro, por enquanto, apenas lutar pelos direitos que eu e meus irmãos temos como herdeiros. Se ele soubesse que tem irmãos, certamente prejudicaria minhas intenções. Por isso, acho que o senhor, se quiser, poderá muito me ajudar...

– Gostaria, sim, mas isso é temeroso para mim, porque certamente ele me poria fora desta casa, como sempre ameaça. Contudo, em se tratando da

verdade, não posso nem devo me omitir... Mas que não use o meu nome como testemunha, porque as consequências seriam imprevisíveis!

– Fique tranquilo! Eu compreendo sua situação.

Em seguida, levantou-se e disse, estendendo a mão a Dodô:

– Por enquanto, peço ao senhor que não informe a ele o que acabou de saber, nem cite o meu nome.

– Eu nem sei o seu nome, menina portuguesa.

– Anélia Anório – respondeu ela, risonha, por causa do jeito agradável de Dodô.

Logo que Anélia saiu, o criado da Mansão dos Anórios deixou-se cair na poltrona em que gostava de se sentar e disse para si mesmo:

– Meu Jesus, é mais um segredo que tenho de guardar! Fortaleça-me, Senhor!

Depois de uma semana, ele ainda prosseguia com a mesma impressão, sem compreender como as pessoas conseguem se mascarar para esconder suas mazelas. Mas como tinha o hábito de se ocupar, para não se deixar abater pelos problemas, lembrando-se de que podia ter acesso a todos os compartimentos da grande casa, pois as chaves estavam em seu poder, tratou de tomar conhecimento de tudo que existia na mansão, já que, por enquanto, estava sob a sua responsabilidade.

Durante aquela semana, ocupou o seu tempo limpando e arrumando um a um os compartimentos da grande casa, até que acabou encontrando as chaves de um quarto a que ninguém tinha acesso, a não ser Manoel Anório, porque era lá onde ele guardava a documentação das propriedades e de outras coisas do seu interesse. Bastante curioso, começou a remexer pastas contendo documentações diversas e acabou encontrando uma carta cujo destinatário era Manoel Anório. Já que estava aberta, ele passou imediatamente a ler o conteúdo. Antes de chegar ao final, parou, surpreendido. A carta tinha sido enviada de Lisboa, por uma mulher, alguns meses antes da morte de Manoel Anório, dando conta de que ela e os filhos passavam por sérias dificuldades. Mais na frente, dizia: “Mesmo que não mais me considere, não esqueça dos seus filhos, porque não é justo deixá-

los assim, sem alimento e sem ter onde morar, pois fui forçada a vender a casa por causa da minha saúde, que não está bem".

– Isso é inaceitável! – exclamou o criado da casa, surpreendido com o comportamento de Manoel Anório em relação aos filhos.

Colocou, rapidamente, a carta no lugar onde foi encontrada, porque ouviu alguém chamando lá fora. Abriu a porta e foi logo falando:

– Oh menina Sara... A que devo a sua visita?

– Vim avisá-lo que Cidélia deu à luz um belo menino. Ela, no entanto, não está muito bem.

– Que tem ela? – perguntou assustado.

– Segundo o médico, ela está com um problema hemorrágico e se queixa de muitas dores.

Sara saiu e Dodô decidiu ir imediatamente visitar Cidélia. Mas, ao ouvir alguém chamando novamente, foi rápido atender:

– Oh menina portuguesa! Por aqui ainda?

– É, seu Dodô! Vim me despedir do senhor, e agradecer a sua gentileza ao me receber nesta casa. Gostaria de permanecer mais um pouco aqui, para conhecer a cidade, no entanto, o dinheiro que eu trouxe só dá mesmo para pagar a passagem do navio. Mas felizmente já dei entrada na justiça com o pedido de revisão da herança.

Dodô, cabisbaixo, respondeu:

– Espero que dê tudo certo. O herdeiro é muito influente. Tem amizade com muita gente importante, inclusive com alguns juízes. Espero que a Justiça do Alto inspire os que vão decidir, para que ajam honestamente, longe de qualquer interesse particular.

Ela fez uma pausa e, em seguida, disse, olhando em todas as direções:

– Já que sou também herdeira, posso dar uma olhada na casa?

– Oh sim! Quem sou eu para impedir? – respondeu, já caminhando e descrevendo tudo em detalhes, até chamar a atenção da visitante ao entrar no quarto que fora do casal.

– Aquele cofre ali, embutido na parede, é onde se encontram as joias que foram da bondosa dona Isabel e de dona Tereza. Uma verdadeira fortuna!

Aquele outro, bem grande, também embutido na parede, está cheio de barras de ouro.

Em seguida, chegaram à copa e cozinha, onde a visitante ficou mais uma vez admirada com os objetos como canecas de ouro, pratos e bandejas de prata, enfeitando uma peça de grandes proporções, a cristaleira.

Dodô, percebendo na fisionomia da visitante o quanto ela ficara surpreendida, por nunca ter imaginado que Manoel Anório, seu pai, tinha tanta riqueza, esclareceu:

– Tudo isso aqui está sob a minha responsabilidade, segundo uma procuração que o doutor Lúcio me passou. Mas fique certa de que nada sairá daqui pelas minhas mãos, porque tenho consciência de que não sou o dono e, mesmo que o fosse, não me apegaria, porque, em vez de ser possuidor, eu acabaria sendo possuído e escravo, vivendo só em função disso, achando que esse seria o único bem, quando o bem maior é aquele que vem das qualidades morais...

Em seguida, Anélia estendeu a mão para se despedir, mas Dodô perguntou:

– Pode me aguardar um pouquinho, menina portuguesa?

Momentos depois, retornou e disse-lhe, entregando um envelope:

– Leve isso, mas, por favor, só abra depois do embarque no navio. Posso confiar em você?

Sorrindo, Anélia se despediu, deixando seu endereço para o criado da casa:

– Penso que a justiça vai solicitar toda documentação que se refere às propriedades. Como será sua reação diante disso?

– De obediência, menina portuguesa!

– Já que o senhor tem o meu endereço, tenha a bondade de me deixar informada.

Logo que Anélia saiu, Dodô foi visitar Cidélia. Ao ver a criança, sorriu, cheio de satisfação:

– Menina Cidélia, não há como negar que essa criança tem os traços fisionômicos do pai!

Depois de permanecer alguns minutos observando o recém-nascido, ele falou, cheio de surpresa:

– Veja isso aqui!

– Eu já havia observado esse sinal com a forma de uma montanha. Será que isso é algum prenúncio para a sua vida? – perguntou Cidélia.

– Que ele poderá ser grande em sabedoria, conduta moral e espiritual, não posso duvidar, porque isso pode ser para todos nós, se desejarmos e buscarmos com coragem e decisão. Mas o que me chama atenção no sinal é que é idêntico ao que doutor Lúcio tem nessa mesma parte do braço! Fique certa, menina Cidélia, que isso confirmará sua identidade perante o pai!

Apesar de ter notado o abatimento na aparência de Cidélia, comprovando o que Sara havia lhe dito, além de manter sua fisionomia normal, Dodô preferiu não tocar no assunto. Para ele, a tendência de qualquer paciente é sempre piorar o seu estado de saúde se notar, na fisionomia do visitante, qualquer reação de tristeza ou preocupação.

Em Florianópolis e em Lisboa

Sem paciência, não há paz!
Dizzi Akibah

DIAS DEPOIS DE ter retornado a Lisboa, Anélia, que desde a morte da sua mãe vivia muito triste e desgostosa por causa da situação difícil que enfrentava com os irmãos, havia saído pela manhã e à tarde, ao retornar, se encontrava com outra aparência. Os irmãos, que estavam em casa, ao vê-la chegar bastante alegre ficaram admirados, pois não a viam sorrir há muito tempo:

– Nelinha – comentou Gedeão, o mais jovem –, algo muito bom deve ter acontecido!

– Acho que Deus não esqueceu que também sou sua filha! Consegui uma atividade e o salário vai dar para pagar o aluguel da casa e para a alimentação! Bem, agora, sem desculpas, você já pode voltar à escola. Já conta dezesseis anos e precisa cuidar de você mesmo. Afinal, somos órfãos!

– Eu já havia pensado nisso! Mas, se for como você nos falou, eu acho que nós vamos morar no Brasil e seremos mais ou menos ricos.

– Nada ainda nos dá essa certeza – aparteou Marcos Tadeu, e prosseguiu explicando: – Logo que terminar a minha incorporação obrigatória na marinha, eu vou tratar de trabalhar! A esperança consola, mas não nos dá a certeza de que conseguiremos o que desejamos. Voltando ao assunto, vai trabalhar em quê, Nelinha?

– Uma clínica de atendimentos psicológico e psiquiátrico. Vou ser atendente e terei que lidar com pessoas portadoras de desequilíbrios emocionais, problemas diversos... Mas uma funcionária que já trabalha lá há muito tempo disse-me que eu poderia ficar tranquila em relação a isso, porque as pessoas de lá não são loucas e muitas sequer têm doenças mentais. Disse que entre os pacientes que lá são tratados, segundo o doutor Eusébio, que vem fazendo uma pesquisa minuciosa entre eles, muitos têm doenças da alma...

Gedeão riu à vontade:

– De tanto lidar com desequilibrados, ela já deve estar ficando igual! Onde já se viu falar de alma doente?!

– Não devemos afirmar o que não conhecemos – respondeu Tadeu –, porque dá para imaginar que uma pessoa, por exemplo, que carrega em si maldade, inveja, age com vingança e tantas outras atitudes parecidas, deve ser, sim, uma alma doente. Eu diria moralmente doente! Um brasileiro com quem conversei muito durante uma viagem do Brasil para cá, afirmando-se seguidor da doutrina dos espíritos, disse-me, entre outras coisas impressionantes sobre a vida pós-morte, que as doenças da alma são morais. Por isso, Gedeão, é melhor ficar calado do que rir do que não sabe.

– É verdade, Tadeu! – exclamou Anélia. – Quando eu me despedi do seu Dodô, o criado da casa que foi do nosso pai, ele me entregou um envelope lacrado e fez algumas recomendações. Considerei o pedido que ele me fez de só abrir o envelope quando já me encontrasse no navio. Para minha surpresa, além de uma considerável ajuda em dinheiro, me presenteou com esse livro.

Marcos Tadeu pegou o livro, demonstrando muita satisfação:

– Oh Nelinha, que bom! Um colega me emprestou um exemplar igual a

esse! Não deu para conhecer todo, porque tive que devolvê-lo. Mas, pelo que eu pude perceber, é muito bom!

– Será que não é pecado? Esse livro é espírita! – comentou Anélia: – Se for, já que estou gostando da leitura, prefiro pecar mais um pouco do que ficar sem conhecer tanta coisa boa que já vi nele. Li muito durante a viagem.

– Cuidado, Nelinha, guarde esse livro e não deixe ninguém além de nós vê-lo, porque a prática dessa doutrina, aqui, está proibida! No Brasil, que eu saiba, não há esse mesmo rigor. Se der tudo certo, gostaria de morar lá em definitivo...

– Tadeu, vai depender muito das atitudes do nosso irmão, porque nem imagino como nos tratará depois da divisão dos bens.

– Se ficarmos por lá, eu vou me juntar às pessoas que seguem essa doutrina, porque, segundo o brasileiro a que me referi, um dos lemas dela é a caridade. Eu tenho muita vontade de ajudar as pessoas, seja suprindo necessidades ligadas à vida física ou dando apoio a quem estiver sofrendo. Mas para isso é preciso, antes, saber como fazer.

Anélia, depois de ficar por instantes olhando para o irmão, falou, cheia de admiração:

– Não sabia que você pensava assim, porque se trata de uma grande coincidência! Eu também tenho muita vontade de fazer isso.

***

LOGO QUE CHEGOU em Lisboa, o doutor Lúcio escolheu um hotel para sua estadia, considerado de alto luxo, onde rotineiramente se hospedavam chefes de estado e governantes quando iam a Portugal, fosse por ações

diplomáticas ou até mesmo a passeio. O penúltimo andar do prédio, de onde se via uma boa parte da cidade, foi o escolhido por ele. Estava satisfeito, pois desde a conversa que tivera com o marinheiro, até o final da viagem, não mais vira a imagem da mulher (espírito)...

Contudo, ao abrir a porta do seu apartamento no hotel, deparou-se com ela em sua frente, a sorrir. Esperou impaciente o empregado do hotel entregar as malas e, logo que ele saiu, revoltado e enfurecido, aproximou-se do espírito e, soltando a voz sem observar o ambiente onde se encontrava, começou a gritar:

– Agora chega, invasora da intimidade alheia! Vou agir do meu jeito para afastá-la de vez da minha vida – mas o espírito dirigiu a ele um olhar de ternura e um sorriso, pura expressão de paz, indiferente à revolta com que ele prosseguiu na gritaria: – Cínica! Você já olhou pela janela? Veja a altura de onde eu vou te jogar lá embaixo!

Apesar de achar que se tratava de uma miragem, tão emocionalmente desequilibrado ele se encontrava que falava como se o espírito fosse um encarnado e, mesmo já tendo tentado antes, sem conseguir, avançou sobre ela, mas novamente as suas mãos passavam pelo seu corpo como se nada fosse.

– Não pode ser verdade! Essa coisa não existe na vida real! Deve ser apenas uma projeção da minha mente, que, doente, criou esse fantasma da loucura que começa a me atingir**.**

No segundo dia, o espírito permaneceu quase o tempo todo no local, e Lúcio, no mesmo desespero, tentando agredi-lo com objetos, que atirava em qualquer direção, com grande ruído. No terceiro dia, o espírito lhe apareceu rapidamente, mas ainda assim dirigiu-lhe a palavra, tentando, acalmá-lo.

– Não te quero mal. Quem me mandou procurá-lo te ama muito! Volto amanhã, mas veja se me recebe, pelo menos, com um pouquinho mais de educação – e desapareceu como por encanto, enquanto Lúcio, estático e ainda de pé em frente à janela, falou para si mesmo:

– Menos mal.

Sentindo-se mais aliviado, ia se dirigindo a uma poltrona, mas, antes de

se sentar, foi atender alguém que havia batido na porta. Abriu-a e perguntou sem perda de tempo:

– Que deseja?

O visitante, depois de se identificar como gerente do hotel, começou a falar, medindo as palavras:

– Observando a organização e os protocolos desse tão conceituado hotel, é fácil compreender a responsabilidade de quem o dirige, o que não passa despercebido pelas pessoas de sensibilidade. Aqui me encontro para informá-lo de que todo o andar de cima será ocupado por uma comitiva governamental, fazendo parte dela um importante líder político.

– Que tenho eu com isso? Também sou importante e duvido que algum deles seja tão rico quanto eu que...

– Senhor...

– Doutor! Doutor Lúcio! É assim que devo ser tratado, e você, como administrador do hotel, deveria saber disso! – retrucou bruscamente.

– Sim! Mesmo não duvidando da sua riqueza e prestígio, tenho o dever de pedir sua compreensão. O doutor pode falar o que desejar, mas do mesmo jeito que o fazem as pessoas educadas, de fino trato, como é o nosso ambiente aqui. Digo isso porque seus vizinhos de apartamento procuraram-me, assustados, para se queixarem de gritos e ruídos produzidos aqui em seu quarto.

– Quê?! Isso é uma desonra!

– Não vim com intenção de reclamar, mas de apaziguar e também, se me permite, de sugerir um psiquiatra muito bem recomendado em nossa elite...

– Eu também sou médico! Já disse – falou empurrando bruscamente a porta, e o gerente, que nela estava recostado, acabou perdendo o equilíbrio e caindo.

***

JÁ EM FLORIANÓPOLIS, dias depois do doutor Alexandre ter assumido a direção da Casa de Saúde, como era conhecida, convidou os companheiros médicos e funcionários para uma reunião com finalidade de apresentar as novas diretrizes da casa:

– A partir de agora – começou falando – ninguém está autorizado a marcar consultas com pacientes cujo interesse seja o aborto provocado, mesmo que seja a peso de ouro! – e, voltando-se para os médicos, prosseguiu: – Mesmo em se tratando de pessoas consideradas de grande importância ou influência, parentes ou amigos. Se alguém, doravante, se aventurar a desacatar essa determinação, fica já notificado que estará assinando sua própria demissão.

Depois de uma breve pausa, o suficiente para observar a reação dos participantes da reunião, prosseguiu:

– Sou a favor da vida! Essa foi a finalidade da minha opção pela medicina, porque entendo que o homem é procriador e não criador da vida, esta cuja origem, apesar de observada e estudada pela ciência, ainda é um mistério, pois quem a idealizou ou ainda idealiza não está simplesmente acima de nós, mas muito acima da nossa pobre imaginação que...

Interrompido por um alarido ao longo do grande corredor, abriu a porta da sala e viu alguns funcionários tentando reter um homem que gritava, furioso:

– Me soltem! O assassino da minha esposa e do meu filho vai pagar com a mesma moeda!

Doutor Alexandre se aproximou, tentou acalmá-lo e disse com bondade:

– Vamos conversar um pouco? O desespero leva sempre a agir de forma que, logo depois, vem o arrependimento. E muitas vezes tardio.

Ele ouviu o médico, e depois o acompanhou a uma sala reservada:

– A quem você acusa?

– O proprietário desta casa, o doutor Lúcio! Ele é realmente um assassino e eu tenho provas.

Abriu uma pasta que levava e, depois de estendê-la ao médico, disse:

– Veja doutor, se isso é humano!

Depois de verificar os papéis, que eram consultas e uma resposta por escrito confirmando o aborto conforme solicitação da paciente, tentou acalmá-lo.

– O senhor tenha paciência, porque antes é preciso verificar se a causa da morte foi realmente o aborto.

– É normal o senhor me pedir isso, porque ele é o seu patrão. Mas quem perdeu a esposa e o filho que nasceria para minha alegria não foi ele e nem o senhor, doutor. Fui eu. Ele deu sorte em não ser encontrado por mim, e eu de ter encontrado o senhor, porque acabou me removendo a ideia de matá-lo. Mas vou processá-lo e não vou sossegar enquanto não vê-lo preso. Será a primeira vez que vou ver um grandão na cadeia! E não vai ser difícil, porque eu tenho um irmão que é juiz, um primo advogado e o meu cunhado, irmão da minha falecida esposa, é militar. Não sou tão rico quanto ele, mas tenho recursos suficientes para chegar ao meu objetivo!

– Não haja somente por vingança...

– Passe bem, doutor! E obrigado por ter me acalmado com suas boas maneiras.

Enquanto isso, no consultório do doutor Eusébio, em Lisboa, a sala estava repleta de pacientes aguardando a consulta com o médico, que atendia ao mesmo tempo na condição de psicólogo e psiquiatra, quando um homem trajado elegantemente foi entrando na sala. Anélia, que atuava como atendente, teve a impressão de que, por causa da sua desenvoltura, não se tratava de paciente e sim de um visitante.

Depois de cumprimentá-la, ele foi direto ao assunto que lhe interessava:

– Desejo falar com o doutor Eusébio.

– Neste momento ele está atendendo a um paciente.

– Eu também sou médico. Diga-lhe, por favor, que é o doutor Marcos.

Anélia, atenciosa, foi levar o recado ao doutor Eusébio e, ao retornar, informou ao visitante que ele não seria recebido de imediato. Teria que aguardar.

Insatisfeito por se sentir desprestigiado, apesar de se encontrar entre pessoas que não o conheciam, quis saber o valor da consulta e disse, com

indisfarçada arrogância:

– Pago a consulta para poder visitá-lo.

– Ainda assim – respondeu Anélia – terá que aguardar, porque o atendimento é por ordem de chegada e, infelizmente, nada posso fazer, pois cumpro ordens.

– Já que não pode ser de outro modo, aguardo. Talvez isso não me seja tão ruim, pois ganho mais tempo para admirar sua beleza.

Anélia, com as faces coradas, abaixou a cabeça, mas, apesar dessa reação, gostou do galanteio do visitante. Durante as duas horas de espera para ser atendido, ele preferiu estar junto dela conversando, até ouvir o chamado do doutor Eusébio. Ele deu dois toques na porta e ia abrindo-a lentamente, quando percebeu que havia uma pessoa sentada numa das cadeiras em frente ao médico. Pediu desculpas, justificando que não sabia que havia ainda um paciente em atendimento.

– Entre, sente e sinta-se à vontade – convidou o doutor Eusébio.

– Agradeço pela sua gentileza, mas eu não me sentiria à vontade com mais uma pessoa aqui.

O doutor Eusébio olhou para ele e pensou: “Esse deve estar ruim, mesmo!”, e em seguida disse gentilmente:

– Pode, sim, ficar à vontade, pois pelo menos ao alcance das minhas vistas não há mais ninguém aqui a não ser nós dois.

– Você não está vendo mesmo uma pessoa sentada...

Interrompeu a frase, porque a pessoa olhou na sua direção e ele, percebendo que se tratava da aparição, como a denominava, passou a ameaçá-la:

– Saia da minha vida! Você não passa de uma miragem ou, seja lá o que você for, desapareça e me deixe em paz!

– Sente-se, acalme-se e diga-me o que está vendo.

O visitante narrou tudo que lhe vinha ocorrendo, desde o início até aquele momento, e concluiu descrevendo:

– É sempre a mesma. Usa o mesmo traje e conserva o mesmo sorriso cínico e desdenhoso.

E antes que o médico dissesse alguma coisa, ele propôs, falando compassadamente:

– Como percebe, sendo eu também médico, certamente não vou me sentir bem misturando-me aos seus pacientes. Por isso, gostaria muito de um atendimento particular, no hotel onde me encontro hospedado. Não faço qualquer restrição em relação ao valor do tratamento, pois, felizmente, sou detentor de uma grande fortuna no Brasil, onde vivo.

Doutor Eusébio acatou a proposta, não simplesmente pelo dinheiro, mas, sobretudo, por ter se interessado pelo caso.

Na saída, o doutor "Marcos", como ele ali se identificou, aproximou-se mais uma vez de Anélia e falou próximo ao seu ouvido, cuidadoso para que outras pessoas não ouvissem:

– Não quero perdê-la de vista. Diga-me se eu terei oportunidade de, outras vezes, admirar a sua beleza e desfrutar do bem-estar que senti durante o tempo que passei junto de você. Peço que não me responda dando-me apenas a esperança que consola. Desejo algo real, verdadeiro…

– É... sim. Teremos, sim, oportunidade! – disse, apesar de não estar muito segura para se posicionar.

Esclarecimentos oportunos

Teimar na descrença, sem buscar a verdade, é negar a si mesmo a capacidade de raciocinar e de compreender.
Dizzi Akibah

NO SÁBADO DAQUELA mesma semana, doutor Eusébio, que já entendera o problema do paciente, chegou ao hotel para o tratamento, que começou com um diálogo, aparentemente fora da sua especialidade, mas com o objetivo sincero de ajudá-lo.

– O que você me diz sobre a crença na imortalidade da alma?

– Para mim, essa crença é o engodo de todos que imaginam que a vida prossegue pós-morte. Pelo meu entendimento, a morte extingue a vida sem nada mais sobrar, a não ser os restos mortais, de que a terra se encarrega.

– Você contempla a beleza de uma flor, sente o seu perfume que se espalha pelo ar, sabendo que isso vem do chão, onde a planta tem suas raízes fincadas. Não sendo a ciência que criou a vida vegetal, qual é a sua impressão?

– Que isso ocorre por uma ação da própria matéria... Eu já fiz essa observação e outras mais, como a contemplação dos corpos celestes... Os

planetas girando em torno de si mesmos e do sol... Ora, sabemos que a matéria é dotada de força de atração e de repulsão, como podemos observar, até num simples ímã.

– Não discordo. Entretanto, é bom observar, também, a utilidade de cada coisa, pois não deve haver nada que não tenha uma justa finalidade. E qualquer finalidade a ser alcançada demanda interesse de alguém por isso. Mas nunca ouvimos falar em qualquer cientista que tenha criado, com sua inteligência e sabedoria, uma roseira programada para gerar rosas belas e perfumadas, como falávamos há pouco, ou que tenha criado os corpos celestes e a lei de equilíbrio que mantém os planetas girando em torno das estrelas, sem nunca alterar a sua rota e nem o tempo da sua rotação. Que pode me dizer sobre isso?

Em vez de uma resposta, ele perguntou, demonstrando impaciência:

– Doutor, você quer me induzir a crer ou convencer de que há alguém acima dos homens?

– Induzi-lo, não! Mas fazê-lo analisar, para que possamos chegar a um entendimento satisfatório.

– Falando de Deus, não funcionará, porque não tenho bases para acreditar nisso.

– Você pode não acreditar na existência de um ser superior, mas não é bom deixar de observar o que nos envolve, quem somos e para que nos encontramos aqui, porque nada é por acaso. Sem isso, perde-se o sentido da vida e, com a vida sem sentido, perde-se também a autoestima e o amor próprio. Sem essas qualidades, desaparece a autocrítica e, sem ela, é possível que o comportamento se altere, nem sempre para melhor, sem que seja notado por si mesmo, mas muito pelos outros. Por isso mesmo é que, quando alguém é chamado através de um conselho amigo por estar cometendo algum engano, acaba não aceitando o que lhe é falado, por imaginar que está sempre certo.

Silenciou por instantes e, em seguida, estendeu a mão, entregando ao paciente um livro:

– Durante estes oito dias – sugeriu – leia o que mais lhe agradar do

conteúdo desse livro.

Passados os oito dias, esperançoso de que o conteúdo do livro houvesse despertado algo novo no seu paciente, chegava novamente ao hotel para o possível tratamento. Há muito tempo vinha incluindo com interesse, entre as suas pesquisas, questões sobre a vida pós-morte. Isso o vinha tornando convicto de que, despertando a mente do paciente, adormecida na ilusão da materialidade, poderia guiá-lo à crença em um ser superior, o que o levaria a um raciocínio lógico sobre o espírito que lhe aparecia, que não o procurava sem uma finalidade. Assim é que vamos encontrá-lo, mais uma vez atuando dentro dos conhecimentos da psicologia, mas com o propósito de despertar o paciente para uma nova realidade, aparentemente repetindo perguntas com o objetivo de comparar as respostas presentes com as anteriores:

– Para você, qual a utilidade da vida e do existir de cada criatura humana, vez que, é notório: tudo que existe, mesmo a matéria, considerada inerte por não ter vida, funciona e tem a sua própria utilidade, desde o minúsculo átomo aos imensos turbilhões estrelares?

– A partir da agregação da matéria, passou a existir uma finalidade inerente a cada situação. Na matéria sem vida, mas provida de movimento, a finalidade é simplesmente o existir. Nos seres vivos, é a preservação da própria vida...

– Sabemos que tudo isso não pode ter surgido do nada. E já que, do nada, nada surge, deve haver uma inteligência, além daquela do homem, que é considerado apenas um procriador. Porque, para criar toda essa diversificação de funções, objetivos e inegável equilíbrio, logicamente, somente uma inteligência superior à nossa. Em nosso caso, que somos médicos, buscamos na medicina os recursos para uma qualidade de vida melhor, seja saúde física ou mental, mas não sabemos como evitar que alguém que amamos nos deixe pela morte, assim como não saberíamos criar um feto, como se origina naturalmente nossa vida e a dos animais. Assim, pode me dizer algo que justifique a ideia da superioridade do homem, tão defendida pelos que se afirmam materialistas e ateus?

– Doutor Eusébio, penso que essa pergunta não seria respondida nem mesmo pelo mais sábio entre os cientistas. Eu estudei medicina e me especializei em clínica geral.

– Louvável a sua resposta! Porque se tornaria uma insensatez definir algo como verdade sem o necessário conhecimento. Se não conhecemos, busquemos pela lógica a compreensão que nos falta para crermos que existe algo ou alguém superior a nós. E é ainda mais insensato negar o que os nossos próprios olhos veem!

– Então, você quer me convencer de que o que vejo não é algo surgido de alguma anormalidade da minha mente, e sim um ser vivo?

– O ser existencial não pode se dividir em dois, com personalidades diferentes. As ações do doente mental vêm de suas próprias deficiências, não de outrem! Se eu pudesse mudar algo em você, seria apenas a descrença simplesmente por descrer. Em se tratando de doença mental, não há o que fazer; mas você é uma pessoa mentalmente sadia. Não conheço qualquer recurso na psicologia ou psiquiatria para ajudá-lo a afastar o ser que o procura, porque se trata de outra individualidade. Está fora da sua mente, porque é outra mente pensante. Posso apenas aconselhá-lo a dialogar, descobrir o que deseja de você e entrar em acordo, se for o caso. Se encontrar dificuldade, o único recurso que conheço, no momento, pode estar na doutrina espírita, que, apesar de ainda muito desconhecida e por demais combatida, é a que entende sobre espíritos. Aqui em Portugal há uma proibição à sua prática, mas no Brasil, de onde você veio, embora ainda combatida por outras religiões, é livre pela constituição do país, segundo informações de um amigo psiquiatra que lá se encontra a trabalho e que se integrou a um grupo de estudiosos da codificação de Allan Kardec, o que eu também faria se tivesse oportunidade.

O médico sentiu-se decepcionado, achando que o doutor Eusébio não prosseguiria o tratamento simplesmente por incompetência. Porém, logo que ele ficou sozinho, apareceu repentinamente em sua frente o espírito, mostrando a mesma tranquilidade e o mesmo sorriso. Ao ver a figura, ele sentiu ódio e repulsa, porque julgava que a entidade queria perturbá-lo.

Ainda assim, lembrando da sugestão do doutor Eusébio, de que ele procurasse dialogar, abrandou as emoções e começou a falar compassadamente:

– Se você é, realmente, um ser vivo, diga o que deseja de mim. Se é interesse, no caso de ajudar alguém, diga-me, porque eu tenho de sobra! Mas, por favor, desapareça da minha vida, porque eu não saberia viver em paz, sabendo que há alguém constantemente a me observar. Isso não me faz bem, porque eu quero continuar vivendo como vivi até agora, livre para fazer o que quero.

A entidade espiritual falou pela terceira vez desde que começou a aparecer para ele:

– É bom que saiba que o médico não é incompetente como você imagina. Na verdade, você, meu filho, não está doente, porque eu não sou doença! Sou a mesma pessoa que era antes da morte do corpo físico, quando vivi lá em Florianópolis. Minhas melhores amigas eram a sua avó Isabel e a sua mãe Tereza. Você não lembra porque, na época, era ainda uma criancinha. Só que eu não tive a satisfação de desfrutar muito da companhia delas enquanto na vida material, porque a morte me devolveu ao mundo espiritual, onde vivo atualmente. Venho aqui à sua procura a pedido delas, não para perturbá-lo ou julgá-lo, pois não sou juíza, mas na tentativa de prepará-lo para enfrentar com coragem o resultado de alguns erros por você cometidos em outras existências. Mas agora… somente para efeito de esclarecimento, você vem cometendo outros erros que, certamente, terá que responder à justiça divina, como a extinção da vida física pelo aborto. As formas de vida que foram extintas não eram apenas fetos expulsos dos úteros das mães. Para cada um deles, existia uma vida que não se extingue, do mesmo jeito que me encontro aqui diante de você, embora já não possua o corpo de matéria densa.

Fez uma pausa e voltou a falar:

– Quanto à possibilidade de ver espíritos, foi você mesmo quem pediu isso: pediu para servir em nome do amor, e assim amenizar os compromissos assumidos na existência passada. Você deve estar lembrado

do pesadelo, quando o bom Doriano, ou Dodô, como é tratado, apoiou-o enquanto você estava amedrontado. Aqueles que o ameaçavam durante o pesadelo são as mesmas pessoas que foram prejudicadas por você. O fato de você não os ter notado ultimamente não significa que tenham desistido de persegui-lo, pois estão movidos pela vingança. Venho mantendo-os temporariamente afastados, mas só enquanto você se decide a compreender, aceitar a verdade e se preparar para suportar com tolerância e paciência a reação às suas próprias ações.

Depois de uma pausa, percebendo que o médico se encontrava, aparentemente, receptivo, ela continuou explicando:

– A minha presença constante, desde o dia que você me viu pela primeira vez, em frente à sua casa, parecia-lhe insistente e perturbadora. Entretanto, era necessária considerando dois aspectos importantes: o primeiro, manter, temporariamente, os seus perseguidores afastados e insistir até você se convencer de que não se tratava de uma miragem e, sim, de um ser vivo, com intenções de ajudá-lo a carregar o fardo que você mesmo colocou nos ombros. Penso que isso está ocorrendo neste momento, após a explicação lógica do doutor Eusébio.

Ela silenciou mais uma vez, ensejando a assimilação, por ele, do assunto, e em seguida voltou a falar:

– Sugiro que não continue perdendo oportunidades, como já vem fazendo, desde quando Dodô tentava ajudá-lo com seus esclarecimentos. Eu, embora desencarnada, tenho outros deveres a cumprir, e também não devo continuar por muito tempo me ocupando somente com você, porque, como disse Jesus, *a cada um, segundo as suas obras*, quer você acredite ou não! Na verdade, o objetivo da minha presença não é protegê-lo, mas sim conscientizá-lo, despertá-lo para se sentir filho de Deus e buscar amparo na fortaleza da prece e na confiança em Jesus.

Depois de breve pausa, prosseguiu:

– Acorde enquanto há tempo, doutor! Despoje-se de todo esse orgulho e prepotência e olhe com mais atenção o ser humano! Há muitos dormindo no relento, famintos e necessitados de atenção e de afeto. Mesmo sem acreditar

na existência de Deus, faça algo que aumente a sua autoestima. E, nos momentos difíceis, em contrapartida, faça o bem sem olhar a quem. É o orgulho que o leva a se comportar de uma maneira equivocada, a ponto de maltratar e humilhar a pessoa que mais se preocupa e demonstra, com sinceridade, amá-lo fraternalmente. Dodô é um ser já provido de muita experiência e conhecimento acumulados ao longo de muitas existências. Futuramente, você poderá sofrer muito remorso ao saber de verdades sobre a situação dele naquela casa, as quais ainda se encontram ocultas como um segredo, mas que é preciso trazer à luz da verdade.

Porque ele ficou calado refletindo, ela perguntou:

– Quer ainda que eu me afaste de você? Sem minha presença, virão aqueles que desejam destruí-lo por vingança, escandalizá-lo moralmente para, em seguida, minar sua resistência física até a morte do corpo e levá-lo com eles, para a torpe vingança, já que a morte não aniquila o ser existencial. De qualquer jeito, você terá que responder por isso, porque criou débitos para com a divina lei. Mas o sofrimento está sempre de acordo com a capacidade de compreensão. Quanto mais preparado se encontra, mais possibilidade se tem de ultrapassar as dificuldades com coragem e dignidade.

– Por favor, me dê um tempo, porque eu não sei realmente qual é o meu estado: se estou sonhando, ou... acho que não tenho ainda convicção de que tudo que estou ouvindo é realmente verdade. Além disso, gosto do meu jeito de viver e não conseguiria mudar isso, por muito que tentasse.

– Você não está sonhando. Sua visão perispiritual está sobrepujando a visão do corpo físico. Por isso é que consegue ver além da matéria densa. O corpo do espírito, no caso o meu corpo, é composto de uma matéria menos densa, por isso não sou vista por Dodô nem por outras pessoas. Isso não é doença. É oportunidade de servir. Só que, nessa existência, você está se equivocando muito, propenso a contrair mais débitos, além dos que já trouxe.

– Que devo fazer, então?

– Inicialmente, se conscientizar de que nada do que lhe foi deixado por

herança ou mesmo do que você consegue adquirir com o próprio esforço lhe pertence. Desapegue-se e adquira a liberdade, pois você é escravo do que imagina possuir. Ajude a quem precisa não apenas do pão, mas de atenção amorosa. Desses necessitados, o mundo ainda está cheio. Mude os seus hábitos, enquanto há tempo, para que não seja preciso lutar, sem êxito, contra as viciações, que já estão a caminho.

Depois de uma pequena pausa, a entidade espiritual concluiu a longa e necessária conversa:

– Se você se decidir pela minha presença, doravante basta pensar em mim, não com revolta, mas, sim, na qualidade de amiga, do mesmo jeito que considero sua avó e sua mãe, já desencarnadas como eu mesma. Assim, não aparecerei mais diante de você, a qualquer momento. Isso foi necessário até agora, para, além de manter os espíritos vingativos distanciados, você perceber que eu não desejava perturbá-lo, como expliquei há pouco. Agora, se quiser a minha presença, é só me chamar. Continuo atendendo pelo nome de Ludmila – terminou de falar e desapareceu repentinamente.

A sala, que estava clara, de repente ficou escura, porque já era noite e a claridade tinha emanado da entidade espiritual. Lúcio acendeu a luz, recostou-se num sofá bastante confortável e, refletindo sobre o que acabara de ouvir, lembrou-se de Dodô e sentiu um forte remorso.

"Será mesmo que ele sente amor fraternal por mim? Logo por mim que tenho sido tão rude com ele?" E, fazendo uma retrospectiva, desde o primeiro aparecimento da entidade espiritual até aquele momento, lembrou-se também de Marcos, o marinheiro, e disse para si mesmo:

– Se tenho que ajudar a alguém, vou honrar a promessa que fiz àquele rapaz. Se ele não conseguir os bens que o pai deixou como sua parte na herança, eu sou capaz de retornar ao Brasil só para ajudá-lo. Talvez isso mude mesmo a minha vida e eu fique livre dessas coisas ainda desconhecidas, que tantos, como eu mesmo até há pouco, imaginam se tratar de loucura!

Pensava ele que a simples ajuda a um amigo libertá-lo-ia das

consequências dos seus atos e que a distância que o separava de Florianópolis livrava-o dos sérios problemas que lá deixara sem solução, preocupando e afligindo os amigos.

Doutor Alexandre estava em sua sala de trabalho, quando foi procurado por um oficial de justiça com uma notificação para o doutor Lúcio. Informado de que o destinatário se encontrava viajando e o seu atual endereço era ignorado, o oficial, demonstrando zelo pela reputação de Lúcio, talvez por se tratar de pessoa vista como importante, esclareceu:

– É algo sério. Essa é a segunda vez que venho para esse fim. Na primeira, não me deixaram falar com o senhor, contudo a notificação foi entregue. Já que continua ausente da cidade, como constatei, eu mesmo solicitei o envio de outra e espero que ele compareça. A minha obrigação é apenas entregar a correspondência. No entanto, em se tratando de um homem de tamanho prestígio...

Logo que o oficial saiu, Alexandre, lembrando-se de que recebera algumas correspondências, mas que, devido às múltiplas ocupações, ainda não havia aberto nenhuma delas, pegou-as na gaveta da mesa e passou a observar o conteúdo de uma a uma até chegar à última. Apesar de a princípio não se interessar, pelo remetente desconhecido, logo que começou a ler, sorriu de contentamento.

“Querido amigo Alexandre, peço, inicialmente, manter oculto o meu nome e o local onde me encontro. Usei o nome de Marcos por causa de um marinheiro que conheci durante a viagem, pessoa que julgo merecer a minha gratidão, pelo bom tratamento a mim dirigido. Mas sou eu mesmo, o Lúcio! Sou forçado a agir assim por causa de uma ameaça de morte, em uma carta que recebi antes de sair daí, cujo remetente afirmava ter perdido a mulher e o filho (que nasceria) por causa de um aborto. Estou certo de que a causa da morte dela não foi o aborto, como ele imagina. Mas, como convencê-lo disso, já que a ocorrência se deu alguns dias depois do citado procedimento? Peço, também, que não me envie, por enquanto, nenhuma correspondência, porque estou providenciando uma mudança de endereço. Além de tudo isso, eu preciso mudar muitas coisas em mim mesmo, mas

ainda não sei realmente o quê, e nem como. Por enquanto, desejo apenas deixar para trás as aventuras e avaliar as minhas expectativas sentimentais, sondar se realmente vale a pena uma convivência duradoura, já que nesse caso ficam sempre em jogo os bens materiais, algo de que não desejo abrir mão facilmente. Apesar de poucos dias depois de chegar aqui ter conhecido uma belíssima jovem que, com o seu jeito de ser, acabou me encantando a ponto de me tornar, momentaneamente, romântico e meio poético. Penso que você, apesar de um pouco mais novo do que eu, já tenha experimentado isso. É muito bom!"

O conteúdo da carta acabou deixando o doutor Alexandre aflito. Apesar das diferenças no proceder, consideravam-se amigos desde o tempo de faculdade, quando estudaram juntos em Portugal, para onde os pais que dispunham de possibilidades costumavam mandar os filhos para a desejada formação em nível superior.

Também aflito se encontrava Dodô, que na Mansão dos Anórios tentava amenizar os efeitos do comportamento do médico. Ao tomar conhecimento da situação de Cidélia, que ainda continuava internada, para lá se dirigiu. Ao vê-la, percebeu com tristeza o abatimento da jovem amiga. Depois de cumprimentá-la e conversar um pouco, procurou o médico que cuidava dela e foi logo perguntando sobre seu estado de saúde, ao que o profissional respondeu que, por suas observações, requeria cuidados especiais, pois os medicamentos não estavam respondendo a contento e, já que ela não se encontrava em condições de amamentar, o bebê deveria ser afastado como medida preventiva, para evitar contágio, caso ele também se encontrasse fisicamente fragilizado e contraísse no hospital uma doença contagiosa.

Dodô retornou ao local onde se encontrava Cidélia e, antes de dizer qualquer coisa, ela começou a falar:

– Dodô, eu estou me sentindo cada vez mais enfraquecida e percebo que meu corpo está definhando com muita rapidez. Penso que algo sério pode estar para acontecer comigo. Por isso quero lhe pedir que tome conta do meu filho, porque, além da confiança que deposito em você, ninguém além de mim tem mais responsabilidade por ele do que você, porque, não fossem

os seus conselhos e o seu apoio, ele sequer teria nascido com vida, como era a minha infeliz intenção. Por favor, volte aqui amanhã, porque eu vou lhe entregar um termo de adoção, para você criá-lo e educá-lo conforme os seus valores, que para mim são algo raro hoje em dia.

Parou de falar, por instantes, porque estava se cansando, e em seguida perguntou:

– Qual é a sua idade, meu bom amigo?

– Estou velho, menina Cidélia! Já completei cinquenta anos.

– Quando você chegar aos setenta anos, ele estará com vinte. Posso contar com você?

– Como tomar conta de um recém-nascido?

– Você o verá como seu filho. E com esse sentimento saberá em quem confiar, sob as suas vistas, para cuidar dele. Com o salário que você estava direcionando ao suprimento das minhas necessidades poderá pagar alguém para esse fim.

Depois de permanecer alguns minutos calado e pensativo, ele respondeu:

– Desejo muito que isso não aconteça, menina Cidélia! Mas se, porventura, for esta a vontade de Deus, pode contar com seu velho amigo... Amigo velho, que é mais apropriado! – falou já se despedindo, prometendo voltar no dia seguinte.

Reminiscências do pretérito

A teimosia é a característica do rebelde, que tenta, para a sua própria satisfação, esconder a verdade.
Dizzi Akibah

DEPOIS DA CONVERSA que teve com a entidade espiritual, o médico, lembrando-se de que doravante ela só lhe apareceria se ele a chamasse, preferiu esquecê-la e focar sua atenção em Anélia, com quem ainda não havia se encontrado, mas com quem se correspondia através de cartas, preferência dele, porque não desejava procurá-la no consultório do doutor Eusébio, onde ela continuava trabalhando.

Assim, logo que ela chegou ao seu local de trabalho, entregaram-lhe um envelope. Ao abri-lo, um perfume suave e muito agradável se espalhou. Ela fechou os olhos por instantes, fixou a mente nele e, emocionada, se dirigiu a um local, onde, sozinha, pudesse ler a carta. Depois de conferir o teor da correspondência, ela, que antes demonstrava na fisionomia uma constante preocupação, teve uma mudança rápida no seu estado íntimo, facilmente percebida por causa da alegria que imediatamente passou a exteriorizar. Percebendo isso, uma colega de trabalho, de quem ela já se considerava

amiga, comentou:

– Creio, pelo que percebo, que algo muito bom deve estar acontecendo contigo!

– Tu estás certa, porque há um novo endereço para os meus sentimentos. E, segundo a minha percepção, a porta não está apenas aberta, mas sim escancarada para as boas-vindas, partidas de um coração, aparentemente, amável. O provável eleito do meu coração é um homem ainda jovem, bonito, de fino trato, atraente e, posso deduzir pelo local onde está hospedado, também muito rico! Se acontecer o que prevejo, o meu futuro não será mais tão incerto como antes, embora eu não tenha ganância em sua riqueza.

Toda essa expectativa se prendia ao convite que ela acabava de receber, através da carta, para um primeiro encontro com o jovem médico, que assim ocorreu.

Era um domingo ensolarado, ela, radiante de alegria, vestiu-se com a melhor roupa que tinha e, depois de se mirar no espelho repetidas vezes, convencida de que estava bem, seguiu para o local combinado, uma praça no centro da cidade. Mas logo que se aproximou e viu o doutor “Marcos” (como ele continuava se identificando) sentado num banco à sombra de uma árvore, à sua espera, seu coração acelerou e ela sentiu que a alegria havia cedido lugar a uma repentina aflição, que não compreendeu. Por duas vezes parou de caminhar, sem certeza se prosseguia ou recuava. Antes que ela decidisse, ele se levantou, rapidamente deu alguns passos à frente e começou a acenar, chamando-a. A manifestação, aparentemente agradável, fê-la perder o receio. Ele se aproximou e, sorridente, segurou sua mão ainda trêmula, beijou-a de forma galante, falando com voz num tom romântico:

– Este momento, que nunca será esquecido, significará um marco na minha vida: o pretérito e o porvir, porque sinto que o futuro, para nós, poderá ser bem diferente do que tínhamos pensado.

Ela ouvia sem nada dizer, pois se repetia ali, com mais intensidade, o que já havia ocorrido quando o vira pela primeira vez no consultório: era como se já o conhecesse, mas não sabia precisar de onde e quando.

Sentaram-se no banco e iniciaram um diálogo, um dando suas impressões ao outro, ambos cuidadosos em relação ao que expressavam.

– O seu sorriso é muito agradável – disse ele. – O que me impressiona é o seu jeito de sorrir: lembra-me uma pessoa que faz muita falta na minha vida!

– Alguém importante para você? – perguntou Anélia, ainda um pouco tímida.

– O meu pai! Apesar de aparentemente sem explicação, essa impressão não me passou despercebida.

– Onde ele se encontra?

– Deixou de existir. A morte extinguiu sua vida. Isso ocorreu há quase quatro anos, mas ainda não consegui aceitar. O pior é que, meses depois, minha mãe, uma valorosa mulher, adoeceu e em poucos dias também desapareceu do cenário da vida.

– Lamento, pois sei bem o que significa essa dor. Também sou órfã. Por isso tenho que trabalhar naquele consultório.

– Então seus pais não lhe deixaram nenhuma herança?

– Infelizmente, não. Antes de nos deixar, ele vendeu os bens imóveis, afirmando que precisava do dinheiro, porque seus negócios no Brasil estavam em pré-falência. De posse do dinheiro, informou à minha mãe sua intenção de ir de vez para o Brasil. Não voltaria mais para nossa convivência. Foi doloroso para todos nós, porque, além de nos abandonar, deixou-nos sem qualquer recurso. Diante dessa situação, minha mãe, que perdera o gosto pela vida, em pouco tempo adoeceu e, mesmo com os cuidados médicos disponíveis, acabou morrendo. Ele também, segundo informações, mas ainda sem confirmação.

– Então, ele era brasileiro?!

– Não. Ele era português, lisbonense, porque nasceu aqui mesmo em Lisboa.

– Até nisso nós estamos admiravelmente em coincidência, porque o meu pai era português radicado no Brasil. A única diferença é que ele era um homem muito hábil para negócios de grande porte. Tanto que, ao se casar

com a minha mãe, nada possuía. Mas soube multiplicar os bens pertencentes a ela. Além disso, alguns anos depois, meus avós paternos morreram e ele passou a ser o único proprietário de todos os bens que eles haviam deixado, uma vez que o único irmão que tinha, havia morrido ainda muito jovem. Por isso, ele foi um dos homens mais ricos do Estado e me deixou uma grande herança. Tão grande que ainda não consegui conhecer, como deveria, tudo o que me pertence. Isso garante o meu futuro sem precisar trabalhar, a não ser estar de olho nos administradores que tomam conta, para evitar roubo.

Fez uma pausa proposital, para observar a reação de Anélia, que ouvia cabisbaixa, e a seguir voltou a falar:

– Como você pode perceber, não tenho preocupação com o futuro, que pode, a partir de agora, se tornar mais venturoso, pois nele eu pretendo incluir a eleita do meu coração! Não pensava assim até o dia em que pus os olhos em você, lá no consultório. Naquele mesmo dia, você, talvez sem perceber, invadiu meu íntimo e tomou por completo o meu coração. Nunca, Anélia, havia me ocorrido isso! Experimento, nesse momento, uma sensação... é como se eu já a conhecesse, mas estivéssemos distantes um do outro durante longo tempo, e agora a vida nos aproximasse. Você está compreendendo o que quero dizer?

– Estou compreendendo, porque eu também senti isso quando o vi, naquele mesmo dia!

– Nunca alguém me deu uma explicação lógica que me permitisse saber o que é o amor... Mas agora não preciso mais saber, porque o que eu sinto ao seu lado, dispensa qualquer explicação, por profunda que seja.

Depois de uma pequena pausa, com os olhos voltados para ela, perguntou:

– E você, como está se sentindo?

– Podemos até não saber definir o amor, mas não devemos ignorar que, sem ele, jamais nos livraríamos de sentimentos depreciativos como o ódio, a vingança e a negação ao perdão; sem ele, não haveria união, cooperação, compreensão... Penso que não há melhor escolha do que amar a Deus sobre

todas as coisas, ao próximo como a si mesmo, e querer para os outros o que desejamos para nós mesmos, orientação de Jesus, conforme se encontra no Evangelho. Mas, respondendo a sua pergunta, as emoções me deixam um pouco confusa, pois tudo isso está acontecendo como se fosse um toque mágico. Fique certo de que aqui me encontro de livre e espontânea vontade, e que, apesar da situação atual que tento superar, não estaria aqui neste momento simplesmente por achá-lo bonito, elegante e rico. Estou aqui por sentimento, e não por interesse em coisas materiais, porque penso que a maior riqueza é a paz. E essa não é encontrada nas casas comerciais, como se mercadoria fosse. Não que eu tenha algo contra a riqueza. O que não adoto nos meus costumes é o apego, porque todo aquele que se apega torna-se escravo das coisas que pensa possuir. Digo "pensa possuir" porque os bens materiais que temos hoje, como nossos, logo mais pertencerão a outras pessoas, passando assim de mão em mão.

O médico, embora não concordasse com o que ela falava sobre o ensinamento de Jesus em relação ao amor, sorriu, bastante contente por compreender que se encontrava diante de uma pessoa bem diferente de tantas outras que dele se aproximavam muito mais por interesse no que ele tinha.

Depois de breve pausa, ela voltou a falar:

– Se for essa a vontade de Deus, em relação a nós, tudo ficará bem.

– Você acredita mesmo nisso?

– Para mim, tudo está inserido numa inteligência que é suprema, de onde se originam todas as coisas que existem, inclusive os seres vivos.

– Que benefício essa crença lhe proporciona?

– Só o fato de me sentir filha de Deus e confiar nas suas leis justas me fortalece o ânimo.

– Gostaria de pensar como você, mas minha formação tende muito mais para a do meu pai, que era ateu.

– Meu pai também era descrente, mas logo cedo eu compreendi que negar sem fundamento denota falta de conhecimento. Defender essa ideia era a única atitude minha que o desagradava, mas não entrávamos em choque

quando tocávamos nesse assunto, porque minha mãe, sempre por perto, intervinha, chamando-nos atenção para qualquer outro assunto.

– Com base no que você acredita, qual é o sentido da vida?

– Para mim é o aprimoramento dos sentimentos, a educação dos pensamentos e o cultivo do bem. Quem cultiva o bem não cria inimizades. Quem perdoa, recupera a paz. Quem respeita o direito do outro, estabelece a honestidade. Quem serve em nome da caridade, conquista a alegria de viver, por se sentir útil. Quem se desapega de bens materiais, liberta-se da escravidão.

– Já que não tenho bases para afirmar se isso é fundamental para a vida, também não devo negar. Mas você acha mesmo que alguém conseguiria viver bem com essa autodisciplina?

– Sem observar a disciplina, a liberdade, que é um bem inestimável, pode ser substituída pela libertinagem.

– Para mim, só desfruta da liberdade quem tem possibilidade de ter tudo às mãos e prestígio suficiente para remover qualquer obstáculo.

– Penso que as maiores possibilidades vêm do conhecimento. Mas perdem sua chance quando não se aliam ao aprimoramento das qualidades morais.

Enquanto o médico admirava a fluência de Anélia em relação ao que acreditava, ela, por sua vez, compreendia que estava lidando com um homem de boa aparência, elegante, detentor de uma fortuna em bens materiais, com título de doutor, mas que, no tocante às ideias que defendia, era aparentemente oco, e com isso começou a sentir um desencanto. Entretanto, tratou imediatamente de remediar a situação, que poderia gerar, já no primeiro encontro, um choque emocional, o que quase sempre ocorre quando há diferença de ideias. Afinal, nem todos aprenderam a discordar e prosseguir em harmonia com o seu opositor. Assim pensando, ela voltou a falar:

– Entendo que cada pessoa escolhe para si o que mais lhe agrada, mas nunca é demais manter um determinado cuidado com o que se prefere para a vida, porque somos nós mesmos que criamos o nosso destino.

– É verdade! – exclamou ele, e prosseguiu explicando: – Até há pouco, eu não havia pensado nisso. Agora, no entanto, eu já desejo traçar a rota do meu destino, que seria venturoso, se tivesse sempre ao meu lado alguém como você: olhar vivo e ao mesmo tempo meigo, sorriso brando, mas também misterioso, como se guardasse um segredo, um belo rosto que me emocionasse toda vez que a ele dirigisse o meu olhar.

Parou de falar. Depois de ter observado a reação dela, concluiu:

– Anélia, o amor, para mim, continua sendo um mistério, porque não saberia defini-lo, se você me pedisse isso. Entretanto, posso identificá-lo nesse bem que a sua presença me faz.

Ouvindo isso, Anélia tentou amainar os receios:

– É verdade que temos ideias diferentes, mas como penso que não há ninguém igual na maneira de pensar e compreender...

Daí para frente, as expressões se tornaram, momentaneamente, mais carinhosas, e assim prosseguiram conversando amigavelmente. Apesar disso, ao término do encontro, Anélia passou a sentir uma grande aflição e, como se sua vida estivesse à beira de um precipício, deixou o local tão rapidamente que sequer percebeu os acenos repetidos do médico.

***

DIAS DEPOIS DO encontro que tivera com o doutor “Marcos”, Anélia recebeu uma carta de uma funcionária da justiça com quem havia feito amizade, sugerindo seu retorno a Florianópolis, e ficou aflita, pois não dispunha de recurso para a viagem. Sem saber o que fazer, recolheu-se durante alguns minutos em prece, e concluiu-a emitindo sua confiança nos desígnios divinos: “Senhor, que seja feita, acima dos meus interesses, a Tua

vontade, pois sabes bem mais do que eu mesma o que é melhor para mim".

Dormiu tarde, mas despertou bem cedo, e com muita disposição, pois já sabia o que fazer. Imediatamente começou a arrumar uma mala com as roupas dela e de Gedeão, o irmão mais novo. Sabia que Tadeu por enquanto não poderia acompanhá-la. Assim, logo que os irmãos acordaram, ela começou a falar da sua decisão de sair do emprego e vender os móveis da casa para apurar o dinheiro necessário à viagem e ao pagamento do aluguel da casa por dois meses, e concluiu se dirigindo ao irmão Tadeu:

– Se você ainda precisar ficar mais tempo por aqui, trate de procurar a casa de um amigo que possa lhe dar acolhida.

Uma nova família

A união pela fraternidade é caminho para a "fonte da vida": Deus!
Dizzi Akibah

NA MANSÃO DOS Anórios, Dodô se encontrava preocupado pela falta de notícias do doutor Lúcio. Não obstante o tratamento rigoroso que recebia do "menino doutor", como gostava de tratá-lo carinhosamente, dirigiu-se à Casa de Saúde, único local onde pensava encontrar o que desejava. Lá chegando, a primeira pessoa que viu foi Sara:

– Oh menina Sara! Trabalhando ainda aqui, mesmo com a ausência do doutor Lúcio! Tem alguma notícia dele?

– Não, Dodô! Ele sequer se despediu de mim. Quem deve saber alguma coisa é o doutor Alexandre.

Dodô foi direto à sala do médico. Depois de dois toques na porta, abriu-a um pouco e perguntou:

– Posso entrar?

– Oh! Como não? Seja bem-vindo, bom homem!

– Pensei até que havia me esquecido, o que seria normal, porque há muito

tempo que não aparece lá na mansão!

– As suas expressões paternais, Dodô, tão presentes na vida de Lúcio, são exemplos que o fazem ser sempre lembrado.

– Eu sinto realmente esse amor paternal, mas o menino ainda é muito teimoso! Não sei se você tem conhecimento dos motivos da viagem dele...

– Sinceramente, não sei. Antes dele viajar, a conversa que tivemos foi muito rápida.

– Oh, doutor Alexandre! São tantas coisas... Nem queira saber, porque não se trata de nada agradável. O pior é que eu tenho que carregar esse peso sozinho, porque tudo que se refere a ele é mantido em condição de segredo...

Com receio de se trair, o criado mudou rapidamente de assunto:

– Você tem alguma notícia dele?

– Sei apenas que se encontra em Lisboa, Portugal – respondeu doutor Alexandre.

– Era justamente lá que ele não deveria estar. Não há previsão de nada bom para ele, caso permaneça lá por mais tempo.

– Por que você pensa assim?

– Quem me disse isso foi dona Tereza, a mãe dele, no começo dessa semana.

Alexandre achou graça ao ouvir isso, imaginando que o empregado de Lúcio não estava falando coisa com coisa, e perguntou:

– Dona Tereza não morreu há alguns anos, Dodô?

– Morreu não! Passou para o outro lado da vida, o mundo espiritual, e se encontra mais viva do que antes de perder o corpo físico.

– Está bem, Dodô… Que bom se fosse assim!

– Doutor Alexandre, é assim mesmo! Dona Tereza e a bondosa dona Isabel se comunicam comigo e dizem o que devo falar para o menino doutor na tentativa de ajudá-lo a melhorar seu modo de viver, que não é nada bom.

Parou de falar, fechou os olhos e em seguida disse:

– Dona Tereza está me dizendo, que você deve ter cuidado com o que ele

diz, porque nem tudo é verdade. Não que ele esteja querendo enganá-lo, mas, sobretudo, por causa da sua atual situação psicológica. Ela pede ainda que você não considere como verdade o conteúdo da carta que ele lhe enviou, usando inclusive outro nome, a qual se encontra num envelope aí na gaveta dessa mesa.

Dodô saiu da concentração, abriu os olhos e o doutor Alexandre, perplexo, perguntou:

– Mas o que é isso? Não entendo!

– Isso se chama comunicação espiritual e está ocorrendo porque elas estão muito preocupadas com ele, por causa das coisas malfeitas. Mas, voltando ao assunto anterior, ela disse que a permanência em Lisboa não será boa para ele, dentre outros motivos, por causa de um relacionamento com uma bonita jovem. Há um impedimento, por enquanto ignorado por eles. Como o citado relacionamento terá de sofrer interrupção, ele, que já não se encontra bem, poderá piorar ainda mais sua situação psicológica.

Alexandre lembrou-se de que na carta Lúcio havia realmente se referido a isso e, voltando-se para Dodô, perguntou:

– Ele sabe dessa sua particularidade de contatar quem já morreu?

– Se ele não acredita na existência de Deus, nem na vida após a morte, imagine em mim! E você, doutor Alexandre, acredita?

– Dodô, eu sempre acreditei na existência de Deus e que, além do corpo físico, há uma chama viva denominada *alma*, mas não acreditava, até há pouco, que houvesse essa possibilidade de comunicação. Agora, no entanto, diante do que eu presenciei... Por ignorarmos determinados assuntos, a gente pode até não dar crédito ao que outras pessoas dizem. Mas deixar de acreditar no que vemos é falta de sensatez.

– Mas o menino médico nega até o que ele mesmo vê. Tenta tapar o sol com uma peneira, como diz o povo. Eu ouço os espíritos. Ele vê, mas pensa que está ficando louco. Esse foi um dos motivos da sua viagem, imaginando fugir do espírito que está aparecendo a ele. Mas onde ele for, vai continuar vendo espíritos, porque é clarividente.

– Dodô, se você continuar falando sobre essas coisas, a minha mente vai

acabar confusa. Irei um dia desses lá na mansão, para você me explicar tudo isso com calma e em detalhes. Por enquanto, só posso lhe dizer, bom homem, que vá em frente e semeie sempre o bem, porque entendo que a vida lhe traz de volta o que você mesmo dá a ela.

– Doutor Alexandre – falou Dodô visivelmente emocionado –, eu estou muito contente com sua atenção! Se você não reparasse, eu pediria para me deixar abraçá-lo e externar, assim, a satisfação que estou sentindo com seu tratamento...

Doutor Alexandre levantou-se sorridente, abriu os braços e o abraçou dizendo:

– Mesmo que o sentimento de amizade pudesse ser medido, eu não me proporia a isso, porque sua sinceridade já me diz tudo!

O criado da Mansão dos Anórios deixou o local radiante de alegria. Afinal, alguém dera atenção e confiança às suas palavras.

Momentos depois de ter chegado à Mansão dos Anórios, ouviu chamarem-no lá fora. Ao abrir a porta, expressou-se com bastante alegria:

– Oh menina portuguesa, por aqui de novo?

– Quero lhe apresentar Gedeão, meu irmão caçula. Viemos para atender um chamado da justiça, mas para isso preciso muito da sua colaboração, porque não temos onde nos hospedar, por falta de dinheiro. E já que viemos para ficar, peço que nos aceite aqui.

– Menina portuguesa, como posso fazer isso, se o proprietário não se encontra?

– Seu Dodô, o senhor se esqueceu de que somos filhos de Manoel Anório, e por isso também herdeiros dos bens materiais que ele deixou?

– Me desculpe o zelo demasiado, que me fez esquecer disso. Mas ainda há uma preocupação. O recurso que ele deixou é estritamente o necessário para as despesas da casa e o meu sustento. Até o meu salário está comprometido, porque estou sendo levado, por uma circunstância muito séria, a criar uma criança recém-nascida. A mãe, muito doente, já está desenganada pelo médico. Com o meu salário, terei que pagar a uma pessoa para tomar conta da criança.

Anélia silenciou e ficou pensando. Logo depois, perguntou:

– Seu Dodô, quer confiar em mim para tomar conta da criança? E não vai precisar me pagar por isso! Se essa criança vai ser recebida nesta casa, será sempre daqui. Se o senhor permitir, logo que tomarmos posse da nossa parte na herança, caso dê tudo certo, eu pedirei a guarda dela e a criarei como se meu filho fosse.

– Menina portuguesa, louvado seja nosso senhor Jesus Cristo! Bem que os meus pensamentos estavam certos desde a primeira vez que você conversou comigo! Você está sendo inspirada pela saudosa dona Tereza, que foi mãe do doutor Lúcio, e por minha benfeitora, a bondosa dona Isabel. O recém-nascido faz parte da família, porque é neto de dona Tereza e bisneto de dona Isabel.

– Então ele é filho de seu patrão?

– Isso é um segredo! Mas já que você vai cuidar dele, tem todo direito de saber: sim, é filho do seu irmão, o menino doutor, mas ele não sabe e não deve saber por enquanto que é pai, porque o mínimo que faria seria mandar afastá-lo daqui, porque é totalmente contra a paternidade. Por isso, a mãe da criança não quis que ele soubesse. Tenho em mãos um termo de adoção, assinado por ela mesma. Vou ainda hoje no juizado que cuida disso para que fique tudo em ordem.

– Informe-se, por favor, se posso registrá-lo como meu filho.

– Oh menina portuguesa, ele já está registrado com os nomes da mãe e do pai, e o doutor Lúcio sequer imagina...

A conversa foi interrompida, pois o carteiro chamava lá fora. Anélia, pressentindo o que poderia ser, adiantou-se ao velho criado e foi atender, vibrando de alegria ao constatar que era um comunicado da justiça notificando-a de que o seu pedido havia sido deferido (ela passara o endereço dessa residência de Florianópolis em sua correspondência com o tribunal). Ela e os irmãos tinham sido reconhecidos como filhos de Manoel Anório e, consequentemente, herdeiros legais. Restava apenas a partilha dos bens materiais entre eles e doutor Lúcio.

Dodô, surpreendido com tudo o que estava acontecendo, seguiu para o

juizado. Mais tarde, ao retornar cheio de alegria por ter conseguido realizar seu interesse, entrou em casa dizendo:

– Menina portuguesa, já podemos começar a nossa nova experiência de cuidar de um recém-nascido. Sei que dá muito trabalho, contudo, o meu coração está aos pulos de alegria. O molequinho estará amorosamente amparado, mesmo sem sabermos o paradeiro do pai.

– Acho que será uma inesquecível experiência, receber e cuidar com amor desse espírito que certamente vem em busca de melhoria moral e espiritual.

– Menina portuguesa, essa expressão não pode ser de uma pessoa católica como você se afirma! Ou então, você está lendo o livro…

– Foi um presente valioso! A leitura que comecei a fazer durante a viagem de retorno a Portugal vem me abrindo um novo horizonte. Quando eu conseguir pôr em prática o que estou aprendendo, acho que não serei mais a mesma pessoa.

– Isso me alegra muito, porque não me sentirei mais sozinho como antes, sem ter com quem trocar ideias. Eu gostaria, se for do seu agrado, que participasse com Gedeão do estudo do Evangelho, que já venho fazendo há muitos anos sozinho. Precisamos manter a harmonia da casa, para que o pimpolho cresça num ambiente sadio e alegre, porque se trata de um espírito de boas qualidades morais. Que me diz?

– Isso não é um simples convite. É uma boa oportunidade de aprender muito com o senhor.

– Vamos aprender com Jesus Cristo, porque eu só sei que nada sei – repetiu o que dissera um dia ao doutor Lúcio.

No dia seguinte, logo cedo, Dodô foi à área ajardinada da mansão e, enquanto colhia flores para Anélia ornamentar a casa, cantarolava a mesma canção portuguesa que lhe fora ensinada por Isabel. Em dado momento ouviu a voz de Anélia, chamando-o para atender uma pessoa que o procurava. Era Sara. Ele se aproximou, olhando para ela:

– Nem precisa me dizer, pois já sei o porquê da sua visita. Estou certo?

– Infelizmente, sim. Ela morreu essa madrugada, e a criança tem que ser

retirada de lá! O pior é que, se dependesse da família dela, nem o corpo seria sepultado, porque eles não têm a mínima condição. Mas isso eu já resolvi com o doutor Alexandre, que vai assumir, em nome da casa, as despesas relativas ao sepultamento.

Sara saiu e Dodô entrou com a mão cheia de ramalhetes de flores, mas visivelmente entristecido. Aproximou-se de Anélia, entregou as flores e disse, emocionado:

– Vamos, menina portuguesa, buscar a criança que está chegando e, infelizmente, a mãe indo.

***

DEPOIS DE TER passado vários dias no mar em viagem de trabalho, o marinheiro retornou à casa e, ao entrar, encontrou no chão, certamente colocado por baixo da porta, um recado escrito: “Estive aqui, conforme prometi, mas, já que não o encontrei, peço que me procure no endereço escrito no verso do papel”.

Depois de ter se recuperado do cansaço da viagem, Marcos Tadeu foi procurar o médico que havia conhecido no navio durante a viagem. Ele se instalara numa das melhores casas de aluguel do centro da cidade, onde o marinheiro foi recebido com demonstrações de alegria:

– Bem-vindo seja, ó homem do mar! Não havia planejado procurá-lo por agora, e sim mais tarde, quando você já pudesse me dar alguma informação sobre o pedido de revisão da herança, mas eu me encontro...

– Desculpe interrompê-lo – falou o marinheiro –, há probabilidade de dar certo, conforme o advogado que o senhor mesmo me indicou, mas ainda é cedo para saber. Porém, ele já entrou com o pedido de revisão...

– Ele não pertence ao círculo de minhas amizades. Contratei-o apenas uma vez, para resolver algo do meu interesse, e pude constatar que foi muito eficiente.

O jovem marinheiro, depois de observá-lo por uns instantes, comentou:

– Percebo tristeza em seu semblante!

– Foi por isso que fui procurá-lo em sua casa. É que estou passando por uma experiência que imaginava bem distante de mim.

Fez uma pausa e, depois de voltar o olhar ao marinheiro, prosseguiu:

– Você, Marcos, é muito jovem, mas tem uma mente aberta e é também muito perceptivo. Talvez por isso, desde aquele dia que nos conhecemos no navio, apesar das circunstâncias, passei a confiar em você como uma pessoa amiga, a ponto de abrir o meu coração para falar o que sinto, para desabafar...

Fez uma breve pausa, mudou o tom da voz e voltou a falar:

– Nunca antes havia sentido algo profundo por uma mulher. Talvez porque a minha situação, tanto econômica quanto social, atraia para mim muitas moças bonitas, mas de classe social inferior. Com essa facilidade, acabei usando-as ao meu bel-prazer. Agora, no entanto, logo que aqui cheguei, conheci uma jovem muito bonita. Mas não foi a beleza que me chamou atenção. Algo novo me ocorreu, como se eu já a conhecesse, mas há muito tempo não a visse. Para mim foi tão grande emoção que acabei me sentindo preso a ela. Nos encontramos apenas uma vez, mas é como se já vivêssemos juntos há muito tempo. Mas, por ironia do destino, eu recebi uma carta dela me informando que faria uma viagem indispensável e, se tivesse que demorar, me avisaria. No entanto, já está fazendo um mês que ela se ausentou, e eu sequer sei o seu paradeiro.

– Doutor Marcos – falou o marinheiro, demonstrando interesse pela conversa –, penso que se ambos nasceram para compartilhar a experiência de um lar, ela voltará e tudo dará certo. Mas, se ela não reaparecer, é porque, em vez de amor, o que houve foi um breve fascínio ou uma rápida atração, que certamente acabaria em nada. O melhor mesmo é aprender a esperar. Quando seguimos um caminho pensando que é o ideal, mas não

chegamos ao que desejávamos, possivelmente não se tratava de algo bom. Em minha crença, nada acontece na Terra, no universo, que não seja da vontade de Deus.

– Marcos, com que base você acredita nesse suposto Deus com tanta confiança?

– Doutor – respondeu o jovem marinheiro –, eu olho em sua direção e vejo um ser vivo, inteligente, capaz de, na condição de médico, debelar o sofrimento físico de alguém, um ser que vive em liberdade, experimentando o resultado das suas próprias ações. Sabemos, e você muito mais do que eu, que para estarmos aqui foi necessário haver a união de um homem e uma mulher, no caso os pais, que contribuíram para o nascimento do filho, mas não foram eles que inventaram o corpo físico... a vida! Ora, se nenhum homem é capaz disso, quem então? – perguntou e fez uma pausa.

Como o médico ficou em silêncio, ele prosseguiu:

– Por isso eu disse que, ao olhar em sua direção, vejo em você, doutor, a expressão de alguém que está além de nós, porque esse alguém sabe fazer o que nós não somos capazes. A esse ser é que chamamos de Deus. O sentimento de respeito a Ele começa na compreensão de uma hierarquia.

– Onde se encontra esse Deus, que ninguém o vê?

– Se pudéssemos vê-Lo como uma pessoa, ele seria igual a nós. Mas é justamente porque não temos a capacidade de vê-Lo que podemos compreender sua grandiosidade. Mesmo sem noção de qualquer atributo divino, é bom cultivar o respeito e a consideração que devemos aos outros. Resumindo: só o bem faz bem. E quando pensamos assim, atraímos para junto de nós seres bons, mesmo que não possamos vê-los. O seu caso é ainda mais especial, porque você tem a oportunidade de ver o que a maioria não consegue.

– Na verdade, Marcos, o que eu mais desejo é me livrar dessa possibilidade!

– Pelo que eu tenho lido ultimamente, esse fenômeno poderá ocorrer durante toda essa sua existência. Nesse caso, o melhor a fazer é educar o pensamento e os sentimentos para não ter que passar por dissabores com a

presença indesejável de quem, embora tenha perdido o corpo físico pela morte, continua em suas viciações e na maldade.

Pensando no que acabava de ouvir do jovem marinheiro, ele se lembrou de Dodô, de sua casa, dos companheiros de classe social e sentiu saudades. No entanto, estava ali não apenas pelo engano de fugir da entidade espiritual que lhe aparecia, mas também por medo da ameaça de morte...

Depois de passar alguns minutos pensando, voltou-se para o jovem marinheiro e pediu-lhe que, quando houvesse uma viagem a Florianópolis, o avisasse, porque tinha uma encomenda para ser entregue a um amigo.

– Farei isso com muita satisfação – respondeu o marinheiro –, mas tenho também um pedido a fazer. Pela consideração que venho adquirindo por sua pessoa, sou levado a desejar o melhor para você. Eu peço que, para o bem da sua saúde, beba menos! Desde a hora em que aqui cheguei até o presente momento, o conteúdo de uma garrafa já desapareceu...

O médico levantou-se de vez e perguntou:

– Gostaria muito de saber por que, ultimamente, todas as pessoas que se aproximam de mim tentam me controlar. Até você?!

– São sugestões de quem gosta de você, doutor! É bom atender, antes que seja tarde – disse o marujo, com a mão estendida para se despedir.

Dias depois, logo que chegou em Florianópolis, o marinheiro dirigiu-se à Casa de Saúde, como era conhecida, para entregar a encomenda ao doutor Alexandre. Foi informado que ele não trabalhava mais no local. Tentou saber onde poderia encontrá-lo, porém, não obtendo a informação, foi ao encontro de Anélia e Gedeão. Logo que chegou à Mansão dos Anórios, ficou chocado. Não podia acreditar que estivessem morando naquela casa, que ele já conhecia por fora e cuja beleza da arquitetura admirava toda vez que, passeando com companheiros da marinha, passava no local. Depois de ter se identificado, Dodô pediu que o seguisse. Ele foi entrando a passos lentos, observando a riqueza dos móveis e a decoração do ambiente, que mostrava o melhor da época. Mas sua observação foi interrompida por Anélia, que, ao vê-lo, cheia de alegria, foi logo contando a decisão da justiça, a partilha da herança, tudo enfim. Percebendo a expectativa do

irmão, concluiu assim a conversa:

– Eu recebi um alvará assinado pelo juiz para sacar no banco a quantia que ele mesmo estabeleceu, para o nosso sustento, até tomarmos posse do que for determinado.

Em seguida, o jovem marinheiro seguiu Dodô, que gentilmente lhe mostrava em detalhes sua nova residência. Por causa da empolgação, Marcos Tadeu esqueceu-se da recomendação do doutor "Marcos" de que não deixasse ninguém mais, além do doutor Alexandre, ver o envelope, e o deixou em cima de uma peça. Notando-o, Anélia o pegou para guardá-lo, mas a curiosidade fê-la olhar do que se tratava, e viu escrito: "Do doutor Marcos Freire para o doutor Alexandre", e sentiu como se faltasse terra aos seus pés. Quando o marinheiro retornou, ela ainda se encontrava com o envelope na mão, monologando: "Como pode ser isso? Não acredito que eles se conheçam... Será que descobriu a casa e foi me procurar?".

Logo que viu o irmão se aproximando, ela perguntou:

– Para quem é essa encomenda?

– Seria entregue a um certo doutor Alexandre, numa Casa de Saúde, mas ele não trabalha mais lá, e ninguém soube me informar onde encontrá-lo.

Ouvindo falar o nome do doutor Alexandre, Dodô se aproximou:

– Desculpe a minha intromissão: se o doutor Alexandre for o mesmo que conheço, ele é o diretor da Casa de Saúde que pertence ao doutor Lúcio, o irmão de vocês.

– Deve se tratar de outra pessoa, porque o remetente é "doutor Marcos Freire".

Dodô achou estranho, mas lembrou-se de que o doutor Alexandre estudara em Lisboa e, por isso mesmo, o remetente deveria ser algum ex-colega. Para Anélia, a situação era outra: o nome era o mesmo do "namorado" que ela havia deixado em Lisboa, e por isso queria saber mais.

– Tadeu – assim ela preferia chamar ao irmão –, como você conheceu essa pessoa?

– Nelinha, Nelinha, sua empolgação sempre te atrapalha. Está esquecendo o que já narrei umas duas vezes?! Doutor Marcos Freire é o mesmo que eu

conheci na viagem daqui para Lisboa e que me deu o nome do advogado. Como vê, mana, devemos muito a ele. Não fosse sua ajuda, não estaríamos aqui nessa casa tão linda! Não vejo a hora de deixar a marinha e vir de vez para cá...

Anélia, sem prestar atenção às últimas palavras do irmão, acabou interrompendo-o:

– Tadeu, o que você vai fazer com esse envelope?

– Devolvê-lo, mana, é lógico!

– Você vai estar com ele, mas não diga que tem uma irmã... Não fale nada sobre mim, e principalmente que me encontrou aqui!

– Quem pergunta agora sou eu: por que todo esse cuidado? Ele, coitado, parece que está apaixonado por uma moça que conheceu, mas ela desapareceu, segundo ele desabafou comigo. Não vejo nenhuma razão para você estar assim preocupada, a ponto de me pedir para negar que tenho uma irmã!

– Por enquanto, você não está entendendo, e eu também não. Mas, por favor, repito: não fale de mim a ele, principalmente o meu nome!

– Onde e como o conheceu? Não pode negar, porque, mana, você já se denunciou. Onde?

Anélia tentou despistar, para não falar o que não desejava:

– Ele é amigo do doutor Eusébio, do consultório onde eu trabalhei.

– Só isso? Parece até que você está fugindo dele!

– Eu senti que ele estava se interessando por mim. Eu até me animei com essa possibilidade. Mas, depois que conversamos, já na primeira vez que nos encontramos, eu pensei direito e não desejo me relacionar mais com ele. Ele é um niilista, e demonstra muito apego às coisas materiais. Acho que, para conviver bem, eu teria que aderir às ideias dele, o que jamais aconteceria, ou ele às minhas, o que seria muito difícil. A situação poderá ficar muito desagradável se ele souber que eu, Anélia, sou sua irmã, por causa da ajuda que dele recebemos para resolver o problema da herança...

– É bom mesmo você pensar assim, porque ele está com um sério problema: ele vê espíritos, mas não acredita no que vê. Para ele é uma

miragem, e pensa que está enlouquecendo. Tenho quase certeza de que está obsidiado. Você sabe o que é isso?

– Vi no livro que seu Dodô me presenteou.

Marcos Tadeu, depois de ter tomado conhecimento da extensão dos bens materiais que o pai deixara, poderia, diante da empolgação, esquecer-se do doutor Marcos Freire. Porém, apesar de ainda jovem, procurava, desde que abrira a mente à boa leitura, aprimorar suas qualidades pessoais, como a lealdade, e pôr em prática o sentimento de gratidão.

Por isso, logo que retornou a Lisboa, foi visitar o amigo. Chegando à casa, depois de ter chamado várias vezes, o vizinho ao lado se aproximou e informou que a residência estava fechada há mais de oito dias. Marcos Tadeu, pressentindo algo ruim, preferiu não retornar à sua própria casa antes de saber o paradeiro do amigo. Com o propósito de voltar mais tarde, seguiu para uma praça ali mesmo no centro da cidade, onde costumava encontrar os amigos em dias de folga. Sentou-se num banco e começou a observar os transeuntes que passavam por ali, o que gostava de fazer, sempre que se encontrava sozinho. Chamava-lhe atenção a aparente situação íntima de cada um, pois alguns demonstravam preocupação, outros tristeza, e pouquíssimos tinham, na fisionomia, os sinais da alegria. Logo a sua observação foi interrompida:

– Saia daqui! Esse banco é meu! – alguém gritou por trás dele. Assustado, levantou-se e, vendo de quem se tratava, exclamou:

– Oh, doutor Marcos Freire, que coincidência! Eu estava à sua procura! – falou, sorrindo, imaginando que o médico fizera uma brincadeira, mas estranhou sua reação.

– Marcos, que Marcos, rapaz? O nome desse traidor desonesto é outro! E, para o seu bem, não se meta nisso, porque eu e os meus companheiros não estamos aqui para brincadeira.

O jovem marinheiro, como o vimos anteriormente conversando com a irmã Anélia, sabia do que se tratava, mas não o que fazer, porque era a primeira vez que se defrontava com a comunicação mediúnica de espíritos vingativos. Afastou-se um pouco do local, sentou-se em outro banco e,

elevando seu pensamento a Jesus, pediu com muito sentimento pelo amigo. Depois da prece, voltou ao local, com a intenção de dialogar com o espírito:

– Você não acha que o ódio só gera sofrimento para quem se deixa arrastar por seus impulsos?

– Já disse para não se meter! – respondeu o espírito, demonstrando ódio.

– Não vou me meter nisso. Eu queria somente fazer uma pergunta: e pela justiça divina, você não tem receio de ser alcançado?

– Pior fez ele comigo e com toda a minha família.

– Já que deseja pagar o mal com o próprio mal, não deve se achar melhor do que ele, porque está se nivelando! Pense em pagar o mal com o bem, para que possa se sentir numa situação moral melhor do que a dele. Talvez ele não soubesse a gravidade do mal que estava fazendo, porque até hoje acredita que o sentido da vida está apenas nas coisas materiais que possui. É claro que quem pratica um erro prejudica a alguém e, em consequência, a si mesmo. Mas, ainda assim, não justifica fazer justiça com as próprias mãos.

– Ele vai pagar caro pelo que fez, logo que o levarmos de volta, pois é lá que nós o queremos; os outros estão a nossa espera.

Percebendo que o espírito não entendia ou simplesmente não desejava ceder, afastou-se novamente do local e foi orar, não mais pedindo pelo médico, mas por aqueles pobres irmãos que se deixaram conduzir pelo sentimento de vingança. Terminada a prece, aproximou-se, instintivamente, estendeu a mão na direção do médico e o espírito que através dele se comunicava começou a gritar: “Não faça isso! É uma injustiça!”.

Dito isso, o médico, que estava sentado no banco, curvou-se, quase batendo a cabeça no chão, mas Marcos Tadeu rapidamente o segurou. Algumas pessoas se aproximaram por curiosidade e começaram a perguntar o que significava aquilo. Todavia, sem dar qualquer explicação, por saber que a prática da doutrina espírita era, na época, proibida em Portugal, o marinheiro segurou-o pelo braço e sugeriu:

– Saiamos daqui.

O médico continuava alheio ao que ocorria em volta e só voltou a si quando Marcos Tadeu falou a toda voz:

– Doutor Marcos, sou eu, Marcos Tadeu!

– Oh, você chegou na hora certa! Acho que sofri uma crise de amnésia! Eu desconfiava que isso poderia ocorrer, desde que passei a ver imagens.

– Doutor Marcos, você precisa urgentemente se dobrar às evidências e se voltar para Deus, a suprema inteligência que lhe criou. Você não está sofrendo de amnésia e sim de desequilíbrio moral e espiritual. Isso se chama *obsessão*. Volte para o Brasil, para a sua casa e seus amigos! Durante três semanas, eu não vou viajar a trabalho, mas posso acompanhá-lo durante a viagem, porque não se encontra em condições de viajar sozinho e nem de ficar aqui sem parente, sem amigos... Creio que lá em Florianópolis há recurso para cuidar disso. Aqui, não há qualquer possibilidade de ajudá-lo. Mas no Brasil já pude perceber que as pessoas se interessam, estudam, põem em prática...

Seguiram conversando. Marcos Tadeu o acompanhou até chegar em casa. O médico, apesar de estar usando paletó e gravata, como gostava de se vestir, trajava roupas imundas e exalava mau cheiro.

– Se for do seu gosto – sugeriu o marinheiro –, eu permaneço algumas horas aqui com você, até que se sinta melhor. Um banho vai lhe fazer bem. Pode ir, que eu fico aqui esperando.

Depois do banho, o médico, se sentindo refeito, quis saber sobre a entrega da encomenda. Marcos Tadeu estendeu a mão, devolvendo o envelope, enquanto explicava o que havia ocorrido. Mas, percebendo que ele ficara preocupado, procurou mudar o assunto:

– Eu tenho uma boa notícia! Graças à sua inestimável ajuda, o pedido de revisão da herança foi aceito pela justiça. Por isso, reconheço que tenho muito a lhe agradecer!

Apesar da situação que experimentava, o médico mostrou-se satisfeito, e sorriu:

– Adeus, Marinha! Em vez de marinheiro, você agora é um jovem rico...

– Confesso que a maior alegria que senti foi saber que vou poder concretizar o meu sonho, que é socorrer e amparar crianças carentes e idosos necessitados. Eu e minha irmã vamos cuidar disso juntos.

– Se você me falou antes que tinha uma irmã, não devo ter prestado muita atenção.

– É. Tenho... Ela é uma boa pessoa, mas não é bonita como os rapazes gostam – falou rindo, mas sua intenção era mudar de assunto, ao notar que havia se traído, pois prometera a Anélia nada falar sobre ela.

– E agora, Marcos Tadeu, quando você vai se mudar definitivamente para Florianópolis?

– Dentro de dois meses. Mas pesa-me muito deixá-lo sozinho, caso não queira retornar.

– Retornar é o que mais desejo agora. Mas não posso e, por favor, não me pergunte por quê.

– Durante os dois meses de permanência aqui, virei sempre visitá-lo. Sabe onde eu resido e por isso pode me procurar para qualquer coisa que precisar. Estarei ao seu dispor. Agora devo descansar um pouco em casa.

Todos por um

A mão que se fecha para a doação, assim permanece para a recepção.
Dizzi Akibah

LOGO DEPOIS QUE o marinheiro saiu, o médico, ao se ver sozinho na casa, que era muito grande, começou a sentir tristeza e, querendo reagir, pensou em fazer alguma leitura. Porém, quando se levantou para pegar um livro qualquer, viu na sua frente, a sorrir, o espírito Ludmila. Antes que ele dissesse qualquer coisa contra a presença, ela começou a falar:

– Disse que não viria se você não me chamasse, mas, diante da situação que você está se permitindo, e ainda com a mesma intenção de ajudá-lo, gostaria de saber o que você prefere: se a minha presença e as sugestões que tem recebido para ajudá-lo a mudar, ou a daqueles pobres irmãos movidos pelo ódio, que fizeram você mendigar por dez dias, dormindo ao relento e pedindo um pão para matar a fome?

Como ele preferiu silenciar, ela prosseguiu na tentativa de deixá-lo ciente da sua real situação:

– O pior é que ninguém lhe deu o que comer, porque você estava muito

bem-vestido. Onde já se viu um mendigo usando paletó e gravata? Já os que lhe viram deitado na calçada, imaginaram que você se encontrava embriagado; tantos outros, que presenciaram atitudes consideradas imbecis, riram à vontade, como se estivessem em frente a um palhaço sem dons artísticos. Você deseja, meu filho, continuar assim, entregue, sem qualquer resistência, ao ridículo?

– Não aceito acusações que não têm nada a ver comigo!

– Você agiu sem consciência do que estava fazendo, porque para esses pobres irmãos é fácil deixá-lo inconsciente. É bom compreender que causa e efeito é uma lei divina, e você, de um jeito ou de outro, terá que responder pelos seus deslizes. Mas poderia passar por isso sem perder a dignidade. Não estou lhe julgando nem censurando seu modo de viver, mas tentando colaborar para que não termine essa existência sem nada fazer do que consta em seu programa reencarnatório.

– Pelas características que percebi no que aconteceu, como médico deduzo que estou sofrendo de amnésia. Apenas isso!

– Você não está sofrendo de amnésia, como já lhe disse o jovem marinheiro. Aliás, tudo que ele fez para ajudá-lo e o que lhe disse foram palavras e ações minhas por meio dele, como instrumento mediúnico.

Silenciou por alguns instantes, dando ensejo para a compreensão, e em seguida exclamou, em tom maternal:

– Acorde, meu filho, enquanto há tempo, porque, se continuar na teimosia, o seu destino será realmente o relento, até que aprenda com a dor!

O médico ficara calado ouvindo a entidade espiritual; não que concordasse com ela, mas sim por não ter argumento. Sabia e entendia que ela não estava errada. Contudo, não desejava abrir mão do seu jeito equivocado de viver. Por isso mesmo, logo que Ludmila parou de falar, ele retrucou:

– Sou um homem bem-sucedido, médico e tenho ao meu dispor tudo que desejo. Como assim viver ao relento?

– Do mesmo jeito que você experimentou durante dez dias, como relatei há pouco!

– Depois que você começou a atormentar a minha vida, com a sua indesejável presença, tudo de ruim passou a acontecer comigo. Peço que me deixe, porque eu não sou um obscuro qualquer e, por isso, sei me cuidar.

– Que o divino mestre Jesus tenha compaixão de você, meu filho! – ela disse, e desapareceu.

Ao afirmar que não ficaria ao relento por ter ao seu dispor tudo que desejava, não foi sincero, porque sabia que os recursos que levara para permanecer um ano em Portugal, como era a sua intenção, já se encontravam no final. O que restava não dava para mantê-lo por mais de um mês, razão pela qual, na carta que enviara para o doutor Alexandre, única pessoa em quem parecia confiar, além de Dodô, ele pedia que o amigo enviasse parte do dinheiro dos lucros da clínica, ou procurasse Dodô, que tinha em mãos uma procuração com a qual poderia sacar dinheiro em qualquer banco onde ele tinha contas.

Mas, como a carta tinha ido e voltado lacrada, ninguém ficou sabendo de suas necessidades. Restava, já que não aceitara a ajuda de Ludmila e não acatara a sugestão de Marcos Tadeu retornar para Florianópolis, ficar entregue aos espíritos raivosos e vingativos, que planejavam não apenas minar-lhe as energias vitais até o seu desencarne, mas, antes disso, torná-lo ridículo diante da sociedade onde ele antes se movimentava. A intenção deles era levá-lo de volta a Florianópolis.

Durante os dois meses que Marcos Tadeu permaneceu em Lisboa, encontrou-se com o médico apenas em duas ocasiões. Na primeira, ele havia ingerido bebida alcoólica exageradamente e se encontrava embriagado e, na segunda, ele se encontrava aparentemente demente, sob a influência dos obsessores. O jovem marinheiro, nada podendo fazer em seu benefício, retornou a Florianópolis num momento em que, na Mansão dos Anórios, seus moradores desfrutavam de paz, fraternidade e alegria. Uma vez na semana se reuniam para o estudo do Evangelho, conforme indicação dos espíritos trabalhadores da seara divina. Anélia aguardava apenas a sua presença para juntos darem início à obra de assistência social que haviam planejado.

E assim, ocupados com seus afazeres cotidianos, o tempo foi passando sem que eles soubessem do paradeiro do médico. Mas nem por isso o haviam esquecido: Dodô, como já narrado antes, sentia por ele amor paterno; Anélia, embora não soubesse se tratar do seu irmão, não o esquecia; Marcos Tadeu, além da gratidão, tinha-o na condição de amigo. Todos, de certa forma, estavam ligados a ele por laços difíceis de serem desatados, por causa da bondade e sinceridade dos seus corações. Foi assim que Tadeu resolveu voltar a Lisboa disposto a só regressar trazendo-o com ele.

Imaginando que o amigo ainda habitasse a mesma casa, para lá se dirigiu. Depois de ter chamado várias vezes, o vizinho informou-o que o proprietário do imóvel pusera fora o inquilino por falta de pagamento do aluguel.

Marcos Tadeu ficou bastante aflito, por entender que lhe restava apenas pedir informações e procurá-lo pelas ruas. Era uma tarefa difícil encontrar uma pessoa sem conhecer o seu paradeiro, numa cidade do porte de Lisboa, como já era na época.

Depois de dois meses de permanência, já tendo percorrido quase toda a cidade pedindo informações sem obter êxito, retornou a Florianópolis preocupado e entristecido, sem perspectiva de reencontrá-lo.

Anélia, que se encontrava confiante na localização do doutor Marcos Freire, ao saber que seu paradeiro era desconhecido, chorou. Para Anélia, o médico estaria nessa difícil situação por causa dela, por ela não ter lhe dado a devida atenção, pois despertara nele um novo sentimento e se responsabilizava pelas desventuras que ele experimentava. Só depois de ouvir as explicações detalhadas de Marcos Tadeu sobre o processo obsessivo desencadeado contra ele, foi que se consolou. Ainda assim, ela gostaria de poder fazer algo para ajudá-lo.

– Você, Tadeu, já fez o que pôde. Sua consciência está tranquila. Eu, no entanto, me pergunto se também não terei que fazer algo! Estou disposta, logo que puder, a ir a Lisboa para esse fim. Quem sabe não serei bem-sucedida?

Mas não era só Anélia que pensava assim. Dodô, sem nada falar, pensava também em seu patrão, até então sem atinar que aqueles dois eram a mesma pessoa. Àquela altura já estava providenciando a requisição do passaporte para também fazer a sua parte. Toda noite orava pedindo por Lúcio. No mesmo dia em que Marcos Tadeu chegou de Lisboa, com notícias nada animadoras de seu suposto amigo brasileiro, Dodô, depois de ter passado o resto do dia só pensando no assunto, à noite orou com tanto sentimento que as lágrimas rolavam uma a uma rosto abaixo. Quando conseguiu dormir já era muito tarde. Mas, logo que o corpo adormeceu, foi saindo, como já estava acostumado, tão consciente que sua primeira atitude foi pensar em Isabel:

– Oh, se eu merecesse conversar mais uma vez com ela!

– Estou aqui, meu filho!

Ele olhou em sua direção e ficou deslumbrado! Em volta da cabeça perispiritual da veneranda entidade, via-se, além de uma iluminação prateada, uma mixagem das cores azul celeste e amarelo ouro, gerando uma beleza deslumbrante. Depois de parar em frente a ela, como se estivesse extasiado, exclamou:

– Oh, então a senhora já é santa!

– Não, meu filho! Essa luz que você vê não significa santidade. Provém do amor que o Senhor da vida me permite, com sua misericórdia, cultivar pelas pessoas. Quando se trata de alguém com quem tenho afinidade, a satisfação e a alegria que sinto no momento faz com que ela se amplie, como está ocorrendo agora, por causa de sua presença.

Dodô, feliz por entender que era agradável à sua benfeitora, pensou em perguntar alguma coisa sobre doutor Lúcio, mas, antes de falar, disse-lhe ela:

– Você não deve ir à sua procura, pois não conseguiria trazê-lo de volta, como é seu pensamento. Não sai da mente dele a ameaça de morte, por isso ele tenta fugir. O medo de morrer, para ele, que não acredita na vida pós-morte, se transforma em pavor. No presente momento, ele está entregue às entidades obsessoras, quase sem noção de si mesmo. Mas não se aflija,

porque eu, Ludmila e Tereza estamos fazendo o que é possível, dentro das leis de causa e efeito e do livre-arbítrio.

– Então, que seja cumprida a justiça divina! Mas, mudando de assunto, a senhora falou em dona Tereza. Onde ela se encontra, que não a vejo?

– Ela está trabalhando, servindo sem trégua para adquirir a chance de ajudar Manoel Anório, que desde seu desenlace passa por uma situação difícil, vivendo os resultados do seu comportamento. Quanto a você, acalme seu coração e procure preservar sua saúde física, para poder centrar sua atenção na educação e orientação de Yúri Anório.

Dodô pensou em Cidélia, e a mentora então lhe disse:

– Cidélia está amparada e nós a visitamos sempre. Mas o seu estado, que é de convalescência espiritual, deve demorar ainda certo tempo para o reequilíbrio, por causa dos desregramentos praticados ao lado de Lúcio, o que agravou o seu estado de saúde, gerando a hemorragia que extinguiu a vitalidade do organismo. É verdade que sua existência, por ser complementar, seria curta. Mas seu desencarne não estava programado para agora.

– Por que existência complementar? – perguntou ele.

– Ela interrompeu a existência anterior a essa pela prática do suicídio. A história de cada um de nós mostra que, muitas vezes, o que imaginamos ser injustiça se trata apenas do resultado das nossas próprias ações. Afinal, é assim que funciona a lei divina e imutável de causa e efeito. Para você entender melhor, na próxima oportunidade que estiver comigo, narrarei os fatos ocorridos no passado, os quais se constituíram nas causas. Já os efeitos, você mesmo os conhece e tem testemunhado muitos deles.Agora, meu filho, está na hora de retornar ao seu corpo físico, porque, observando seu cordão luminoso, ou de prata, como muitos o denominam, percebo que seu corpo físico, já restabelecido, está pronto para o despertar.

Causas passadas, efeitos presentes

estar bem ou mal independe de outrem, já que a criatura humana é artífice de si mesma.
Dizzi Akibah

O DIA AINDA estava clareando quando Dodô acordou e foi direto ao quarto de Yúri. Como ele ainda estava dormindo, o criado da casa saiu na direção da cozinha, cantarolando alegremente. Lá chegando, encontrou-se com Anélia:

– Menina portuguesa, já acordada?

– Eu despertei muito cedo e fiquei pensando em Lúcio, meu meio-irmão. O que será que ele pensa, confiando nas pessoas que trabalham para ele, durante sua longa ausência? Sendo sua irmã, embora ainda não o conheça, acho que eu deveria, com Marcos Tadeu, visitar as propriedades que ficaram para ele na divisão dos bens, para verificar como se encontram.

– Bem pensado, mas seria preciso uma procuração ou uma permissão concedida por um juiz. Não sei se é bem assim. Mas, sem um documento, você não poderá intervir em nada simplesmente por ser sua irmã, porque é algo que pertence a ele. Mesmo sabendo que sua intenção vem de um bom

sentimento, aconselho se informar antes, talvez, com um advogado.

– O senhor me disse que tem uma procuração dele...

– Mas a finalidade é apenas cuidar dos seus interesses pessoais.

– Interesses pessoais dizem respeito a tudo que pertence a ele. A Casa de Saúde, por exemplo: não sabemos o que aconteceu, porque, se ele a entregou ao doutor Alexandre, foi porque se tratava de pessoa da sua confiança. De quem teria sido o interesse de afastá-lo, e por qual finalidade?

– Não imagino. Mas eu creio que logo, logo ficaremos sabendo, porque doutor Alexandre disse-me que viria aqui, e creio que não vai demorar. Deve estar precisando desabafar. Há dias que penso nele! E, quando isso me ocorre, logo a pessoa me aparece...

Na noite daquele mesmo dia, uma quinta-feira, eles estavam se preparando para o estudo do Evangelho, quando ouviram alguém chamando Dodô. Vendo de quem se tratava, o criado da mansão soltou a voz:

– Doutor Alexandre! Você não morre mais, como diz o povo. Desde ontem que você não sai da minha mente!

– Mas que bom ser lembrado por você, Dodô.

– Bom mesmo é recebê-lo aqui.

Entraram. Anélia e os irmãos não ficaram na sala, pois não sabiam se era ou não conveniente. Assim, a sós, eles começaram o seguinte diálogo:

– Você teve alguma notícia do doutor Lúcio? – quis saber Alexandre.

– Diretamente não. Mas posso deduzir, por informações indiretas, que ele não está nada bem.

– A essa altura, muita coisa ligada a ele também não vai bem. A Casa de Saúde, por exemplo, está fora de controle. Fui forçado, apesar da confiança em mim, a sair de lá... Aliás, para ser claro, fui expulso pelos colegas médicos.

– Imagino que tenha sido por causa da prática de aborto, estou certo?

– Sim. Depois que, na condição de diretor, proibi essa prática, passei a ser perseguido, até por gente do meio social de que Lúcio se gabava pertencer.

– Doutor Alexandre, você me inspira muita confiança. Não só a mim, mas

certamente ao menino doutor. Por isso, quero lhe dizer que tenho uma procuração dele, cuja finalidade é cuidar dos seus interesses pessoais. Será que a Casa se encaixa nisso?

– Sem dúvida! Todos os seus bens se configuram como de interesse pessoal. Assim sendo, se você quiser, pode tomar conta de seus bens. Basta constituir um advogado para lhe dar apoio.

Dodô olhou as horas e disse, em outro tom:

– O doutor veio num bom dia. Quero lhe convidar para o estudo do Evangelho, que já faço há muito tempo.

Chegaram na compartimento, onde se reuniam para isso, e lá já se encontravam Anélia e os irmãos. Dodô voltou-se para Alexandre:

– Eles são meus colegas de estudo – e passou a apresentá-los: – Anélia, que chamo de *menina portuguesa*, e seus irmãos, Tadeu e Gedeão.

O tema estudado foi o perdão. Depois de Dodô esclarecer que se tratava de uma manifestação do amor e explicar sua eficácia, tanto para quem é perdoado quanto para quem perdoa, doutor Alexandre aparteou:

– Acreditem, só agora entendi o real sentido do perdão e por que Jesus fez várias menções a ele. Se não fosse tão importante, o mestre divino não o teria destacado. Acho que compreendi como devo perdoar. Resta agora pôr em prática – comentou, satisfeito.

Dodô aproveitou o ensejo e disse, sorrindo:

– Pense naqueles dos quais falávamos há pouco. Vai sentir uma grande satisfação ao fazer isso, porque não foi por acaso sua presença, hoje, entre nós.

Depois de uma prece feita por Anélia, encerraram o culto do Evangelho na Mansão dos Anórios, que testemunhou no passado tantos fatos, emoções e sofrimentos morais ocorridos em silêncio, sem alarde de quem os digeria. Ali, no entanto, como timoneiro, Dodô continuava com sua simplicidade, na condição de vigilante do bem.

Doutor Alexandre estendeu a mão se despedindo, mas Dodô, segurando-a fortemente, falou:

– Comparo a força, que ainda tenho na mão, com a firmeza com que

defendo a verdade. Por isso, compreendo que você tem o direito e o dever de voltar a dirigir a Casa de Saúde. Direito em se tratando da confiança que o menino doutor lhe deposita. Dever, porque assumiu a responsabilidade e ele ainda se encontra ausente. A não ser que não queira honrar o compromisso assumido.

– Se a oportunidade for criada, conforme você planeja, não deixarei de honrar a confiança em mim depositada, embora eu não tenha, ainda, ideia de como lidar com quem criou essa área de atrito.

– Doutor, você não é obrigado a trabalhar com quem não se afina com as diretrizes da casa. Se a procuração for válida, conforme você pensa, para resolver isso eu mesmo vou demiti-los. Não temo ninguém quando tenho na minha frente a verdade. Vou propor ao advogado de confiança do doutor Lúcio que me ajude, não só nesse caso, pois pretendo também visitar as propriedades rurais, fazendas e as dezenas de imóveis alugados para verificar se as pessoas que assumiram a responsabilidade de conduzir os seus deveres com decência os estão realmente honrando. Quem não estiver será substituído! Muita gente, que julga pela aparência, vai se surpreender ao saber do que um simples empregado doméstico, negro, é capaz. Não faço isso por interesse particular, mas para honrar a confiança que o menino doutor em mim depositou, embora com aparente restrição, porque não me esclareceu a abrangência desse documento.

O médico, que chegara à Mansão dos Anórios, bastante abatido, saiu alegre e esperançoso. Ele tinha ido procurar Dodô porque se interessava pela comunicação espiritual, mas não supunha encontrar no empregado o apoio que imaginava ter só com doutor Lúcio. Não imaginava que Dodô, embora não houvesse avançado nos estudos escolares, era cheio de sabedoria e ali se encontrava na condição de empregado por simples lealdade a Isabel e Tereza, conforme afirmação dele mesmo. O povo não se engana quando faz uso do dito popular: as aparências enganam.

Depois do estudo do Evangelho, Anélia e Marcos Tadeu preferiram continuar no mesmo local, lendo. Dodô retornou, mas, quando ia entrando, percebeu isso e, não querendo interrompê-los, recuou. Porém, ouvindo

Anélia chamá-lo, reaproximou-se:

– Sua presença é sempre motivo de alegria, e isso nos faz muito bem – disse ela sorrindo.

Marcos Tadeu tomou a palavra e falou, com firmeza, abraçando o criado da casa:

– Gostaria de ser seu filho, para chamá-lo de pai!

– Que coincidência, Marcos Tadeu! Eu pensei nisso hoje à tarde – exclamou Anélia, observando a reação de Dodô.

– Menino Marcos e menina portuguesa, cuidado com o meu coração, porque ele já sofreu muitas emoções – disse, com os olhos já úmidos, mas, apesar da emoção, continuou: – Eu me sentiria honrado em ser pai de pessoas de tão bom caráter e admirável formação como vocês. Mas fiquem certos de que eu já os vejo, desde que aqui chegaram, como meus filhos. E contem comigo nessa condição. Agora, vou dormir, porque se eu continuar aqui, ficarei ainda mais emocionado.

– Pensei que antes de dormir quisesse conversar um pouco – disse Anélia, com um sorriso muito agradável.

O bom servidor se aproximou de uma cadeira, apoiou as mãos no encosto e falou, também sorrindo:

– Se eu me sentar e começar a conversar, a gente não dorme tão cedo. Mas quero conversar mais sobre a validade ou não da procuração. Podemos ficar tranquilos porque, segundo afirmou o doutor Alexandre, ela não é restrita. No item que trata dos interesses pessoais do menino doutor, há especificações que se encaixam e abrangem todos os bens materiais que a ele pertencem. Primeiro vai ser a Casa de Saúde. Depois...

Relatou o que pretendia fazer com os poderes que a procuração lhe ensejava, o que deixou Anélia e Marcos Tadeu boquiabertos, relutando em acreditar no que ouviam. Logo que ele parou de falar, Anélia perguntou:

– O senhor não teme represália?

– Eu aprendi que não devemos recuar por medo, quando devemos agir pondo na frente de nossas decisões a razão e a verdade. E isso vai ser muito bom para quem estiver agindo às escondidas e com desonestidade. Além de

parar com o erro, isso pode servir de lição. A decisão está tomada! A procuração não veio às minhas mãos apenas como prova de confiança dele em mim. Mas para agir!

Percebendo que Anélia ainda estava assustada com a inesperada reação, ele disse, sorrindo:

– Menina portuguesa, nem se preocupe porque já sei de antemão que tudo vai acabar bem. Agora, preciso me recolher. Tenham uma boa noite!

Logo que fechou a porta do quarto, Dodô voltou o pensamento a Jesus, como fazia sempre, e, depois de uma sentida prece, deitou. Assim que o corpo físico adormeceu, ele já estava parcialmente fora dele, em corpo espiritual, e sua primeira atitude foi pensar na benfeitora Isabel. Quando ainda elaborava as primeiras imagens do seu pensamento, passou a se sentir leve e de repente seus pés já não se encontravam no piso do quarto, mas no ar. Sentindo que estava subindo, olhou para cima, imaginando que se chocaria com o teto, mas, sem perceber, já passara por ele, e o que viu, para o seu deslumbramento, foi a imensidão do espaço pontilhado de corpos luminosos em todas as direções. A velocidade era tal que, em segundos, olhando para baixo, nada mais podia ver.

– Oh Deus! Para onde eu estou indo ou sendo levado?

Mas momentos depois ficou mais tranquilo ao sentir que estava descendo e, em poucos instantes, vislumbrando alguns pontos de luz ainda bem distantes, disse para si mesmo:

– Acho que alguém, que nem imagino quem seja, está me levando para outro lugar. Deve ser para Lisboa, onde se encontra o menino doutor...

Parou de falar e, observando, disse em seguida:

– Oh!, não pode ser... Eu nunca vi, durante a noite, claridade como essa, que parece de raios do sol! – dito isso, ele já estava penetrando o clarão e, de repente, sentiu os pés tocando o solo. Olhou em todas as direções e perguntou:

– Que lugar é esse? Será que eu morri e não percebi?

– Venha comigo e logo você saberá.

– Quem disse isso?

– Fique em paz, meu filho!

– Bondosa dona Isabel! Foi a senhora que me trouxe até aqui?

– Não, meu filho, foi seu pensamento e sua vontade. Você fez isso porque já se encontra em condições. Senão, seu cordão de prata... Lembra que já falei sobre ele?

– Sim, minha benfeitora.

– Ele se romperia e você desencarnaria. Mas fique tranquilo que ainda vai permanecer um bom tempo na Terra.

– Mas esse lugar é tão bonito que me tira a vontade de voltar para Florianópolis.

Isabel sorriu e respondeu:

– Você vem trilhando o caminho certo que conduz a esse lugar. Mas não por agora, pois ainda tem muito a fazer nessa existência.

Antes de terminar a conversa, já se encontravam no interior de um prédio que, no seu entender, era um hospital, mas nada igual aos que ele já havia conhecido no plano material.

Depois de mostrar alguns compartimentos e explicar qual era a sua função atual no local, Isabel lhe disse:

– Sei qual é a sua expectativa. Vamos então dar um passeio. Enquanto caminharmos, conversaremos.

Começaram a caminhada e Dodô, deslumbrado, olhava em todas as direções. O local era um campo vasto com aparência de um grande jardim. Flores de todos os matizes vicejavam, liberando, além da beleza das suas pétalas, um doce perfume que se espalhava por meio da brisa suave. Dodô, acostumado com o solo áspero e o ar mais pesado da crosta, caminhava e não sentia a mesma sensação de peso do corpo, e o ar que respirava era de tamanha leveza que sequer percebia entrar pelas narinas. Os espíritos desencarnados, já acostumados àquele ambiente, diferentemente de Dodô, sentiam os pés no chão e o ar penetrando enquanto respiravam; o criado da mansão, não, por estar ainda encarnado. Era a diferença entre a matéria densa e a mais sutil, como a do local, que lhe causava essa impressão.

Isabel, que ficara em silêncio enquanto ele se deslumbrava com o que

vivia, voltou a falar:

– Começo pela situação de Lúcio e Anélia, o que mais vai lhe chamar a atenção. Os dois se aproximaram, tiveram um flerte e têm sentimentos um pelo outro, porém são irmãos.

Depois de pequena pausa, ela explicou:

– Era, realmente, preciso que na atual existência eles convivessem como irmãos consanguíneos, para cultivar o amor fraterno e, com ele, apagar os resquícios de uma convivência tumultuada, repleta de conflitos e desgostos. Existe um precipício moral entre eles, infelizmente, e agora deixaram-se conduzir por sentimentos cultivados no passado, apesar de não estarem conscientes disso.

Depois de mais uma pausa, ela começou a seguinte narração:

– Na existência anterior a esta, entre o fim do século 18 e o começo do 19, ele, que se chamava Lucas, era filho de Mário (que reencarnou como Manoel Anório) e Maria Eutália, que posteriormente reencarnou lá mesmo em Portugal, sob o nome de Lizandra, a mãe de Anélia na atual existência. Era uma família de poucos recursos. Mário, que não se conformava com o estado de pobreza e as dificuldades que vivia, passou a induzir Lucas, o filho, a se aproximar de Amália, filha única cujos pais haviam morrido fazia pouco tempo, deixando-lhe como herança muitos recursos materiais. Mas Lucas, apesar da má orientação de Mário, o pai, não se aproximou dela simplesmente por interesse no que ela possuía, mas sobretudo por ter se sentido atraído. Ela, por sua vez, encantada com o porte elegante e a beleza máscula do rapaz, em poucos meses aceitou se casar com ele. Já nos primeiros tempos de convivência, sem qualquer receio, ela tornou-o seu procurador em relação às propriedades recebidas como herança. Lucas, sob a influência do pai, tratou de tomar conta dos bens e de colocar como administrador o pai Mário que, dominado pela ambição, em pouco tempo já havia transferido para ele e família boa parte dos bens que pertenciam exclusivamente a Amália, uma vez que o casamento fora realizado com separação de bens, como era comum na época. Quando a trama foi descoberta por Amália, o filho dela, que havia nascido um ano depois do

casamento, já estava com cinco anos. Revoltada, ela expulsou Lucas da casa, mas não se lembrou de anular a procuração.

"Deixando a casa contra a vontade, pois cultivara durante aquele tempo, em vez do amor conjugal, uma intensa paixão, Lucas, sem resistência, deixou-se dominar pelo sentimento de vingança. Depois de tentar reatar a convivência por várias vezes, sem conseguir, passou a persegui-la sem trégua. Algum tempo depois foi procurado por Ana Berenice, uma prima de Amália, que, ao tomar conhecimento de que ele tinha poderes sobre os bens, movida pela ambição conseguiu atraí-lo para uma convivência conjugal. A partir de então, incentivado por Berenice, ele não pensou duas vezes e se aproveitou dos poderes que a procuração lhe proporcionava, vendeu todas as propriedades que ainda pertenciam a Amália e, para fazê-la sofrer ainda mais, retirou dela, por sugestão de Ana Berenice, o filho. Sem mais nada do que antes lhe pertencia e sem o filho, Amália se deixou arrastar pelo sofrimento, adoeceu e desencarnou ainda muito jovem."

Depois de uma pequena pausa, dando ensejo para a compreensão de Dodô, ela prosseguiu a narração:

– Mas Ana Berenice, apesar da ideia de retirar o menino de Amália, poucos dias depois já demonstrava intolerância com o garoto, que chorava muito, sentindo a falta da mãe. Mal-humorada, por não se sentir amada por Lucas, passou a tratar a criança com agressividade, surrando-a por qualquer motivo. Mas isso não durou muito tempo, porque a convivência dela com Lucas foi aos poucos se deteriorando e a separação tornou-se inevitável. Frustrada por ter fracassado em sua intenção de ficar com, pelo menos, parte dos bens materiais que foram de Amália, ou com o dinheiro da venda, já que Lucas tinha controle sobre tudo, ela acabou atentando contra a própria vida física, dando um trágico fim àquela existência.

Parou a longa narração e perguntou:

– Você compreendeu qual o precipício moral que eu disse haver entre Lúcio e Anélia?

– Até certo ponto, sim. Mas por que Lucas e Amália, em vez de se reencontrarem nessa existência na condição de marido e mulher para sanar

as diferenças do passado, vieram como irmãos, no caso, Lúcio e Anélia?

– Um ensejo de despertar o amor fraterno, de amenizar a paixão doentia alimentada por ele e o ressentimento e desconfiança cultivados por ela, embora a permanência da ligação psíquica.

Dodô, depois de silenciar por instantes pensando, voltou a perguntar:

– E por que, então, já que teriam que renascer como irmãos, isso não ocorreu no mesmo lar?

– Porque Manoel Anório, o mesmo Mário do passado, teria que se casar com Lizandra, a mãe de Anélia; já haviam cultivado certa afinidade, mas ainda restavam alguns ajustes da convivência dos dois em Portugal, como vimos há pouco. No entanto, por continuar ambicioso e ligado às coisas materiais, ele preferiu se casar com Tereza, mesmo sem amá-la, só por causa do interesse no que ela possuía. Depois, voltou atrás e foi à procura de Lizandra, que acabou aceitando-o. Da relação, nasceram três filhos, dentre eles, Anélia.

– E Ana Berenice? Reencarnou?

– Sim! E além de você a ter conhecido, gostava muito dela: Ana Berenice e Cidélia são apenas nomes usados pelo mesmo espírito, em existências diferentes.

– Gostaria ainda de saber – disse ele – por qual razão Cidélia desencarnou ainda tão jovem!

– Ela, na personalidade de Ana Berenice, havia se suicidado. Por causa disso, sua atual existência tinha que ser complementar. Viveria agora no corpo físico apenas os anos que ainda restavam quando praticou o suicídio. Mas ainda assim acabou deixando o corpo físico um pouco antes de completar sua programação, por causa do seu comportamento.

– E o menino que foi filho de Lucas, hoje Lúcio, por que não reencarnou na família, já que logo cedo foi afastado de Amália, a mãe?

– Está reencarnado. É Yúri Anório. Ele não é filho de Lúcio?

– E por que ele teve que renascer através de Cidélia, já que ela, no passado como Ana Berenice, maltratava-o e nessa existência desencarnaria cedo, como acabou ocorrendo?

– Agora que ela o amava muito, como filho, não pôde desfrutar da convivência que não fez por merecer no passado. Isso, de certa forma, ajudou-a a ajustar seus sentimentos em relação a ele.

– Posso fazer mais uma pergunta?

– Esteja à vontade.

– Se ele foi retirado da mãe, por que não renasceu agora tendo como mãe Anélia, já que ela é o mesmo espírito que viveu como Amália?

– Porque teria que ser filho de Lúcio. Já que Lúcio é irmão de Anélia e ela não constituiu nenhum débito no passado com Yúri, quando foi seu filho, ele renasceu de Cidélia, que criara com ele o débito e precisava, pelo menos, amenizá-lo. E já que no passado ele não foi devolvido à mãe, que era Amália, está sendo agora. Não está ele sob os cuidados dela?

– Bondosa dona Isabel, a senhora acha que tudo isso está certo mesmo?

– Meu filho, você já sabe que as leis de Deus são imutáveis e que a justiça divina funciona com total perfeição!

– Eu só não entendo por que eu mesmo, na condição de empregado ou criado da casa, acabei no meio de tudo isso.

– Vai entender, e da melhor forma possível saberá a razão pela qual foi parar no seio dessa família. Não se trata de nenhum débito para com alguém desse grupo familiar, contraído por você no passado. Mas posso afirmar de início que é por um ato de justiça. O principal motivo, sem entrar em detalhes, está no seu patamar evolutivo, que lhe proporcionou a confiança necessária, e que um pedido feito por você mesmo, antes dessa reencarnação, fosse atendido.

– Eu pedi isso?!

Isabel achando engraçado o jeito dele se expressar, respondeu sorrindo:

– Ora, ora, meu filho! Em vez dessa admiração, deve agradecer por ter sido atendido, pois são muitos os que pedem e por falta de merecimento não conseguem.

– Benfeitora dona Isabel, eu teria, ainda, muitas coisas para perguntar, mas acho que não devo tomar o seu precioso tempo. Mesmo porque, estou vendo os clarões da alvorada anunciando um novo amanhecer.

– Volte e eu responderei sobre esse mesmo assunto tudo que eu souber e for conveniente você saber. Afinal, eu não estou perdendo tempo nessa conversa: além de você precisar conhecer a história para poder se situar, aqui, onde nos encontramos, toda conversa útil é considerada trabalho.

Ele se lembrou da decisão de tomar conta dos bens materiais de Lúcio enquanto durasse a ausência dele, e ela então lhe disse:

– Cuidado com o que quer fazer e como vai fazer. Lembre-se da lição de Jesus diante dos que queriam apedrejar Madalena: *Quem não tem pecado atire a primeira pedra*. Corrija os erros, mas não se esqueça de que, onde vai a justiça divina, também está o amor de Deus. Então, faça tudo com senso de justiça, mas que não lhe falte o sentimento de bondade.

Situação tormentosa

A teimosia é a característica do rebelde que tenta, para sua própria satisfação, esconder a verdade.
Dizzi Akibah

AO RECEBER O pedido de desocupação do imóvel pelo proprietário, o médico argumentou que era rico e que os atrasos foram causados pela demora do envio de seus recursos do Brasil: logo que isso ocorresse, faria o acerto e, se o proprietário quisesse vender o imóvel, queria a preferência.

Apesar do tom conciliador da conversa, o proprietário, que ouvia a explicação sem interromper, respondeu:

– A mim não importa que seja pobre ou rico. Todos se nivelam quando não honram seus compromissos. Desocupe meu imóvel agora!

– Preciso de tempo para embalar tudo e fazer a mudança...

– Mudança de quê? Vai ficar tudo aí por conta dos aluguéis.

O médico pensou em agredi-lo, mas conteve-se, porque poderia complicar-se ainda mais. Além de ser estrangeiro, sabia estar errado. Sem outra alternativa, entrou no quarto, vestiu o melhor terno, pegou seus documentos e saiu sentindo-se derrotado. A última vez que havia chorado

fora na morte da mãe. Mas, ali, as lágrimas rolavam rosto abaixo, enquanto os espíritos obsessores gritavam e falavam, todos ao mesmo tempo:

– Vencemos! Vencemos! Doravante a sua morada, criminoso, é o relento! De rico e orgulhoso passa agora a mendigo imundo e nojento!

O médico, vendo e ouvindo os espíritos, caminhou rapidamente, como se soubesse para onde estava indo. Mas pensava apenas em se distanciar da cidade para não ser visto. Sabia que a roupa, a única com que ficara, se demorasse naquela situação, logo se tornaria um trapo. Depois de horas caminhando sem parar, percebeu que estava em um caminho para a zona rural. Com o sol da tarde muito quente, sentindo-se cansado e vendo na margem do caminho a sombra de uma árvore, ajeitou o corpo nas asperezas de uma pedra e ao fechar os olhos assustou-se com o que viu: em vez dos quatro espíritos que o maltratavam, havia um grupo de mais de dez desencarnados, que se juntaram aos obsessores, simplesmente em busca de diversão, que encontravam na prática da perversidade. Quanto mais suas vítimas sofriam, mais riam gostosamente.

O médico, de um só pulo, ficou de pé junto à pedra, tentando firmar-se, pois, de tanto medo, suas pernas tremiam. Ele lembrou-se do que as pessoas falavam dos demônios, e perguntou a si mesmo:

– Será que eles existem realmente e resolveram me perseguir? Que faço? Que faço? – a pergunta não se dirigia a ninguém, mas o desespero o fez lembrar-se de Tereza, sua mãe, quando lhe dizia que deveria enfrentar corajosamente qualquer situação, com autoconfiança.

– Então preciso confiar em mim mesmo!

Dito isso, deu alguns passos na direção do grupo de espíritos, que ele continuava vendo pela mediunidade de clarividência, e falou, fazendo esforço para a voz sair, pois o medo impedia sua reação:

– Se vocês existem, se são ou não demônios, digam de uma vez o que querem de mim.

A algazarra cessou. E, do meio deles, um, que se afirmava líder falou:

– Não nos consideramos demônios, porque nem acreditamos que eles existam. O que queremos é você fora desse corpo, onde pensa que se

esconde, porque tem que responder por seus crimes. Traidor, além de roubar tudo que tínhamos, enganou e tornou infeliz a nossa única irmã. Já que a justiça do mundo não funciona, a nossa é posta a valer. Pagará com sofrimento pelo que nos fez sofrer! Mas nós lhe daremos um respiro: poderá voltar para a sua cidade e não morrer aqui sozinho, à míngua. Antes, você passará por um julgamento, já que não desejamos ser injustos.

O espírito se referia ao julgamento que eles mesmos, com os companheiros que esperavam em Florianópolis, planejavam fazer.

– Se você fosse mais inteligente – continuou –, depois de tanto ensinamento que, mesmo sem merecer, tem recebido, não continuaria na teimosia, afirmando que a vida acaba depois da morte do corpo físico. Nós somos as mesmas pessoas que você traiu e roubou. Sua consciência não deve estar nada bem, já que também vem tirando a vida de quem sequer nasceu. Alguns dos nossos foram vítimas indefesas da sua maldade. Para não sermos tão ruins, aconselhamos a ser mais humilde e, é claro, menos arrogante! Mas sequer se predispõe a reconhecer os erros e pedir perdão. Talvez isso mudasse o rumo de sua infeliz história – disse, revoltado.

Quando terminou de ouvir o espírito, Lúcio jazia estatelado, sozinho num local ermo. Sentiu vontade de gritar, mas como, se a voz estava presa? Lembrou-se de novo de Tereza, sua mãe, do mesmo jeito que uma criança amedrontada corre para o colo materno, buscando proteção. Voltou o pensamento ao passado, quando era adolescente, e lembrou-se de quando ela o orientava e ele dava de ombros, deixando-a falar sozinha.

– Como fui tolo. Se ela ainda fosse viva, eu diria que estou arrependido e lhe pediria perdão. Mas, não... Ela virou pó onde foi sepultada.

Foi interrompido com o alarido dos espíritos perseguidores:

– Vamos, saiamos daqui! Aquela luz forte pode nos deixar cegos!

O médico levantou os olhos e, estático, viu a claridade. Pensou em fugir, como fizeram os espíritos, mas sentiu as pernas pesadas, como se estivessem chumbadas ao chão. De repente, a luz, como se fosse um farol, tomou a sua direção. Ele se viu no meio do foco e, imediatamente, passou a se sentir bem, achando que havia acabado o seu suplício. Porém, não

obstante a realidade que se descortinava, pensava: “Ainda bem que a mente é poderosa”... Mas foi interrompido por uma voz que não lhe era estranha:

– Meu filho, que faz com a inteligência já despertada, que não a usa para discernir? Que é da nobreza de caráter? Prefere viver na mendicância, decaindo cada vez mais no abismo de si mesmo? Dobre-se à verdade que se encontra bem às suas vistas e, humildemente, peça coragem, por misericórdia, ao Pai Criador, para assumir os seus erros e tentar modificar suas predisposições; para suportar com a dignidade de um homem que teve oportunidade de estudar para amenizar o sofrimento físico e preservar a vida das pessoas, na qualidade de médico.

Depois de pequena pausa, ela continuou:

– Lembre-se dos exemplos dignificantes de Dodô, em quem você afirma confiar, mas que, por outro lado, humilha e maltrata, simplesmente por vaidade, quando na verdade ele sempre esteve um degrau mais alto do que você pensa estar, em relação ao comportamento moral, ao conhecimento sobre a vida e à bondade de coração. Reconsidere a simplicidade e a humildade e desapegue-se dos bens materiais, que até agora tem usado somente para alimentar o seu orgulho. Há muitos na mendicância por invigilância e também por não ter os conhecimentos necessários para seu desenvolvimento. Você, no entanto, que teve oportunidade de estudar e se esclarecer numa universidade, não sabe ver a vida em sua plenitude, como a expressão de um Criador, que não poderia ser um ser humano. Você continua na teimosia, tentando negar até mesmo o que vê.

Parou de falar por instantes e concluiu:

– Apesar do peso que carrega na consciência, não deve se entregar ao arrependimento tardio e ao remorso, pois isso impede a reparação corajosa e confiante. Perdoe-se, fazendo de você mesmo alguém melhor. Para ajudá-lo a amenizar a consciência, vá ao encontro de tantos que rogam um prato de comida para matar a fome, um cobertor para se proteger do frio, um medicamento para aliviar a dor física e uma palavra de esperança para levantar o ânimo! Essa é, no momento, a chance que você tem de reerguer-se. Perdê-la é ampliar o sofrimento do fracasso.

A voz silenciou e o foco de luz, que durante alguns minutos o fez se sentir bem, foi se distanciando e, em instantes, tudo ali era escuridão. O médico retornou à pedra, onde se debruçou e chorou. As lágrimas não levavam apenas a poeira impregnada na pele do rosto, mas a poeira do seu íntimo. Momentaneamente tranquilo, sentiu sono, ajeitou o corpo como pôde na aspereza da rocha e dormiu. Logo, em desdobramento pelo sono natural, percebeu um vulto se aproximando. Sua reação foi retornar ao corpo físico, imaginando que fossem as imagens perturbadoras, como definia os espíritos obsessores, mas não conseguiu, pois sentiu seus pés colados ao chão, apesar de estar naquele momento em corpo espiritual. Instantes depois, viu Dodô bem na sua frente:

– Menino doutor, que faz aqui nesse deserto, onde não há mais ninguém a não ser você mesmo?

– Se é você mesmo e não um pesadelo, me explique como chegou a Lisboa e me localizou aqui!

– Eu não atravessei o mar viajando num navio, como você deve estar pensando. Isso aconteceria se eu estivesse usando meu corpo físico. Mas ele está em sono profundo, lá na mansão. Eu estou como você, semidesligado do corpo de carne. Esse que usamos chama-se *perispírito*. Quando morre o corpo físico, continuamos vivos. Duvida ainda? Olhe lá para a pedra, embaixo da árvore! O que vê?

O médico, ao enxergar seu corpo material, quis voltar imediatamente para ele, mas Dodô segurou-o pelo braço, bondosamente:

– Meu menino doutor, se acalme! Eu não sabia onde você se encontrava. Consegui chegar aqui, por causa da companhia da benfeitora dona Isabel, que se encontra ao meu lado, sentida por vê-lo nessa situação.

– Você não desiste de falar o que não quero ouvir, porque não acredito!

Dodô não se importava com as reclamações mal-humoradas do médico e, fazendo de conta que não ouvia ou que não entendia, prosseguiu falando o que achava que poderia ajudá-lo a despertar:

– Ela está dizendo que você deve agradecer a visita da sua mãe, dona Tereza, que aqui esteve tentando despertá-lo para algo melhor; que seria

bom que você retornasse pelo mesmo caminho que chegou aqui, e não sentisse vergonha de quem, por falta de compaixão, o censurasse. Não deve ficar neste país, sozinho, ela sugere, pois precisa enfrentar com humildade os resultados dos seus enganos, antes que acabe morrendo aqui mesmo. Além de perder os bens materiais, perderá também a grande oportunidade de cumprir, pelo menos, cinquenta por cento do seu programa reencarnatório.

– Não, isso não! Mas de que jeito retornar, se não tenho dinheiro sequer para me alimentar? Como pagaria a passagem do navio? Você pode retirá-lo dos bancos, usando a procuração. Mande-me logo, antes que eu morra de fome! – suplicou ele, como se estivesse no corpo físico.

– Menino doutor sem juízo, como fazer isso, se você não tem endereço certo? Repito o que você não entendeu: eu estou fora do corpo físico, o qual está lá na mansão, dormindo; quando eu despertar, nele, provavelmente não lembrarei de tudo que ouço e vejo neste momento. O que você deve fazer, também, é sair do pesadelo dessa descrença e voltar-se para o Criador, pedir por misericórdia uma oportunidade para o seu reerguimento. Eu não tenho como enviar dinheiro, mas sua avó, a bondosa dona Isabel, está dizendo que, se você dominar seu orgulho, tiver um pouco de humildade e aceitar as sugestões de dona Tereza, vai, sim, encontrar mãos amigas para socorrê-lo e ajudá-lo a retornar.

Depois de uma pequena pausa, concluiu:

– Agora devo ir. Vê se toma juízo, menino teimoso!

Logo que Dodô desapareceu do local, o médico voltou ao corpo físico, despertou e, olhando em volta, percebeu que tudo era escuridão. Dirigiu o olhar ao alto e, contemplando os corpos celestes brilhando no espaço infinito, começou a repassar o que acabara de ouvir e disse para si mesmo:

– Isso foi apenas um sonho, por causa das coisas que ele sempre me falava.

Assim, o que poderia lhe servir de alerta e orientação, acabou ficando, como tantas outras oportunidades, na descrença.

Atitudes surpreendentes

Onde age a justiça divina, a magia do amor consola, fortifica e gera esperança.
Dizzi Akibah

DODÔ, AO DESPERTAR, teve convicção de que estivera ao lado de Isabel e do doutor Lúcio. As lembranças lhe deixaram aflito, mas, apesar disso, pôs à frente os deveres do dia. Dentre eles, a decisão de usar a procuração para colocar os bens do médico em ordem. Com esse propósito, antes do meio-dia chegou à Casa de Saúde pertencente ao doutor Lúcio, semelhante às atuais clínicas médicas, e pediu para falar com o novo diretor. A atendente, depois de olhá-lo uns instantes, perguntou com desdém:

– O *senhor* quer falar com o diretor?! Aguarde aí.

Após um tempo voltou e, antes mesmo de chegar ao local, já foi informando que o médico não o atenderia.

– Diga a ele, por favor, que aqui estou em nome do doutor Lúcio.

– Em nome do doutor Lúcio, o senhor?! – desdenhou novamente.

Julgando-o pela aparência, ela não acreditou nele. Ainda assim deu o recado. O diretor quis saber de mais detalhes:

– Ele é negro, não? E como está vestido?

– Muito simples – respondeu ela.

– Volte lá e diga-lhe que não tenho tempo a perder. Aliás, resolva você mesma, já que está na função para isso – falou impaciente.

Ao ouvir a decisão do médico, Dodô reagiu com energia:

– Pois ele vai sim atender, queira ou não! – e, em seguida, chamou o advogado, que se encontrava na sala de espera.

Mesmo sob o protesto da atendente, eles seguiram pelo corredor. Ao chegarem em frente à porta, o advogado ficou à parte, aguardando o chamado de Dodô, caso ele realmente precisasse. O criado da mansão deu dois toques na porta e foi abrindo, mas o médico, ao vê-lo, repreendeu-o:

– Como ousa invadir minha sala sem avisar?

– Doutor, eu avisei, sim! Mas você disse que não me atenderia.

– Retire-se imediatamente!

– Eu acho que seria você, doutor, quem deveria ser um pouco mais educado, e quem deveria sair... Aliás, nem deveria estar aqui!

O médico levantou-se, abriu a porta e gritou:

– Chamem o guarda!

Só então o médico viu o advogado, ao lado da porta, e mudou o tom:

– E o senhor, deseja falar comigo? Aguarde um pouco enquanto ponho para fora um impertinente que entrou em minha sala sem ser chamado.

– Não preciso esperar, porque eu estou com ele! Sou o seu advogado. Ele é da casa do doutor Lúcio e, apesar da aparência simples, tem uma procuração do doutor para cuidar dos seus interesses.

A voz do médico se tornou quase inaudível, quase um sussurro:

– Entre, doutor! – e, em seguida, dirigiu-se a Dodô já em outro tom: – Me desculpe pelo incidente! É porque eu estou acostumado a receber aqui pessoas da alta sociedade, objetivo desta casa. O senhor... com esse traje, melhor dizendo...

– Doutor, com licença – interrompeu Dodô. – Não se mede o homem pela roupa que veste. Se assim fosse, os que têm condições e gostam de se vestir bem seriam todos pessoas de bom caráter. Mas sabemos que há muitos que

assim se mostram justamente para esconder o mau caráter, a desonestidade, porque não vacilam em trair, às vezes até um bom amigo, para defender seus interesses, quase sempre mesquinhos.

E sem deixar o médico intervir, continuou:

– Aqui me encontro, primeiro, para saber o que causou o afastamento do doutor Alexandre, pessoa da inteira confiança do doutor Lúcio.

– Foram várias razões, e eu não pretendo falar sobre isso.

– Mas é preciso, doutor!

– O problema surgiu com o descontentamento de clientes importantes, por causa de proibições impostas pelo doutor Alexandre.

– Dentre elas, a prática do aborto, não foi isso?

– Sim! Esse foi o principal motivo, porque clientes se afastaram e a renda caiu.

Se não abrandasse o ímpeto que sentiu naquele momento, e usasse, em vez da paciência, a prepotência, o criado da Mansão dos Anórios teria expulsado o médico da sala. Mas, lembrando da benfeitora Isabel, que recomendava sempre pensar, antes de agir, na frase "quem não tem pecado, que atire a primeira pedra", recompôs-se e falou com mansidão:

– Doutor, como procurador legal do doutor Lúcio, peço que se demita imediatamente e leve com você os que têm esse mesmo pensamento. Do contrário, eu mesmo terei que fazer isso, ainda hoje. Aqui não é um abatedouro onde se extinguem vidas, mas sim uma casa de saúde, para preservá-las.

– Isso é um absurdo! – exclamou o médico revoltado.

– Se há nessas gavetas algum objeto de uso pessoal, retire-os agora e leve-os consigo. Vou visitar outros compartimentos e, quando retornar, creio que a sala já estará desocupada. Agradecemos pelos serviços que foram prestados observando os princípios de Hipócrates, o pai da medicina, mas, do mesmo modo, repudiamos o ato de matar indefesos.

De sala em sala, Dodô convidou a todos os funcionários para uma reunião no dia seguinte, quando falaria sobre as novas diretrizes da casa e a posse do novo diretor, no caso, o próprio doutor Alexandre. Assim, com

empenho, e ao lado do advogado e de Marcos Tadeu, que fora convidado para tomar conhecimento da situação, em alguns meses o criado da Mansão dos Anórios colocou tudo em ordem, ali e nas propriedades. Marcos Tadeu se prontificou a atuar como supervisor dos bens de Lúcio.

Somente depois de tudo resolvido foi que Anélia, que evitara tocar no assunto, falou cheia de admiração:

– Seu Dodô, eu nunca imaginei que o senhor fosse um homem de tanta capacidade e coragem. Desde a primeira vez que estive aqui, passei a admirá-lo muito, por sua sabedoria, sua mansidão e bondade. Sabia, sim, que o senhor seria capaz de perdoar, de servir, de compreender os outros e se interessar pelo bem das pessoas, sem olhar a quem. Mas agora sei que estou diante de um homem de bem. Como já afirmei antes, gostaria muito que o senhor fosse o meu pai. Mas, mesmo não o sendo, já que o meu não se encontra mais entre nós, saiba que, doravante, não apenas entre as paredes desta casa, mas em qualquer lugar, o senhor será o meu pai, porque assim pede o meu coração.

– Menina portuguesa, considere-se, então, minha filha, e pode me chamar de pai. Mas, se me chamar de papai, que é mais carinhoso, eu vou me sentir mais feliz ainda. Sobre eu ser um homem de bem, ainda me falta muito para isso. Tento apenas, baseado nos ensinamentos de Jesus e na orientação dos bons espíritos, fazer o melhor que a minha obscuridade permite. Não se surpreenda se você me vir passando por provações, sofrimentos, sejam físicos ou morais, porque, do mecanismo da dor à ventura do amor, muitas situações boas ou ruins reaparecem... A justiça divina nos coloca o resultado das situações que nós mesmos criamos, no lugar e tempo certos, para a devida educação ou reeducação moral.

Parou por instantes. Mas, percebendo que Anélia demonstrava interesse no que ouvia, prosseguiu:

– Nada que se fundamenta na vontade do homem é definitivo aqui na Terra. Nós somos filhos de Deus, e no momento da criação Ele nos dotou de toda possibilidade de chegarmos à plenitude espiritual. Mas isso leva tempo e muita luta. Ainda não somos o que o Pai, através das suas leis, determinou

para todos nós, seus filhos, que é o aperfeiçoamento moral e espiritual, a pureza, a iluminação e a felicidade plena. Mas tudo isso, embora não nos falte ajuda, depende somente de nós mesmos. Você, menina portuguesa, agora compreendeu que seu conceito sobre mim provém apenas da bondade que você guarda em seu coração?

– Gostaria muito de compreender melhor tudo isso, estudar e conhecer muito mais sobre a verdade!

– Menina portuguesa, é como se diz por aí: quando o aluno está pronto, o mestre aparece. Mas posso afirmar que o seu mestre já apareceu. É Jesus Cristo! Você não está estudando as lições luminosas que ele nos deixou? Pois esse é o caminho. Sem ele, qualquer outro conhecimento fica sem sentido. Depois dele, qualquer outro ganha sentido. Agora, se me permite, me dê licença porque eu vou resolver uma pendência.

Ele saiu e seguiu na direção da periferia, onde residiam os pais e irmãos de Cidélia. Lá chegando, foi recebido por Letícia, a mãe, que ao vê-lo começou a chorar de saudade da filha. Instantes depois, um pouco refeita, perguntou pelo neto, e Dodô, que tinha adoração pelo menino, respondeu sorrindo:

– O molequinho Yúri está muito danado, mas também muito amoroso e já revela a sua tendência para a bondade. A senhora precisa vê-lo! Afinal, é o seu neto!

– Seu Dodô, a mansão em si já inibe quem é pobre como a gente, que vive aqui nesse ambiente. Para ir a um lugar daquele, onde só mora gente rica, teria que ter uma roupa melhor. Eu não tenho nada que sirva. O dinheirinho que entra aqui mal dá para matar a fome e pagar o aluguel. Roupa, meu senhor, só quando alguém não quer mais usar e, em vez de descartar no lixo, nos oferece.

– Dona Letícia, acho que essa situação vai melhorar, porque é para isso que aqui me encontro. Vim trazer as chaves da sua nova morada, onde não precisará pagar aluguel. Então, esse dinheiro já servirá para suprir outras necessidades.

– Eu não estou entendendo... A que casa o senhor se refere?

– A que Cidélia morou. Ela é de minha propriedade e, como não estou precisando por enquanto, a senhora e sua família podem se mudar o dia que quiserem.

Estendeu a mão e entregou as chaves.

Letícia quase não conseguiu segurar o chaveiro, por causa da emoção.

E, assim, ele se despediu satisfeito com o que acabava de fazer, porque o seu objetivo era estreitar o contato com aquela família, na qual se notava muito desajuste, e contribuir como pudesse para o despertar daquelas mentes que, absorvidas pela preocupação e medo do futuro, tinham dificuldade de vislumbrar algo melhor.

Caminhando de volta à mansão, lembrou-se de Cidélia e balbuciou:

– Menina Cidélia, fique tranquila aí no mundo espiritual, onde se encontra, porque eu vou tentar fazer o que você tanto queria, mas não teve tempo.

Para os que tinham o hábito de julgar pela aparência, Dodô era visto como uma pessoa desprovida de cultura e sem importância social. Ele sabia disso, mas não dava a menor importância, porque, mesmo sem querer admitir, era já portador de alguns atributos do homem de bem, conforme Anélia já havia percebido. Ele não se permitia revidar ofensas, não se importava com o menosprezo, não se sentia diminuído diante dos supostos poderosos, não se amedrontava com ameaças, não se agastava com quem desdenhava da sua crença, não perdia oportunidade de ser gentil, com quem quer que fosse, porque não distinguia as pessoas pelo que possuíam, pois para ele todos se igualavam perante Deus.

Quem conversava com ele acabava querendo sempre ouvir mais, porque, além do conteúdo que abordava, era muito alegre e dado à amizade. Apenas uma pessoa não demonstrava bem-estar na sua presença, e era justamente a quem ele daria, se pudesse, parte da sua vida, do seu bem-estar e da paz que já havia cultivado para vê-lo pensando diferente: o doutor Lúcio. Mas consciente de que não deveria tomar para si os deveres morais de outro, abrandava os ânimos por compreender que o amor divino se revela de várias maneiras – assim como os raios do sol iluminam os cumes das

montanhas, os prados floridos e as colinas verdejantes, sem excluir os pântanos – e jamais faltaria à criatura humana, desde que ela se ponha em condições de recebê-lo.

Fazendo o bem sem saber a quem

Uma vez despertado, o amor passa a fluir em todas as direções: consolando, instruindo e preservando a paz.
Dizzi Akibah

O MÉDICO, DEPOIS TER ouvido, através da mediunidade da clariaudiência, as palavras de Tereza, e ainda na mesma noite tendo conversado com Dodô, como já narrado, no dia seguinte, ao despertar, passou a refletir, mas sem ânimo para retornar à cidade, conforme a sugestão de Isabel, onde encontraria o socorro que a mãe desencarnada havia inspirado em pessoas caridosas que o encontrariam. Ainda por causa da descrença, seguiu o caminho mais difícil, impulsionado pelas necessidades de preservação da vida física.

Não mais suportando a fome e a sede, que o torturavam, entrou num matagal à procura de água e frutas silvestres. Enquanto caminhava ali, procurou analisar aquelas vagas ideias que lhe passavam pela mente, sem a influência do radicalismo com que defendia suas próprias ideias – não convergiam com o jeito de ser e de pensar de Tereza, sua mãe desencarnada? Teve o pressentimento do que ela dissera sobre Dodô, a

quem ele humilhava e maltratava, mas que estaria num nível mais alto do que o dele... Como a claridade, depois de descerradas as janelas, desfaz a escuridão do ambiente, o médico sentiu clarear sua mente e, misturando o som da sua voz, em tom brando, com o ruído do vento na folhagem das árvores e o canto dos passarinhos, perguntou a si mesmo:

– Como ela saberia desses detalhes da minha convivência com Dodô, se tudo isso ocorreu depois que ela morreu? Não pode ter sido apenas uma miragem da minha mente, como eu vinha pensando! E aquela voz... ninguém conseguiria imitar o jeito de se expressar da minha mãe! Estou certo de que não poderia ser outra pessoa... Então, ela morreu mas continua vivendo! Vai ver que Dodô está certo quando fala da existência da alma...

Ele começava a se colocar no caminho certo da compreensão para o despertar da verdade. Ainda no mesmo lugar onde havia parado de caminhar para pensar, continuou falando, como se fosse preciso ouvir a própria voz para se convencer da verdade que estava descobrindo:

– Não é possível que todos estejam errados e somente eu certo! – silenciou, e sua mente voltou atrás, recordando o que ela lhe havia recomendado: “Reconsidere a simplicidade e a humildade e desapegue-se dos bens que, até agora, tem usado somente para alimentar o seu orgulho”.

Emocionado, com lágrimas descendo pelo rosto, ele falou, revelando sentimento e sinceridade no tom da voz:

– Sim, mãe! Se eu não morrer sozinho neste lugar ermo e conseguir retornar, farei o que me sugere e me esforçarei para compreender melhor a vida. E já que agora sei como é difícil suportar a tortura da fome, da sede e do frio, sem perspectiva, irei onde se encontram os desditosos e infelizes e tentarei aliviar seu sofrimento! Sim, mãe, eu farei!

Depois que se refez da emoção, vendo passarinhos comendo frutos de uma árvore, achou que poderia fazer o mesmo e, sem receio, colheu todos ao seu alcance. Depois de saciada a fome, faltava a água para beber. Sentindo-se mais animado, seguiu em frente e acabou descobrindo um pequeno poço. Apesar de a água apresentar uma tonalidade amarelada, ele se abaixou e, com a avidez do animal sedento, pôs a boca diretamente na

água e bebeu até onde o estômago suportou.

Já se haviam passado muitos dias nessa difícil luta para sobreviver, desde que fora expulso da casa alugada. Ele perdera completamente a noção do tempo – há quanto tempo estava naquele local? Não saberia dizer.

Ao retornar do poço onde fora beber água, antes de chegar ao local onde ficava a pedra, percebeu que havia algo sobre ela. Aproximou-se e constatou que era um prato de comida. O pano que o cobria, tão alvo, não deixava dúvida em relação não só ao cuidado com a higiene, mas ao carinho de quem ali o deixara. Entorpecido que estava pelas condições difíceis que atravessava, estranhou aquela dádiva ali. Do lado, uma pequena jarra com suco de frutas. Sorrindo como uma criança quando encontra o brinquedo perdido, ele pegou o prato com as duas mãos e viu que embaixo dele havia um pedaço de papel. Era um bilhete com letras desenhadas, por alguém que certamente tinha dificuldade de escrever: “Boa tarde! Essa comida é para você. Espero que goste!”.

No rodapé do manuscrito, estava a assinatura: *Joselina*.

Ele olhou para a comida no prato, releu o bilhete... Acostumado a não dar atenção aos mais desfavorecidos, relutava em acreditar no que via. Quando se deu conta, seu rosto, mais uma vez naquela tarde, estava molhado de lágrimas. Logo que sua emoção se amainou, e mesmo com as frutas que havia comido, esqueceu-se dos bons modos e foi direto com a mão na comida, levando-a à boca com tanta avidez, que sequer mastigava o alimento como deveria. Em instantes, o prato estava vazio. Em seguida, sentindo-se sonolento, deitou-se na pedra. Logo que dormiu e foi entrando em desdobramento pelo sono natural, percebeu os perseguidores espirituais em sua volta. Quis retornar ao corpo físico, mas Raulino, o mais revoltado do grupo, segurou-o pelo braço e disse com fingida gentileza:

– Não se preocupe, porque não vamos fazer mal a você. Queremos apenas lembrá-lo de que deve retornar. Até porque essa pessoa que lhe trouxe comida não vai ficar sustentando um homem do seu tamanho, sem nada fazer na vida! Melhor é procurar o que fazer, para levantar o dinheiro da passagem. Fique certo de que, enquanto você fizer isso, nós lhe daremos

uma trégua. Estamos decididos até a ajudar, se for o caso!

O médico retornou ao corpo físico e acordou lembrando do que acabara de ouvir; mesmo achando que teria sido um simples sonho, acatou a sugestão como única saída.

Mas ainda se passaria mais de um dia até que ele, sem a perseguição dos espíritos, tomasse consciência da condição em que se encontrava. Verificou a roupa, o mesmo terno que usava há semanas. Percebeu que, além da sujeira impregnada, as costuras da camisa e da calça estavam desfeitas na maior parte, e com alguns rasgões. Entristecido, pegou o prato, a jarra e seguiu para o poço. Depois de lavá-los, resolveu tomar um banho, o que não fazia desde que fora forçado a deixar a casa. Com o bem-estar proveniente da limpeza parcial do corpo, veio-lhe de repente um sentimento de gratidão, contudo, não sabia a quem agradecer. De repente lhe surgiu no campo mental a seguinte pergunta:

"E se a água não existisse?"

Imaginando se tratar de um monólogo, ele respondeu:

– Não haveria vida, já que todo ser vivo depende dela para viver. Se eu não encontrasse esse poço, morreria desidratado nos próximos dias.

"E se não existisse quem a fez?"

Ele respondeu:

– Não existiria nenhum ser vivo.

"Então podemos entender que o autor assim o fez idealizando a vida. Não é isso?"

– Não há como negar.

"Por que será que esse idealizador da água revelou todo esse cuidado com a vida dos seres?"

Sem condições de se aprofundar, murmurou reticencioso:

– Penso que... acho... Simplesmente por gostar.

"Seria ele diferente de todos nós, que quase sempre só gostamos de quem gosta de nós?"

– Diferente? – depois da interrogação, ele explicou: – Eu sempre cultivei amizade com quem me correspondia. Com desconhecidos ou aqueles que

não conheciam o meu valor, eu sempre fazia de conta que não existiam. Mas agora eu não posso negar um sentimento de amizade por uma pessoa que eu sequer imagino quem seja.

Ele se referia à pessoa que deixara o prato de comida sobre a pedra.

"Já agradeceu a ela alguma vez?"

– Ainda não a vi.

"E para ser grato é preciso vê-la pessoalmente, se já sabe que ela existe?"

Ele pensou por instantes e em seguida respondeu:

– É verdade. Vou cultivar um misto de amizade e gratidão, mesmo sem saber de quem se trata.

"Esse sentimento de gratidão por causa da comida não poderia ser extensivo ao idealizador da água, que tanto bem tem lhe proporcionado?"

Depois de permanecer alguns minutos pensando, sussurrou:

– Eu não havia pensado nisso!

"Então pense, pois é de grande proveito agradecê-Lo, não só pela água, mas também pelo ar, pelos raios solares, pelas plantas, que além do perfume agradável das flores e dos frutos nutrientes, são laboratórios vivos que procedem a absorção do gás carbônico e liberam o oxigênio, indispensável à permanência da vida. Você sabe disso! Mas já que tudo isso foi criado em função da vida, por que vivemos, mas nunca nos lembramos de agradecer pela vida? A essa altura você já deve estar convicto de que a gratidão deve estar presente em nossas ações. Mas já sabe a quem agradecer? A um cientista que tenha feito a água? A um gênio que tenha criado a planta com flores e frutos? A um sábio qualquer que tenha dado vida aos animais? E a quem podemos atribuir a criação da inteligência e do sentimento na criatura humana?"

Ele pensou, pensou e, depois de alguns minutos de reflexão, ainda imaginando se tratar de um monólogo, veio-lhe mais uma pergunta:

"Encontrou os nomes dos supostos criadores, inventores, sábios ou gênios a quem possa atribuir a responsabilidade pela criação de todas essas coisas? Provavelmente não, porque o homem, que se encontra na Terra ainda como aprendiz, aluno da própria vida, buscando o seu despertar, quase sempre

pela dor, não seria capaz de criar a vida, mas apenas reproduzi-la.

Fez-se nova pausa, e depois se concluiu:

"O artista que cria uma peça musical é o compositor; o que revela a beleza da arte numa tela é o pintor; o que materializa seus pensamentos na escultura é o escultor; o que integra enredo à arte de escrever é o escritor. Todos eles são considerados, pelo que fazem, artistas respeitáveis. E o artista que idealizou, projetou e criou o universo, espaço infinito onde as milhões de constelações movimentam incontáveis estrelas, que, por sua vez, iluminam e aquecem uma infinidade de planetas, como o sistema solar, onde a Terra se localiza com todas as condições de vida? Medite e tire você mesmo as suas conclusões."

O médico, que estava sentado numa raiz saliente da árvore que lhe oferecia sombra, levantou-se imaginando ter concluído um monólogo, quando na verdade se tratava de um proveitoso diálogo promovido por uma entidade espiritual, que ele, apesar da mediunidade de clariaudiência e de clarividência já estarem afloradas, não via nem ouvia fisicamente – mas registrava no campo mental, com clareza, o pensamento emitido pela entidade benfeitora, que assim preferiu, por saber que, se aparecesse em perispírito, ele poderia tomá-la por miragem. Ele passou a sentir um conforto íntimo. Mais disposto, subiu a ribanceira e, ao se aproximar da pedra, onde ficava a maior parte daquele tempo, mais uma surpresa: dentro de um saco de pano, uma roupa (calça e camisa). A calça era curta (ele era de alta estatura) e a camisa, para ele que havia perdido muito peso, era muito folgada. Apesar do esmero que antes tinha com seu traje, ele escondeu-se no matagal e imediatamente retirou do corpo a roupa que vestia, com aparência de trapos. Vestido na roupa, com o cheiro agradável de limpeza, emocionou-se e começou a dizer para si, como acabam fazendo as pessoas quando vivem na solidão:

– Não sei e nem posso imaginar como agradecer a você, que desinteressadamente vem matando a minha fome e agora, como expressão de pura bondade, vestiu-me, antes que eu ficasse nu, como estava prestes a acontecer. Se eu tiver oportunidade de conhecê-la, mesmo que se trate de

uma pessoa jovem, vou procurar dispensar um tratamento de bom filho para com a mãe, o que reconheço não ter sido para minha mãe Tereza...

Acolhimento fraterno

Só quem experimenta a solidão sabe o valor da amizade.
Dizzi Akibah

PASSARAM-SE SEMANAS, e todos os dias a comida aparecia no mesmo lugar, sempre que ele não se encontrava lá. Pensou algumas vezes em se esconder e verificar quem era aquela benfeitora, mas, considerando o respeito que deveria guardar por ela, já que ela não queria que ele a visse, desistiu. Certo dia, ao retornar do poço, onde fora se banhar, já pensando na comida, não a encontrou na pedra, como nas outras vezes – em seu lugar havia um bilhete: "Acompanhe as folhas verdes deixadas pelo chão".

Vestido na calça curta, a camisa folgada, a barba crescida e os cabelos já descendo pelos ombros, o médico seguiu um íngreme caminho, conforme a indicação das folhas jogadas pelo trajeto. Depois de mais de uma hora de caminhada, percebeu que a última folha verde se encontrava na frente de uma área cercada. Da entrada, via-se uma pequena casa quase escondida entre árvores frutíferas. Em vez de chamar, ele preferiu observar como eram os moradores, achando que sua aparência poderia assustá-los. Foi abeirando

a divisória do terreno – um amontoado de pedras com aparência de muro, circundando toda extensão – e ficou num lugar de onde se via com facilidade a porta do fundo da pequena morada. A tarde avançou, e quando os raios do sol já amornavam, ele viu, com emoção, um casal de idosos saindo da casa. O homem segurava uma ferramenta de trabalho apoiada sobre o ombro, e a mulher, uma grande cesta. Quando eles se aproximaram, o médico aguçou a audição e ouviu a conversa:

– Ele não veio. Será que ficou receoso e vai voltar a passar fome?

– Não, minha velha! Só passa fome quem não sabe onde encontrar a comida. Pode ficar sossegada, porque ele vai aparecer.

– Mesmo assim, acho que eu não deveria ter feito dessa maneira, porque não é para fazer o bem sem olhar a quem? Não é certo esse interesse de saber quem é ele.

– Não se preocupe com isso, porque, considerando as nossas boas intenções, se ele aparecer e não for um malfeitor, vai ser bom para ele mesmo, porque a gente pode acolhê-lo até que ele resolva o que fazer da vida.

Depois de observar durante uma hora os idosos se esforçando para dar conta das tarefas que a sobrevivência exigia, vendo a idosa tentando suspender a cesta cheia de frutas para pô-la sobre a cabeça, ele saltou a cerca de pedra, seguiu em direção ao local onde estavam e disse, a uma certa distância, para não assustá-la:

– Espere um pouco, por favor! Eu levo a cesta para a senhora!

Ela olhou na direção dele e, vendo-o vestido com a roupa que ela deixara na pedra, não teve dúvida de que era ele mesmo:

– Eu pensei que você não fosse aceitar nosso convite, meu filho!

O idoso se aproximou já com a mão estendida, para cumprimentá-lo. O médico, que há muito tempo não conversava com ninguém e que, para ouvir pelo menos a própria voz, tinha que falar sozinho, diante de tão amável acolhida deixou-se dominar pela emoção e mais uma vez derramou lágrimas. Momentos depois, olhou na direção da idosa e disse:

– Não sei como agradecer. Além da comida e da roupa, a senhora me deu

também a maior lição de vida que eu poderia receber de um ser humano. Lição de bondade, de simplicidade; sobretudo, me convenceu, de uma vez por todas, que o valor do ser humano não está no que tem, mas sim nas boas qualidades morais, o que ninguém consegue roubar.

Sentaram-se ali mesmo no chão, e ela então perguntou:

– De onde você vem? Pelo sotaque, percebo que você não é daqui.

– Não se assustem com a minha presença, nem com minha feia aparência, pois estou descuidado e maltratado. Eu sou brasileiro, residente numa cidade de nome Florianópolis...

Depois de explicar a causa da situação, dando como motivo o não envio de seus recursos, depois de dizer que era médico e de contar o que possuía como bens materiais, concluiu:

– Não tenham receio, porque sou uma pessoa do bem. Estou vivendo uma experiência rude e dolorosa, mas creio que seja apenas uma fase.

– O que você pretende fazer?

– Tenho que voltar para casa, mas não tenho dinheiro para a viagem.

João Pedro, que apenas ouvia, aparteou já sem qualquer receio:

– Escute, meu jovem. Nós aqui, apesar da idade, sobrevivemos do nosso trabalho, como você pode perceber. Além do alimento, ganhamos também um dinheirinho, que dá para a gente viver sem sufoco, vendendo frutas e hortaliças num povoado a uma hora de caminhada. Não produzimos mais, porque as nossas forças não permitem.

– Aceitam a minha ajuda? – perguntou o médico.

– Antes de responder, por favor me mostre suas mãos – pediu João.

– Está disposto a enchê-las de calos, assim como as minhas?

– Sim, senhor!

– Então apelo à sua consciência. Se você garante a si mesmo que não é capaz de tirar a paz e de maltratar dois idosos, fique conosco até poder retornar ao seu país. Há terra para trabalhar. Não precisa se preocupar conosco, porque já temos o suficiente para viver até o dia em que Deus nos permitir. Você pode fazer uma horta e vender os produtos, como fazemos. Se não sabe como, eu lhe ensinarei.

Joselina, que ouvia a conversa em silêncio, além de apoiar a decisão do esposo, disse para o médico:

– Ponha sua juventude em ação, enquanto durar essa oportunidade, porque não é certo, meu filho, uma pessoa esclarecida e com tantas posses, conforme você afirma, viver assim. Não me refiro apenas ao dinheiro para pagar sua viagem de retorno, mas para consertar algo em você que originou essa situação. É preciso se comportar bem e levar em conta o uso do amor que a vida nos pede, para ser menos sofrida e mais alegre.

A partir daquele dia, o médico, que fora criado com tudo à mão e tendo todos os seus gostos satisfeitos (uma atitude equivocada do pai), pegou a ferramenta necessária para trabalhar a terra e assumiu o trabalho que exigia maior esforço dos idosos. Não mais se via Joselina carregando a cesta pesada e nem João Pedro, cuja força física já não era suficiente, lavrando a terra para o plantio. Em pouco tempo a horta exibia o verde das hortaliças. Para o médico, qualquer trabalho, por mais duro que fosse, ainda era melhor do que os tormentos que tinha experimentado.

Embora se lembrasse da trégua proposta pelos seus perseguidores, ele atribuía o bem-estar que sentia à casa e à companhia dos novos e bondosos amigos. Assim imaginava porque, desde quando passou a residir ali, não mais percebera, pela vidência, a presença dos espíritos que lhe obsidiavam. Realmente, eles não conseguiam entrar na casa, pois esta era imantada de boas vibrações, produzidas pelas orações e pensamentos positivos dos seus moradores. Mesmo quando saía da área da casa, eles não apareciam, pois preferiam cumprir a palavra. Apesar disso, ele não conseguira, como desejava, deixar de ver espíritos e, convencido de que teria de conviver com o fenômeno, acabou se acostumando com a presença de entidades espirituais que visitavam a casa, sobretudo durante as orações feitas diariamente pelo casal. Assim, sem vontade de deixar o lugar, o tempo foi passando e ele se adaptando àquela vida simples. Passou a colher as hortaliças e levá-las em um grande cesto para vender no povoado, provando a si mesmo que não era essencial ter muito para viver bem, e se livrando aos poucos das amarras que o prendiam às coisas materiais (em vez de

possuidor, ele havia sido possuído, já que delas se tornara cativo).

Àquela altura, com exceção de Anélia, de quem se lembrava com saudade, ele preferia esquecer o que possuía, a maneira de viver que adotara antes e tudo que se referia à sua postura anterior, que o conduzira ao sofrimento, à descrença em Deus. Isso, felizmente, começara a arrefecer, desde o diálogo que tivera à beira do poço, quando passou a entender que nada existiria sem que houvesse o interesse de alguém; por isso, criara a expectativa de obter uma resposta lógica que o deixasse convicto dos interesses de quem criou as árvores, os animais e a nós mesmos. Passados cerca de cinco anos de trabalho duro na horta, mas experimentando, na convivência do casal de idosos um bem-estar íntimo que o enchia de alegria, já não lhe agradava a ideia de retornar a Florianópolis. Os espíritos, ainda com o objetivo de levá-lo de volta, cansados de esperar, procuravam-no durante o desdobramento natural pelo sono, para alertá-lo. Mas ele não mais os temia, e dava uma desculpa, como no diálogo a seguir:

– Você se lembra de mim! – exclamou o que atendia por Raulino.

– Estou lembrado de você e ciente do nosso acordo.

– Mas você está demorando demais, e a nossa paciência tem limite! O problema era dinheiro para pagar a passagem. E isso você já deve ter guardado com as vendas de hortaliças, todo esse tempo!

– Sim, é verdade que eu tenho pegado algum dinheiro. Mas apenas o suficiente para o alimento dos donos da casa, que, envelhecidos, não têm mais força para trabalhar – disse tentando convencer o seu perseguidor.

Quando esse tipo de encontro ocorria, ele despertava no corpo físico convicto de que conversara não com uma miragem criada por sua mente, como pensava antes, mas com um ser vivo tanto quanto ele. Isso foi despertando seu interesse de participar da leitura do Evangelho, o que já era uma rotina para os donos da casa. Foi depois de uma dessas leituras que ele se lembrou da resposta lógica que gostaria de obter sobre o interesse que teria motivado o Criador da vida. Curioso para saber o que aquelas pessoas tão simples e bondosas pensavam sobre o assunto, dirigiu a pergunta a Joselina, que prontamente o atendeu:

– Meu filho, não pode ter sido por outra coisa a não ser por amor.

Ele ficou em silêncio, e ela voltou a falar:

– Não é compreensível deixar de acreditar simplesmente por não ver. A capacidade de sentir nos dá mais certeza do que muitas situações que os olhos veem, mas nem sempre a pessoa entende ou presta atenção. Quando sentimos, podemos com mais facilidade identificar o pensamento e descobrir se está ou não dentro da verdade. O Criador não é visto pelos nossos olhos, mas se revela no amor que se origina dele e nos chega. Sendo algo da sua intimidade, ao recebermos e permitirmos encher o nosso íntimo, entendemos que não é Ele pessoalmente, mas sua extensão amorosa que está em nós. Ele é tão grande como o amor que se espalha por toda parte, sustentando a vida, quer seja nas plantas, nos animais ou em nós mesmos. Ainda que isso não desperte a crença na sua existência, a alma que permanece viva depois da morte do corpo é sua criação. Saiu d'Ele e, assim, não deixa de ser uma forma da sua presença em nós.

– Mas qual seria a finalidade da vida?

– A verdadeira finalidade, meu filho, eu penso ser ela grandiosa... Talvez a melhor que podemos ou não imaginar...

Depois de instantes de olhos cerrados, fisionomia serena, ela tornou:

– Estou ouvindo uma voz suave como a brisa a me falar, mas não alcanço o sentido do que me diz – e, abrindo os olhos, concluiu assim o assunto: – Servir já é um importante motivo, porque gera alegria e adoça o coração. As plantas não nos proporcionam o alimento? E os animais, por sua vez, também não nos servem? E nós, então, a quem devemos servir?

– Certamente a quem se encontra em um nível superior a nós – respondeu o médico.

– É nessa superioridade que se pode encontrar o sentido da vida – aparteou João Pedro.

– Bem, já que a vida foi criada por um ser superior a nós, a finalidade do existir deve ser a melhor que podemos ou, ainda não, imaginar.

– Ainda bem que você entendeu, meu filho, porque eu compreendo que, além de quase nada saber, não sei me expressar como gostaria.

– Não, não! Entre tudo que já ouvi falar sobre a existência de Deus, a sua maneira de se expressar, como a de pai João, foi a que me tirou todas as dúvidas que restavam.

– E você não acreditava?

– Não. Para mim, era uma utopia.

– E agora, acredita?

– Com sinceridade, sim!

Restabelecendo a harmonia

Assim como a chuva, que de gota em gota molha a terra e enche os rios, pelas pequenas ações chega-se às grandes realizações.
Dizzi Akibah

NA MANSÃO DOS Anórios, a vida dos moradores prosseguia. Embora sem saber o paradeiro do doutor Lúcio, Dodô orava sempre por ele. Durante as orações, fazia mentalizações criando e alimentando uma nova imagem, diferente do jeito que ele era antes. Pensava em vê-lo consciente da vida como um dom de Deus, livre do orgulho, desapegado e, em consequência, agindo pelo impulso da bondade.

No mais, reinava a alegria da paz, pois Anélia e Marcos Tadeu, além de engajados, com Dodô, no grupo de estudo da doutrina espírita que deu origem a um dos primeiros centros espíritas de Florianópolis, já haviam consolidado sua obra social, em prol de pessoas carentes, sobretudo crianças. Yúri Anório, com cinco anos de idade, já revelava bondade e admirável inteligência por meio das atitudes infantis. Chamava Anélia de mãe, Marcos Tadeu de pai, e Dodô de avô.

O grupo de estudo do Evangelho, que contava com Dodô, Anélia e

irmãos, fora ampliado com a participação de mais algumas pessoas, que a ele aderiram de livre e espontânea vontade, como Sara.

Ela, afirmando-se decepcionada com o doutor Lúcio, que viajara sem ao menos dela se despedir, lembrando-se do que ouvira de Cidélia a respeito de Dodô (e tendo contado com a discrição de Cidélia sobre sua própria relação com o doutor), fora procurar o bom homem para desabafar. O criado da mansão pacientemente deixou que ela abrisse as comportas do coração e externasse o azedume da decepção e contrariedade, para em seguida esclarecê-la nos ensinamentos de Jesus, incentivando-a à busca das lições luminosas do divino mestre e falando sobre o estudo feito ali mesmo na mansão. Depois de ouvi-lo, Sara, motivada pela vontade de mudar seu jeito de viver, pediu para integrar o grupo, o que foi aceito por Dodô com alegria.

Mas a boa vontade de Dodô para com Sara não era novidade, pois há muito tempo, diante das pessoas com dificuldade para resolver seus problemas e que lhe pediam ajuda, depois de ouvir as queixas, lamentos e encontrar espaço, ele sugeria que buscassem em Jesus os conhecimentos necessários para uma mudança no modo de viver. Plantar o bem para colher alegria, em vez de tristeza. Foi assim que aconteceu com Letícia, a mãe de Cidélia, que, apesar de viver bem melhor depois de ter deixado o ambiente onde residira, não se conformava com o desencarne da filha e, na busca de consolo, integrou-se também ao grupo.

Por último, foi o doutor Alexandre, ainda impressionado com a possibilidade da comunicação dos espíritos. Assim, o ambiente da Mansão dos Anórios, que só não se tornou sombrio por causa de Dodô, passou a desfrutar de compreensão e paz. Nessa situação agradável, o empregado da mansão não esquecia de recomendar aos participantes que despertassem cada vez mais o amor fraterno e se tratassem como irmãos, independente do grau de instrução de cada um.

– Todos somos iguais perante Deus – dizia, convicto –, pois as diferenças que notamos são passageiras, porque dizem respeito somente ao patamar evolutivo, ao progresso espiritual.

Foi desfrutando dessa agradável situação que Dodô percebeu que algo

novo estaria para acontecer, pelos olhares simultâneos e insistentes entre Anélia e doutor Alexandre. O bom Doriano teve com Anélia a seguinte conversa:

– Percebo que a menina e o doutor Alexandre sentem um apreço especial um pelo outro...

– Mas... como o senhor?...

Ele não deixou que ela terminasse:

– Menina Anélia, às vezes, a sensibilidade percebe muito mais do que os olhos veem. Não há como esconder o que se passa no íntimo, porque o semblante e os olhos, que dizem até ser "espelhos da alma", denunciam.

– É motivo de contentamento para mim o senhor ter notado, porque eu já estava me sentindo no dever de falar sobre isso. Além de não poder esconder, porque a tendência desse laço é evoluir, e também por estar acontecendo aqui, dentro desta casa... da sua casa. Dar satisfação ao senhor se constitui um dever para mim. Mas, se o senhor não aprova, a depender das razões, eu poderei até mudar meus planos, antes que isso se torne difícil.

– Ora, ora, menina Anélia... Primeiro, a casa não é minha! É sua e dos seus irmãos. Segundo, eu, embora seja chamado por você de pai, o que me deixa muito feliz, sou daqui apenas um criado. E por último, seria um erro da minha parte tentar comandar os seus sentimentos, cuja direção pertence a uma única pessoa: você mesma!

– Sou grata por esse seu modo de compreender. Mas que o senhor fique sabendo que eu não aceito essa sua afirmação de que é, aqui, apenas um criado da casa. Isso ocorreu no passado, mas a realidade agora é outra! O senhor, Dodô, admirável sob todos os aspectos, é o meu pai, porque são assim suas atitudes paternais. Para mim e meus irmãos, é você o senhor desta casa, deste lar, onde nos sentimos ditosos. O que nos leva de volta ao outro assunto: Alexandre já conversou comigo sobre seus sentimentos, mas eu lhe disse que só trataria disso depois que ele falasse com o senhor.

– Menina Anélia, eu sou muito grato pela sua consideração. Mas não limite seus sentimentos a essa condição, porque o seu coração sabe muito

mais do que eu. E se o que você deseja é saber como estou vendo isso, sossegue, porque estou muito contente!

***

EM PORTUGAL, JOSELINA, que tinha o hábito de acordar muito cedo, às oito horas da manhã ainda estava deitada. O médico brasileiro, que cultivara profunda afeição por ela, procurou João Pedro para saber o que estava ocorrendo:

– Ela amanheceu com febre e muito indisposta – disse o ancião.

– Não sei se o senhor se lembra, pois tanto tempo faz, mas eu já lhe disse que sou médico, não?

– Eu me esqueci disso! Acho que foi por causa da sua aparência de camponês – sorriu. – Quer vê-la?

Baseado nos sintomas, o médico indicou alguns medicamentos e imediatamente João Pedro foi à cidade adquiri-los. Em poucos dias ela já se encontrava recuperada. Contente pelo que fez, o médico, que ao sair de Florianópolis não desejava mais lidar com pacientes, depois de ter usado os recursos da medicina para suprimir o resultado de encontros meramente lascivos, experimentou pela primeira vez uma tal alegria, que o motivou a tomar uma decisão:

– Dona Joselina, os habitantes dessa zona rural enfrentam alguma dificuldade para cuidar da saúde?

– Sim, meu filho!

– A senhora se importaria se as pessoas viessem aqui em busca desse socorro?

– Não! Seria muito bom, porque seria caridade. Garanto que João Pedro

ficará muito alegre, porque ele também gosta muito de servir às pessoas.

– Então, podemos fazer a notícia correr, de que na sua casa há um camponês médico, à disposição.

Assim, o doutor "Marcos", como ficara conhecido por Marcos Tadeu e Anélia, mesmo sem contar com equipamento médico, passou a aguçar a percepção e a indicar, com base nos sintomas, medicamentos para as pessoas que o procuravam.

A casinha dos idosos, que dificilmente era visitada por alguém, com o tempo se tornou um ponto conhecido por causa do médico forasteiro que, por sua vez, passou a experimentar alegria pelos resultados positivos de sua atuação, e sem nada receber em troca. Era o sentimento de caridade, de amor ao próximo, que aos poucos estava sendo despertado, sem que ele mesmo se desse conta disso. Restava cultivá-lo, para que se tornasse um norte em sua vida: o final de uma situação lamentável levara ao começo de outra, de desenvolvimento de qualidades positivas. O médico rico, sem rédeas para o orgulho desenfreado, na obscuridade em que antes vivia, impedindo espíritos de renascerem para a necessária existência material, passou, além de cuidar da saúde dos que precisavam, a fazer partos das gestantes que o procuravam. Sentindo entre as mãos os seres pequeninos que davam entrada à vida na matéria densa, anunciando com o choro a sua chegada, ele se emocionava. Embora sua nova decisão de se tornar um cooperador na obra da procriação, se não evitava os reclames da consciência, de certa forma amenizava-os. Era nesses momentos que a sua mente voltava ao passado e, experimentando o dissabor do arrependimento tardio, sussurrava:

– Perdoe-me, Dodô, por não ter considerado os seus conselhos, simplesmente por achá-lo obscuro e ignorante, o que não era verdade.

Ele estava descobrindo, por si mesmo, o que Dodô tentava despertar com palavras, justificando uma afirmação constante entre os espiritistas, de que, quem não vai por amor, vai pela dor, pois só depois de chegar ao extremo por causa de seu comportamento foi que, naquela casinha tão simples, ele encontrou o tesouro real da vida, que a ferrugem não consome nem os

ladrões roubam, como afirmou Jesus, a luz do mundo.

O médico percebeu que os seus benfeitores, João Pedro e Joselina, ambos com mais de oitenta anos de idade, não tinham mais forças físicas para o trabalho no campo, e assumiu sozinho o suprimento das despesas do lar. Acordava cedo, ia ao curral, tirava o leite de uma vaca, preparava o café da manhã. Só aí, depois que os idosos estavam alimentados, ia ao trabalho no campo, ou carregava o cesto cheio de verduras e legumes para vendê-los no povoado. No turno da tarde, atencioso e prestativo, atendia aos que o procuravam para a recuperação da saúde.

Foi numa dessas tardes que um fato inesperado contribuiu, decisivamente, para o despertar da fé em Deus e o restabelecimento de sua harmonia interior.

Depois do almoço, quando ele pretendia descansar um pouco ao chegar do povoado, alguém o chamou lá fora. Ele se levantou e foi ver quem era.

O visitante, que chegara a cavalo, ao vê-lo, foi logo falando:

– Doutor, pelo amor de Deus, suba aqui no cavalo e venha comigo, depressa! Do contrário, quando chegarmos, minha mulher já estará morta. Ela está fraca de tanto se esforçar para o nascimento da criança, mas não consegue. Deixei-a desmaiada. Queira Deus ainda esteja viva!

O médico imediatamente subiu no cavalo, que, forçado a correr até onde suportava, em meia hora os deixou no local. Vendo o estado da parturiente, que se chamava Dora, sentiu desânimo. As contrações haviam cessado e ela, ainda desmaiada, estava pálida e com a respiração ofegante.

– Dora, reaja! Sou eu, o médico. Estou aqui para ajudá-la, mas você precisa ter coragem, autoconfiança. Vamos, reaja!

Mas ela estava extenuada, sem força física para a reação, em um quadro estacionário. Sentindo-se impotente e com pesar, o médico, convicto de que nada mais podia fazer, percebeu as lágrimas em seus próprios olhos. Experimentando uma grande aflição, ele passou a murmurar:

– Que faço? Que faço? Quero muito que a criança nasça e que a mãe sobreviva, para juntos serem felizes! Quem poderia me ajudar? Não há ninguém a quem eu possa apelar!

Então se lembrou dos conselhos de Dodô, do diálogo à beira do poço com o espírito que o motivara ao raciocínio lógico sobre um ser superior... Lembrou-se, por último, das leituras do Evangelho feitas por Joselina, que considerava como uma mãe do coração. Fechou os olhos e começou a orar do seu próprio jeito:

– Oh potência invisível! Se existe realmente e é tão sábio a ponto de criar e preservar a vida, manifeste o seu poder e sua bondade, preservando a vida dessa mulher, que certamente foi criada por você mesmo, e não permita que essa criança perca a vitalidade antes de abrir os olhos para o mundo. Mas, não sendo da sua vontade, e já que a vida prossegue depois da morte do corpo físico, ampare-os com a sua bondade! Ampare-nos também, para passar tão difícil momento, em que nada podemos fazer, provando nossa pequenez e incapacidade. Para que a tristeza não obscureça este lar, peço que nos ajude! Se depender de mim como mero instrumento para salvá-los, entrego sem receio o que for preciso da minha energia vital. Divido a minha vida com eles, para que os componentes dessa família não percam a esperança e a alegria de viver.

Terminou de falar e, em instantes, ainda com os olhos cerrados, viu três vultos; à proporção que se aproximavam, o ambiente do quarto se tornava iluminado por uma claridade suave, comparável ao luar. De repente o médico viu, bem na sua frente, três espíritos usando o jaleco branco, o que de certa forma o tranquilizou, por compreender que aqueles seres que chegaram tão rápido deveriam ser médicos e ali se encontravam para ajudá-lo.

Um deles se aproximou e disse-lhe sorrindo:

– Meu nome é Epaminondas. Recolhemos a sua prece dirigida ao Pai da criação e aqui nos encontramos para ajudá-lo.

Dito isso, os visitantes espirituais se posicionaram e estenderam as mãos em posições diferentes: um deles, na região coronária, outro na região cardíaca e o que se identificara como Epaminondas, sobre o abdômen da parturiente. Em instantes, raios luminosos fluíam de cada dedo e, ao tocarem o corpo da mulher, iam desaparecendo. Epaminondas dirigiu o

olhar para o médico, que estava espantado, e disse-lhe:

– Venha você também, porque ela precisa de energia magnética e você pode doá-la.

O médico estendeu as mãos na direção do plexo solar e viu fluir raios luminosos de seus dedos, embora com menos intensidade do que aqueles que estavam sendo emitidos pelos prestativos médicos espirituais.

Aproximadamente meia hora depois, as contrações retornaram e, para sua surpresa, o espírito Epaminondas disse-lhe:

– Ajude, meu irmão! A criança já está vindo.

O doutor "Marcos", em poucos minutos, ouviu emocionado o choro do bebê, que já se encontrava entre as suas mãos.

Os médicos espirituais se aproximaram, demonstrando também muito contentamento, e Epaminondas cuidou de apresentar os companheiros, Jacó e Tarsiana (espírito com aparência feminina), que lhe cumprimentou sorridente.

– Nós o parabenizamos pelo seu empenho e sua atuação. Como pode perceber, não nos encontramos mais em corpos físicos, mas, quando precisar, é só nos chamar.

O médico, curioso, perguntou:

– O que realmente aconteceu que proporcionou tão bom resultado?

– A gestação descuidada, em relação à alimentação da mãe, foi a causa principal de sua fragilidade orgânica acentuada e da anemia, que precisa ainda de cuidados, por exemplo alimentos ricos em ferro, como você sabe. Entretanto, o que mais estava prejudicando era o medo por ela alimentado. As contrações cessaram muito mais por isso do que pelo estado orgânico.

Fez pequena pausa e voltou a falar:

– Já a melhora repentina teve como causa as energias aplicadas, as quais restituíram a disposição orgânica, sobretudo as que foram direcionadas ao chacra coronário, que, por sua vez, as distribuiu para os demais chacras e, em consequência, para todo corpo somático.

– Nunca antes havia imaginado tais possibilidades! – exclamou o médico, cheio de admiração.

– Se demorasse mais uma ou duas horas, ela desencarnaria e a criança também. A sobrevivência se deu graças à confiança em Deus com que a sua prece foi emitida, cujo impulso a fez chegar ao nosso conhecimento.

Depois de pequena pausa, concluiu:

– Não duvide que a vida continua após a morte do corpo físico; que Deus é a inteligência suprema do universo, a fonte do amor e de onde se originam todas as coisas, todas as leis imutáveis e eternas, tanto quanto Ele mesmo; não deixe de pôr em ação o amor, como fez há pouco; não conserve no íntimo os efeitos do arrependimento tardio ou do remorso, mas modifique suas predisposições e retifique suas ações, para que os enganos não mais ocorram e, por fim, *que o amor cubra a multidão de pecados,* como afirmou, Jesus.

Fez nova pausa e, em seguida, concluiu assim a sua oportuna orientação:

– Você, querido irmão, poderá passar ainda por dissabores, mas nunca como antes, porque agora já aprendeu a confiar em Deus e a pôr em ação o amor fraterno.

Ao ouvir as últimas palavras, "Marcos" percebeu, com admiração, que os médicos espirituais haviam desaparecido da sua visão perispiritual, sem que ele pudesse perceber em detalhes como isso ocorreu.

Depois dessa proveitosa conversa com o espírito Epaminondas, o doutor camponês abriu a porta do quarto e o pai da criança, que já havia perdido a esperança, entrou precipitado:

– Sei que a criança foi salva, porque ouvi o seu choro. E ela?

– Eu também, Rafael – respondeu Dora e continuou falando –, graças às mãos abençoadas do médico, de onde eu vi sair raios luminosos como se fossem faíscas, tão rápidas, que pareciam relâmpagos. Milagre! Isso foi um milagre! Suas mãos, doutor, são milagrosas.

O médico lembrou-se, rapidamente, de que aquelas mesmas mãos tinham sido usadas para extinguir vidas, e respondeu:

– Se foi algo milagroso, não foi através das minhas mãos, pois nada fiz. Foram seres enviados pelo poder maior, a quem devemos agradecer sempre.

Na hora do adeus

Tranquilidade de consciência é ensejo para o cultivo da paz.
Dizzi Akibah

À PROPORÇÃO QUE o médico cultivava o amor fraterno pelas pessoas, os espíritos perseguidores tinham mais dificuldade de alcançar seu campo mental. Convictos de que, se não reagissem à altura, não conseguiriam pôr em ação sua vingança, resolveram fazer o que estava ao seu alcance para afastá-lo dali o mais rápido possível. Entendiam que ele estava protelando o retorno para Florianópolis, objetivo deles.

Alguns dias depois, o médico começou a se sentir constrangido por se encontrar naquele tipo de vida, e também um desgosto ao se lembrar de que poderia estar desfrutando dos seus bens... Eram as induções dos espíritos que perturbavam sua mente.

João Pedro, que já contava oitenta e seis anos, estava com a saúde abalada e o corpo físico fragilizado. Notando a mudança repentina no protegido, chamou-o para uma conversa:

– Meu filho do coração, não me sinto bem vendo-o assim, com a

fisionomia entristecida. Que se passa?

Para tranquilizar o idoso, ele mudou rapidamente a fisionomia e respondeu, simulando:

– Oh, pai João, não se preocupe! Eu só estou pensativo por causa do que vi no parto da mulher, conforme narrei ao senhor e à mãe Joselina.

– Sinto que, devido à minha idade e à debilidade do meu organismo, estou perto de ir de vez. A única preocupação que tenho, sobre isso é Joselina, porque, em sua idade, não tem condições de ficar sozinha.

Pôs a mão no bolso da roupa e em seguida estendeu-a dizendo:

– Peço que você guarde esses endereços, do meu filho que reside em Paris e da minha filha que mora em Madri. Se você já estiver pensando em retornar para o seu país, tem todo direito de seguir sua vontade. Mas eu ficaria muito grato se pudesse esperar um pouquinho mais, porque sei que a minha hora está chegando. E logo que isso ocorra, se você não quiser mais continuar por aqui, nesse tipo de vida, pois é mesmo estranho um médico vivendo assim, depois de ter estudado tanto para aprender a salvar vidas, peço que escreva uma carta para o meu filho e outra para a minha filha, dando conta do ocorrido e pedindo que venham buscar a mãe. Pode fazer isso, meu filho?

– Prometo que só sairei daqui, se esse for mesmo o meu desejo, pois por enquanto não planejo, depois que atender o seu pedido e se tudo acontecer conforme sua vontade, pois o senhor é um pai para mim!

Meses depois, para tristeza do médico, que havia se empenhado para reverter a saúde do ancião, este desencarnou.

Imediatamente, escreveu as duas cartas, conforme o pedido de João Pedro e, depois de tanto tempo sem ir a Lisboa, chegou à cidade vestido numa roupa comum e calçando uma bota de agricultor, usada para proteção dos pés durante o trabalho no campo. Mas retornou logo que postou as cartas, pois já havia se adaptado ao silêncio e à leveza rurais. Um mês depois, voltou ao correio, mas não havia nenhuma resposta. Mas ainda continuou na expectativa, por não acreditar que um filho, por desatencioso que fosse com os pais, se revelasse assim tão frio, a ponto de não dar a devida

importância ao falecimento de um deles. Nessa expectativa, voltou trinta dias depois ao correio, mas não havia nada.

Àquela altura, os espíritos vingativos intensificavam suas ondas vibratórias, que, aos poucos, iam atingindo o médico; ele ainda mantinha o sentimento de culpa, o que servia de abertura às induções, embora os esclarecimentos prestados pelo espírito Epaminondas, como vimos antes.

Dessa maneira, fazendo um grande esforço para sua mãe de coração não perceber, ele passou a buscar socorro, formulando, através da prece, pedidos a Deus, que ele continuava tratando como *potência invisível do universo*. Mas um novo fato veio abalar ainda mais a sua estrutura emocional. Quatro meses depois da morte de João Pedro, Joselina amanheceu prostrada na cama. Sentindo saudade do esposo, longe do filho e principalmente da filha, que desde o casamento, fazia quase vinte anos, tinha visitado os pais apenas duas vezes, ela se deixara dominar por uma saudade que, com o tempo, tornou-se funesta.

O médico, entristecido, voltou à cidade, comprou medicamentos e, além de medicá-la, fazia as comidas que ela mais gostava, como sopa de verduras e legumes; ela agradecia pela atitude carinhosa, mas não conseguia comer. Com profunda tristeza, ele a notava definhar, o corpo minguado, a voz quase inaudível. Àquela altura, ele, que a amava sinceramente e não desejava que desaparecesse de sua companhia, durante as noites de vigília passou a meditar sobre Deus – potência invisível do universo, como pensava; numa dessas oportunidades, lembrou-se do médico espiritual Epaminondas e começou a falar baixinho:

– Companheiro... alma... espírito... Nem sei como tratá-lo! Mas é a você mesmo, Epaminondas, que me dirijo para pedir ajuda!

Depois de alguns minutos de expectativa, ele viu com satisfação a imagem do médico espiritual a sorrir na sua frente.

– Ao seu dispor, companheiro!

Sem nada dizer, apontou para a cama onde Joselina estava prostrada.

Epaminondas auscultou-a e, a seguir, retirou do bolso do jaleco um aparelho tão pequeno, que dava para esconder na palma da mão; ligou-o e,

depois de examinar a paciente, voltou-se para o médico e disse:

– A sua energia conservadora está findando, e não há como reverter, pois se trata de um processo natural, embora um pouco antes do que deveria, por causa das noites maldormidas, da tristeza incontida e da alimentação insuficiente.

Notando que o médico não estava entendendo, ele começou a explicar um pouco mais:

– Quando o espírito renasce para mais uma existência no plano material, traz consigo, de acordo com as necessidades relativas ao seu programa reencarnatório, a energia conservadora relativa ao seu tempo de vida na Terra, que é variável. Se esse manancial for usado a mais do que se deve, ou mal usado, no dia a dia, terminará mais cedo, isto é, abreviará a vida do corpo. Isso ocorre com um número bem elevado de pessoas que perdem noites de sono constantemente, que prejudicam o organismo com vícios e tantos outros desequilíbrios das emoções.

– E no caso dela, nada poderá ser feito?

– Sim: confortá-la para manter o seu íntimo brando até o desenlace. Depois disso, não haverá nenhum motivo de preocupação, porque ela soube cultivar, por sua doação fraterna na existência passada e na atual, muitas amizades. Muitos deles começarão a chegar, à proporção que for se aproximando o momento da liberação do espírito em relação ao corpo físico. Você, meu irmão, os verá pela visão perispiritual, do mesmo jeito que está me vendo.

O médico lembrou-se dos pratos de comida que ela, depois de caminhar todos os dias aproximadamente sete quilômetros, deixava para ele, e chorou. Enquanto as lágrimas brotavam, ele perdeu a visão do médico espiritual. Mas, logo que se recompôs, tratou de pedir desculpas a Epaminondas:

– Acho que exagerei o sentimento, ou sentimentalismo!

– Emoções explosivas nem sempre significam verdadeira gratidão. Se o que deseja é ser verdadeiramente grato, ame cada vez mais, ponha em ação esse mesmo amor – terminou de falar, acenou e deixou o local tão rápido

que o médico, mais uma vez, sequer percebeu como havia ocorrido.

Os dias foram passando e a situação de Joselina piorou. “Marcos”, que permanecia dia e noite em vigília, percebeu no amanhecer de um domingo que havia chegado a hora. Voltou a mente ao Alto e, depois de uma prece a Deus, segurou as mãos gélidas daquela bondosa mulher a quem elegeu mãe de coração e começou a falar:

– Vá, mãe! Sua bondade, sua fé e seu coração cheio de amor a levarão a um lugar no infinito, reservado pela potência invisível do universo.

Apesar da dispneia, ela abriu os olhos e, com um gesto de sorriso, balbuciou:

– Adeus, filho!

Com a voz entrecortada pela forte emoção, ele prosseguiu:

– Vá, mãe, e leve o amor sincero desse seu filho de coração, tão sabiamente conquistado pelo amor. Com sua bondade seu exemplo, ajudou-o a retirar do íntimo a frieza que conservava com as pessoas, principalmente as consideradas pobres. Vá, mãe, e leve a certeza de que sua vida nessa existência valeu a pena, por tudo de bom que fez a si e aos outros. Vá, mãe, convicta de que foi a senhora e meu pai de coração que me salvaram da queda maior no precipício, onde eu escorregava. Vá, mãe, e que a sua paz seja como o bem-estar que sentimos ao contemplar um jardim florido, ao ouvir o canto dos passarinhos, o ruído do vento na folhagem das árvores e o sussurrar das águas que rolam regato abaixo, pois tudo isso é natureza, e a contemplação da natureza nos leva à quietude da paz.

A enferma deu um último suspiro, e ele permaneceu ali, sentado junto à cama. Depois de algum tempo, com a vidência apurada, percebeu que o ambiente do quarto estava tomado por um número considerável de entidades espirituais, e ficou se perguntando:

– Como souberam tão rápido assim? – voltou o olhar para o corpo e viu, impressionado, um pouquinho acima dele, a formação de uma réplica deste. Em seguida, aquela forma viva começou a se movimentar horizontalmente, ganhou um pouco mais de altura e assumiu a posição vertical, foi descendo até tocar o chão. Olhou em volta e, percebendo que o filho que adotara a

via, mesmo já estando fora do corpo inanimado, sorriu para ele, que observava o cordão luminoso (na parte que ainda a ligava ao corpo físico, estava quase sem brilho, enquanto mais próximo ao perispírito, brilhava como um foco de luz).

Chamou-lhe a atenção o surgimento inesperado de uma entidade espiritual com aparência feminina, que se aproximou e disse para Joselina:

– Minha irmã, você precisa repousar para restabelecer as energias necessárias ao reequilíbrio.

Em instantes Joselina adormeceu. Ele continuava observando pela vidência todos os detalhes com tal interesse, que chegou a se levantar da cadeira onde estava sentado para ver melhor a mesma entidade espiritual procedendo ao desligamento do cordão fluídico, para liberá-la do corpo físico. Feito isso, para sua maior surpresa, viu chegar no local Tereza e Isabel, sua mãe e avó desencarnadas, que, ao vê-lo, cumprimentaram-no com um afetuoso sorriso e se aproximaram. Então a entidade que acabara de proceder ao desligamento disse-lhes: “Podem levá-la”.

Tereza, com os cuidados com que a mãe segura o filho recém-nascido nos braços, pegou Joselina já liberada do corpo físico, em pleno sono magnético e, depois de ouvir algumas recomendações da entidade espiritual, levou-a consigo e com Isabel.

Ele ficou perplexo, sem entender por que teriam sido elas as encarregadas de conduzir Joselina em perispírito e principalmente por causa do carinho com que Tereza a aconchegou em seus braços.

Ele não sabia que elas solicitaram essa oportunidade em gratidão a Joselina, por tê-lo acolhido em seu bondoso coração, ajudando-o a modificar seus hábitos e crenças, construindo a fé e a confiança em Deus.

Logo que todos os espíritos saíram, em cortejo, acompanhando Tereza e Isabel, ele, impressionado com a prova inequívoca do prosseguimento da vida após a morte do corpo físico, voltou o olhar para a cama e, vendo o corpo inanimado, saiu e fechou a porta do quarto, pegou um chapéu, pôs na cabeça e foi avisar as pessoas amigas, pedir-lhes para ajudá-lo nos preparativos do sepultamento.

Dois dias depois, ele pôs num envelope os documentos e as certidões de óbito do casal e postou no correio para os filhos, apesar da pouca atenção que pareciam dar aos genitores, cumprindo a promessa que havia feito a João Pedro. Um dia depois disso, pegou as poucas roupas que possuía e pôs num saco de pano. Mas, antes de sair, lembrou-se de seus documentos pessoais (quando ele vagara a esmo, mentalmente perdido, pelas ruas de Lisboa, os documentos se mantiveram seguros em um bolso secreto de sua roupa), os quais Joselina havia guardado desde sua chegada na casa, e foi pegá-los. Ao abrir a gaveta, onde sabia que eles se encontravam, viu o seguinte bilhete:

"Seus documentos estão dentro da caixa de papelão. O dinheiro que lá se encontra é o mesmo que você, ao longo do tempo, desde que aqui chegou, me entregava como pagamento da sua estadia. Mas como receber pagamento pela sua companhia, que tanto bem sempre nos fez? O amor, meu filho, não tem preço, e por isso não exige pagamento. Se eu aceitasse esse dinheiro, fruto de suor derramado, estaria ignorando o sentimento de amor com que você sempre nos tratou, o que tornou a nossa vida muito mais alegre. Por isso é que você pode usá-lo para retornar ao seu país, à sua casa, quando desejar, pois não acho justo que continue aqui sozinho trabalhando a terra, quando sabe e pode trabalhar em benefício da saúde das pessoas. Mas, além de tudo isso, eu quero que saiba de uma coisa muito íntima, que não contei pessoalmente, por não saber se você iria gostar: eu te amo de todo o meu coração!"

O médico, com o papel na mão, mais uma vez foi às lágrimas e, soluçando, começou a falar:

– Não esquecerei dos seus conselhos. Prometo que vou, sim, mãe querida, procurar conhecer Jesus, conforme a senhora tantas vezes me sugeria. Fique certa que farei isso! E já que a vida prossegue após a morte do corpo físico, como tive a felicidade de constatar, e já que nenhuma dúvida me resta, onde quer que a senhora esteja, se puder receber o meu pensamento, fique certa de que nunca a esquecerei, pois eu também te amo muito!

Pôs o bilhete no bolso como única lembrança material, pegou o dinheiro,

calçou as mesmas botas, único calçado que tinha, pôs o saco no ombro, fechou a porta e se despediu:

– Adeus, casinha da paz, do amor e da bondade! Daqui levarei muitas saudades, pois foi entre as suas quatro paredes, ouvindo a voz do amor, ora por pai João Pedro, ora pela doce voz da minha querida mãe do peito, que consegui mudar a minha vida, o meu destino. Não quero nem me lembrar do Lúcio bobo, vaidoso, prepotente e orgulhoso, pois é disso que estou me despojando.

Pôs o saco no chão, abriu a porta, foi ao interior da casa e retornou com uma faca na mão. Pacientemente, talhando a madeira, desenhou um coração e, embaixo, escreveu uma dedicatória:

– Aos meus amados pais, João Pedro e Joselina.

Os obsessores, ao vê-lo fora da casa, carregando sua pequena bagagem, começaram um grande alarido, todos gritando ao mesmo tempo:

– Vencemos! Agora é com a gente!

Mas o líder do grupo falou, com voz de comando:

– Calem a boca e mantenham distância! Ele está indo sem a nossa intervenção e pensa que a essa altura já desistimos. Mas, se perceber que ainda estamos no seu encalço, certamente voltará para a casinha, onde estava protegido. Vamos deixar a surpresa para o desembarque no porto, quando lá chegarmos, pois é lá que nossos companheiros aguardam todo esse tempo para as boas-vindas...

– As más-vindas – interrompeu, desdenhoso, um deles.

Reencontro emotivo

A dor é mecanismo indispensável no combate ao orgulho.
Dizzi Akibah

NA MANSÃO DOS Anórios, em Florianópolis, tudo era paz e alegria. Dodô já havia integrado os participantes do estudo do Evangelho à equipe de atividades sociais do primeiro Centro Espírita de Florianópolis, que teve origem no primeiro grupo de que ele participara.

Tempos depois, por ideia de Anélia, passaram a fazer visitas ao Hospital Colônia Sant'Ana, quando observavam os pacientes, em um extenso pátio. Anotavam suas reações em fichas que eram usadas para estudo. Com isso, descobriam, pelos sintomas e reações, as causas muitas vezes espirituais dos problemas, ajudando-os de acordo com a possibilidade, com muito cuidado, por já saberem que a obsessão, quase uma epidemia, apresenta-se sob várias formas. Considerando o ensinamento de Jesus, "fazer com a mão direita o que a esquerda não veja", e agindo discretamente, no decorrer de um ano muitos pacientes tiveram alta do hospital e se reintegraram às respectivas famílias.

Em uma dessas visitas, Anélia ia chegando ao pavilhão onde os pacientes se movimentavam livremente e percebeu que um deles, de barba crescida, cabelos longos descendo até os ombros, de alta estatura, mas de corpo esguio, fixou o olhar nela e, a passos lentos, caminhou em sua direção. Assustada, aumentou os passos, e ele também. Ela correu e ele também correu atrás dela. Foi aí que ela gritou:

– Socorro! Socorro!

Funcionários do hospital contiveram o paciente, que tentou se justificar:

– Não precisa me segurar, eu não quis assustá-la! Não queria perdê-la de vista. Tenho convicção de que se trata de uma pessoa que eu conheço.

– Se você a conhece, então diga o nome dela – disse Henrique, funcionário do hospital.

– Se lembrasse, eu a teria chamado pelo nome! Mas a situação, acho, me fez esquecer...

– Fora de crise você é um paciente calmo e até bondoso com os outros. Não é bom proceder assim, para não ter que ir para o isolamento.

– Eu não tinha intenção de fazer mal a ela...

O funcionário permaneceu alguns minutos ouvindo-o e em seguida o deixou e procurou Anélia, até encontrá-la em outro espaço. Queria tranquilizá-la:

– Não precisa ficar receosa, porque…

Narrou o diálogo que tivera com o paciente e concluiu a conversa:

– Ele me pediu para dar o seguinte recado: diga a ela que não sou louco. São espíritos que querem se vingar de mim e que, se ela puder... pelo amor de Deus, me ajude, me ajude! Penso que ela está vindo aqui com o propósito de me ajudar, porque vi do seu lado um ser de muita luz.

Ouvindo isso, Anélia perguntou, impressionada:

– Você acha que eu poderia conversar com ele agora?

– Não aconselho, por saber que alguns doentes mentais, a exemplo desse mesmo, quando menos se espera são acometidos por uma crise e não reconhecem mais ninguém! Vou observá-lo e no próximo dia que você vier aqui eu poderei dar informações mais seguras.

– Ele está aqui há quanto tempo?

– Há alguns meses.

– Por que ele disse que me conhece? Seria uma ilusão de sua mente desequilibrada?

– Pode ter sido ou... Quem pode decifrar os mistérios da mente?

– Você sabe o nome dele, Henrique?

– Mesmo quando está aparentemente lúcido, ele se nega a informar.

Anélia saiu do hospital bastante impressionada. À noite, procurou Dodô e narrou o fato, afirmando que, embora aquela reação partisse de alguém considerado doente mental, ela ficou muito impressionada.

– Você fez uma ficha com as reações que pôde observar?

– Não, não fiz. Não há como identificá-lo, pois ninguém sabe o seu nome. Fui informada, apenas, que teria sido levado à Colônia por uma pessoa que sentiu compaixão, mas que não era nenhum parente. E que, apesar de o paciente demonstrar lucidez entre uma crise e outra, se nega a prestar qualquer informação que possa identificá-lo, segundo me contou Henrique, funcionário do hospital.

– Ele te lembra alguém, menina Anélia?

– Apesar de não ter identificado nenhum traço fisionômico, não sei por que razão, mas até agora estou com a impressão de que ele me lembra uma pessoa que conheci em Lisboa, um pouco antes de vir para cá. Mas não deve ser, porque essa pessoa a quem me refiro não falaria assim em Deus.

No dia seguinte, Dodô saiu sem dizer para onde ia – sua intenção era ir ao Hospital Colônia. Lá chegando, procurou o funcionário Henrique e pediu que lhe mostrasse o paciente que seguira Anélia.

Chegando ao mesmo pavilhão, Henrique o apontou:

– É aquele lá, de barba e cabelo compridos. Está assim porque não quer cortar o cabelo nem tirar a barba. Pelo que estou notando, neste momento ele parece não estar bem. Quer se aproximar assim mesmo?

– Vamos – respondeu Dodô, que chegou bem próximo ao desconhecido e disse: – Por favor, Henrique, fique um pouco aqui, do meu lado!

Segurou o braço do rapaz, para se apoiar, fechou os olhos e, depois de

instantes, estendeu a mão na direção dele. Em menos de um minuto, ouviu o paciente gritar seu nome. Abriu os olhos e, mesmo assustado, foi se aproximando. O rapaz também veio em sua direção; quando estavam bem próximos, pararam como se estivessem ambos em dúvida. Mas isso durou pouco, porque Dodô abriu os braços, ele fez o mesmo gesto, e se entrelaçaram num abraço que tinha profundo sentido para ambos. Não se ouvia nenhuma palavra, só a doce emoção do reencontro, apesar das circunstâncias.

– Menino doutor! Oh meu menino doutor! Repouse a cabeça cansada de sofrer as investidas vingativas aqui no ombro desse velho rabugento que te ama tanto!

O doutor Lúcio chorava inconsolavelmente e, a despeito da forte emoção, começou a falar:

– Oh Dodô, perdoe-me pelo amor daquele que é a Potência Maior do Universo! Me ajude, meu bondoso amigo, pois agora eu sei que você estava certo quando tentava me falar sobre a existência de Deus e eu o desdenhava. Eu preciso viver o que aprendi todo esse tempo em que estive ausente, mas esses espíritos não me deixam em paz. Afirmam que desejam me levar com eles para perpetrar sua vingança...

– Menino doutor, o que andou fazendo tanto tempo sem sequer dar notícias?

Ele abriu as mãos e respondeu:

– Olhe!

– Mas o que é isso?! Suas mãos estão cheias de calos, a pele grossa... Quanta desventura!

– Não, Dodô! Este foi o melhor tempo de toda a minha vida. O tempo em que pus minhas mãos em ação no trabalho duro do campo, recebendo lições e o exemplo de pai João Pedro e mãe Joselina, pessoas amorosas que me recolheram em seu lar. Se eu recobrar a lucidez, em outro momento como este, contarei tudo a você.

– Menino doutor, você sabe que o seu problema...

– É espiritual.

– Que é preciso fazer...

Ele interrompeu de novo:

– Um tratamento, embora não saiba de que maneira.

– Mas para isso é preciso que...

Fazendo questão de mostrar a Dodô que já havia mudado muito o seu pensamento, Lúcio interrompeu-o mais uma vez:

– Que eu acredite na existência de Deus? Já sei que Ele existe. Que eu preciso mudar o meu comportamento. Eu já me sinto outro, e esse outro que me sinto não se identifica em nada com o doutor Lúcio irresponsável, vaidoso, orgulhoso, prepotente e obscuro.

Parou de falar e, depois de instantes, disse:

– Dodô, eu quero pedir dois favores: o primeiro, é que você me fale tudo que já conhece sobre Jesus, porque desejo conhecê-lo mais, além do que dizem ter sido ele. E o segundo: eu estou me sentindo duas vezes órfão. Gostaria de lhe pedir para amenizar essa sensação de tristeza...

– Mas, menino doutor, eu não sei como fazer isso!

– Sabe e pode, porque depende somente de seu sentimento, o que você tem de sobra, pois foi você mesmo que um dia me falou sobre isso.

– Pode ser mais claro, menino doutor?

– Basta me permitir chamá-lo de pai e eu procurarei adquirir aquelas mesmas qualidades que você um dia me contou que, se tivesse um filho, ele as teria. Lembra-se disso?

– Mas eu... pai do menino doutor? Mas… mas quem sou eu?!

– Dodô, se fosse você o meu pai, em vez de Manoel Anório, eu seria outra pessoa, outro homem. Como agora eu já comecei a mudar, quero sentir essa sensação de não mais me sentir órfão, chamando-o de pai, pai Dodô!

Dodô apoiou a cabeça no ombro de Lúcio e chorou.

– Sentirei muita alegria em poder externar um sentimento que guardo há muito tempo em meu íntimo, que chamo de amor paternal.

O diálogo só foi possível porque os espíritos obsessores, não suportando as vibrações amorosas emitidas por Dodô, se afastaram e, amedrontados,

procuraram um canto escuro para se esconderem e trocarem impressões, como estas:

– O que vamos fazer agora? – perguntou um deles.

Raulino, o suposto líder respondeu:

– Eu acho que o tiro saiu pela culatra. Nós não nos lembramos desse velho aí, que, além de ter todo esse poder, gosta muito do infeliz. Certamente não vamos mais conseguir o nosso intento.

– Então, é melhor deixar isso para lá e cuidarmos da nossa vida de outra maneira, porque eu estou cansado e não quero mais saber desse infeliz. Vou dar um novo rumo à minha vida – disse um deles.

– Tanto tempo de espera para ter esse infeliz em minhas mãos, e agora esse velho aparece para atrapalhar! – lamentou o suposto líder do grupo.

Dodô e o doutor Lúcio estavam ainda no mesmo lugar, conversando:

– Bem que você poderia pedir a minha liberação. Eu quero tanto voltar para nossa casa! – disse o médico, saudoso.

– Menino doutor, você vai, sim, voltar para casa. Mas é preciso, antes, fazer o tratamento espiritual, para que acreditem que você já está restabelecido e deem alta. Eu vou cuidar de tudo. Mas, enquanto isso, nos momentos de lucidez, ore e tenha paciência. Vai dar tudo certo!

Dodô deixou o doutor Lúcio e foi direto procurar o psiquiatra que estava cuidando dele. Ao chegar à sala do médico, uma surpresa: o psiquiatra era o mesmo que participava, inicialmente, do grupo de estudo e que, posteriormente, quando o Centro Espírita foi fundado, se integrou às atividades da Casa. Assim, não houve dificuldade para Dodô conseguir o que desejava e acreditava ser o melhor caminho para resolver o problema de Lúcio.

A partir daquela mesma semana, com permissão do médico, Dodô passou a buscar Lúcio no Hospital Colônia e a levá-lo a uma reunião de desobsessão, num determinado dia da semana, em que os componentes do grupo de estudo não estavam presentes. Ele achou melhor assim, pois no momento não queria que eles tomassem conhecimento da situação que o doutor Lúcio experimentava.

A última porta aberta

a verdade só incomoda a quem dela tenta se esconder.
Dizzi Akibah

SENTINDO NECESSIDADE DE descansar, Dodô foi mais cedo para o seu aposento e, depois de uma prece, lembrou-se de Isabel e fez a seguinte pergunta: “Será que eu estou certo em fazer todas essas revelações?”

Dormiu e, como de outras vezes, foi deixando o corpo físico. Em instantes já se encontrava ante a luminosidade da sua benfeitora Isabel. Sua primeira atitude foi se curvar em reverência, mas ela, simples e bondosa, exclamou sorrindo:

– Erga-se, meu filho, pois não se encontra diante de ninguém superior a si. Eu o chamei aqui para alguns esclarecimentos sobre certas causas, de modo a permitir o melhor entendimento de seus efeitos, na história dos componentes do nosso grupo familiar.

Fez uma pausa e depois prosseguiu:

– Na última vez que conversamos, falamos da existência de Lúcio na personalidade de Lucas e de sua ligação com Ana Berenice (Cidélia), mas,

porque chegou a hora de você retornar ao corpo físico, não houve tempo para finalizar, o que vou fazer agora: pois bem, Lucas depois da morte de Ana Berenice por suicídio, esperou somente alguns meses e se aproximou, também por interesse em bens materiais, de Isaura, uma jovem de presença agradável e inegável simpatia. Em sua família, além dela e dos pais, havia mais sete irmãos. Ao conhecer Lucas, em vez de dar tempo para avaliar seus próprios sentimentos e também os dele, agiu precipitadamente e, em alguns meses, deixou a família e foi viver com ele. Lucas, no entanto, cuja ambição era possuir, acabou convencendo aquela família de que sua experiência como administrador poderia multiplicar seus bens. Confiantes, os familiares deram-lhe o aval para levantar um empréstimo vultoso num banco, dando como hipoteca a propriedade. Mas Lucas, de posse do dinheiro, traiu a confiança nele depositada: depois de internar o filho em uma instituição religiosa, desapareceu sem que ninguém soubesse do seu paradeiro. Tempos depois, a família perdeu tudo que possuía. Inconformados, procuraram-no sem cessar, até o final da existência. E, não o encontrando, após desencarnarem levaram além-túmulo os propósitos de vingança. Por isso é que, depois de tanto tempo, eles ainda se encontravam odientos, tentando fazer justiça por si mesmos. Desistiram, é verdade, por se sentirem saturados, e graças ao trabalho valioso de desobsessão, que você mesmo encaminhou. Mas, para que isso seja totalmente sanado, é preciso ainda que Lúcio e todos eles convivam numa mesma família, para apagar o ódio do passado com o cultivo do amor no presente.

Depois de silenciar por instantes, para que ele meditasse, explicou:

– Compreenda agora que Lúcio, enquanto esteve sob os maus-tratos desses irmãos nossos, não era uma vítima, e tampouco eles algozes. Era, sobretudo, a lei de causa e efeito funcionando, em consonância com a justiça divina.

– E a convivência vai acontecer ainda nessa existência, ou em outra, no porvir? – perguntou Dodô interessado.

– Eles já estão sendo preparados para a reencarnação, na condição de filhos de Lúcio. Além da harmonização pelo amor, eles terão restituídos os

bens materiais que lhes foram tirados por Lucas, agora Lúcio, o mesmo espírito, pois serão seus herdeiros.

– Nesse caso, benfeitora dona Isabel, a mulher que vai ser mãe deles seria alguém com alguma ligação de afeto ou comprometimento, não é isso?

– Sim, meu filho! Isaura, a única da família que está reencarnada, é hoje uma pessoa da sua estima e será a esposa de Lúcio e mãe dos espíritos que foram seus irmãos. Sua atitude precipitada foi que aproximou Lucas de sua família, o que gerou a dramática situação... Mas, apesar disso, ela agora terá o que não conseguiu dele no passado: a atenção.

– A senhora pode me dizer quem é essa pessoa?

– Oh meu filho, é só deduzir!

– Fora do grupo familiar... Uma pessoa que poderá ser esposa de Lúcio... Seria Sara?!

– Ela mesma. Em menos de um ano, eles já estarão casados. Meu filho, não se admire! Ninguém foge da justiça divina, porque só ela tem o mecanismo justo para corrigir, educar e amparar de acordo com as obras do próprio indivíduo, como disse o divino amigo.

Dodô voltou a mente ao jantar que desejava oferecer, no retorno do doutor Lúcio à Mansão dos Anórios, quando seria revelado tudo o que ocorrera na mansão, e o que se encontrava na condição de segredo. Mas, antes de usar a voz para externar o assunto, a benfeitora Isabel percebeu os seus pensamentos e lhe disse:

– Não é bom deixar para depois, porque é preciso colocar um ponto final nessa história, para haver o necessário recomeço. Estou sentindo que você está muito cuidadoso, principalmente com Lúcio, por causa das emoções a que ele será submetido, mas sequer suspeita que você mesmo passará por grande emoção, causada também pela revelação de algo que desconhece. Agora, é preciso que venha à tona, pois a verdade deve estar sempre à frente de todas as decisões. Eu serei muito grata a quem revelar esse segredo, que, sendo guardado somente por mim, às vezes ainda me causa desconforto. Peço-lhe que, ao saber, aceite o inevitável, por surpreendente que ele seja.

Dodô silenciou, refletindo no que acabara de ouvir, o que o deixou muito curioso. Percebendo isso, Isabel disse-lhe:

– A curiosidade é sempre bem-vinda, quando traz aprendizagem. Mas seria uma insensatez tratar desse assunto agora.

– Mas a senhora pode me ajudar?

– Você sabe que conta com a minha lealdade, com a minha amizade e com os sentimentos maternos, embora não tenha sido eu a sua mãe nessa existência.

***

DODÔ E O médico se aproximavam do centro espírita quando um homem em pé na porta de entrada, ao vê-los, dirigiu o olhar na direção do doutor Lúcio e falou, apontando com a mão:

– Eis aí a última porta aberta para o traçado de novos rumos em sua vida!

Ouvindo isso, o médico, assustado, respondeu:

– Tenho certeza de que alguém, um dia, me disse algo parecido! Não me recordo, porém, quem e quando...

Sorrindo, o suposto desconhecido de Lúcio começou a narrar:

– Há mais de cinco anos, certo dia, eu ia passando em frente a um restaurante e, ao vê-lo, me dirigi ao local onde você estava sentado…

Parou a narração, porque Lúcio se aproximou, abriu os braços e, emocionado, disse pela primeira vez o nome de *Deus*:

– Oh grandioso Deus, como a sua verdade está presente em tudo e em todos! – abraçado ao obreiro da casa, passou a falar, emocionado: – Perdoe-me a grosseria com que lhe tratei naquele dia, e a obscuridade da minha ignorância. Apesar de tudo, guardei o papel que você me deu,

contendo a assinatura...

– ... do espírito Tereza, que, com o espírito Isabel, ambos atuantes nesta casa, pediram, na época, para que eu tivesse aquela conversa com você – completou.

Entraram, e Lúcio exclamou, apertando a mão do obreiro da casa:

– Preciso saber o seu nome, pois não desejo perdê-lo de vista!

– Meu nome é José Gabriel. Mas como me perderia de vista se você está do lado de uma pessoa que tanto admiro? Se houvesse no plano material a denominação de *mestre em doutrina espírita*, Doriano poderia assim ser chamado, graças ao conhecimento acumulado e à prática. O seu comportamento é um exemplo para todos nós!

José Gabriel saiu e Lúcio, depois de ouvir as referências a Dodô, voltou a se lembrar de quando o humilhava e desdenhava, e, sem que este esperasse, parou em sua frente e disse:

– Pai Dodô, sei que estou começando a traçar um novo destino, como disse José Gabriel. Porém, se eu não tiver a certeza do seu perdão, por todo mal que lhe fiz, nada conseguirei, pois, para mim, esse é o alicerce que me dará firmeza para desenvolver a obra já idealizada na minha mente.

– Menino doutor, tome juízo e pare de pensar em coisas que sequer me lembro se aconteceram. Perdoe-se, pois, quanto a mim, nunca me senti ofendido.

Os segredos da mansão

Não é herói aquele que vence o outro, mas quem, corajosamente, vence a si mesmo.
Dizzi Akibah

LEMBRANDO-SE QUE FALTAVA apenas uma semana para o casamento de Anélia, o antigo criado da mansão procurou-a para uma conversa:

– Menina portuguesa, eu...

– Desculpe interrompê-lo por uma simples curiosidade... Mas é que ela já dura muito tempo, e nunca me lembro de perguntar: por que o senhor trata as pessoas mais jovens de menino e menina?

– Meu tio Nicolau, irmão da minha mãe, descendente de africanos e escravo, até ser proclamada a Lei Áurea, tinha sempre um bom conselho para dar. Um dia, eu lhe fiz essa mesma pergunta e ele disse que era por causa do carinho que sentia pelos jovens. De tanto ouvi-lo, pois eu tinha por ele uma grande admiração, acabei copiando a expressão e sentindo carinho de verdade por aqueles a quem chamo assim. Você, por exemplo.

Marcos Tadeu, que estava à parte, mas ouvia a conversa, se aproximou:

– O nome dele era só Nicolau, ou Mário Nicolau?

– Sim, era Mário Nicolau... Como você sabe disso, menino Tadeu?

– O navio ficou ancorado por uns dias e, passeando pela cidade, eu precisei de algumas informações. Aquele senhor bem idoso, sorridente, além de ter sido prestativo, bondoso, passou a falar sobre a cidade... Inclusive foi ele quem disse que Manoel Anório (claro, ele não sabia que este era o meu pai) havia morrido e deixado uma grande fortuna para a família. A partir daí, tudo mudaria em nossa vida.

– É surpreendente como a vida e os fatos se entrelaçam! Mas é pena que ele, também, já morreu.

– O senhor ia me dizer alguma coisa no início da conversa, quando eu o interrompi – disse Anélia, na expectativa de saber de que se tratava.

Depois de instantes, Dodô começou a falar, lento, como se procurasse as palavras certas:

– Eu quero lhe perguntar, menina Anélia, se você está mesmo certa em me conceder a honra, que tradicionalmente cabe ao pai, de conduzi-la à cerimônia do seu casamento. Não sei se lá em Portugal é a mesma coisa. Mas, aqui, o povo ainda tem muito preconceito em relação à cor da pele. Apesar da libertação dos escravos, sob a ótica distorcida de muitos, quem tem pele negra nada vale! Você, menina Anélia, deve compreender que, tendo em mente o que se considera como "valor social", eu sou um ninguém! Você está mesmo preparada para as críticas, uma vez que no seu casamento vão estar presentes os convidados do noivo, pessoas de alto nível social?

– Pai Dodô! Prestou atenção no que acabei de dizer?

– Você disse pai Dodô!

– E então, preciso ainda responder à sua pergunta? Sendo o senhor o meu pai pelo sentimento, eu é que me sentirei honrada em ter ao meu lado uma alma nobre, num momento tão importante da minha vida!

– E o doutor Alexandre, você procurou saber se ele vai se sentir bem com isso?

– Fique tranquilo, pois foi tudo resolvido de comum acordo.

Retirada a última preocupação que tinha sobre o casamento, sua mente

começou a trabalhar e traçar planos para conscientizar Lúcio das coisas que, na ausência dele, haviam ocorrido. Era chegada a hora de revelar segredos por ele guardados durante muito tempo, o que lhe trazia aflição.

No dia seguinte, quando Anélia acordou, encontrou o seguinte bilhete:

"Não estarei para o almoço. Vou passar o dia com um amigo que há vários anos esteve ausente. Vamos botar os assuntos em dia!"

Ela achou estranho, porque, desde que chegara à Mansão dos Anórios, Doriano não falara a respeito de qualquer amigo ausente. "Quem seria esse amigo?", perguntava-se.

Mas, àquela altura, Dodô já havia procurado Cosme, o dono do transporte que ele alugava para ir ao Hospital Colônia.

– Hoje eu sou o seu único passageiro. O seu veículo vai ficar o dia todo à minha disposição, pode ser? – disse ele ao condutor.

Chegando ao Hospital, procurou o setor de internamentos, pediu a liberação do doutor Lúcio para aquele dia e, depois de assinar um termo de responsabilidade, foi ao seu encontro no pavilhão onde ele costumava permanecer a maior parte do tempo.

Sentado num canto, atento à leitura de um capítulo do Evangelho, Lúcio sequer notou a presença de Dodô, que o ficou observando cheio de contentamento:

– Muito bem, menino doutor, esse é o caminho! Vim lhe convidar, se for do seu agrado, para passarmos o dia num passeio fora deste ambiente. Para isso eu trouxe sapatos e essas roupas, que estavam guardadas com as outras, desde que você viajou. Se já saiu da moda, eu nem sei. Mas é melhor do que essa bota aí, que já está muito velha!

Depois de ver as roupas, Lúcio perguntou:

– Pai Dodô, para que esse paletó?

– Mas você sempre andou assim, de paletó e gravata... Se não quiser, essa outra aqui é mais simples. É uma camisa como as que uso, e a calça está com aparência de velha!

– Prefiro essa.

Era a primeira vez que Lúcio, depois que viajara para Lisboa, saía a

passeio no Brasil, pois quando retornou os espíritos que o acompanhavam, junto com os que esperavam havia anos, agiram com todas as suas possibilidades, por ódio e vingança. Tanto que, em algumas horas após desembarcar, na chegada, ele já não sabia onde se encontrava. Nessa situação de demência, foi levado por alguém que, movido pela compaixão, deixou-o no Hospital Colônia, como informou o funcionário Henrique.

Ao chegarem numa praça no centro da cidade, sentaram-se num banco, sob a sombra de uma árvore, e começaram a conversar:

– Eu preciso lhe contar algumas ocorrências que se sucederam durante a sua ausência – disse Dodô, e começou a falar sobre a Casa de Saúde, narrando com detalhes, como e por que demitira os médicos e recolocara Alexandre na direção, e concluiu assim: – Fiz isso porque achei uma ousadia eles expulsarem, sem seu consentimento, o seu amigo de confiança, o doutor Alexandre, e por fazerem de uma casa destinada à preservação da vida um matadouro de crianças que sequer haviam nascido! Você pode até me reprovar, mas fiz valer sua confiança em mim.

O médico, boquiaberto, sem poder acreditar no que estava ouvindo, levantou-se e, olhando Dodô de frente, perguntou-lhe:

– Você fez isso?!

– Você não me conhecia, ou ainda não me conhece. Mas me diga: fiz mal?

– Você só adiantou o que eu teria de fazer agora. É mais uma dívida de gratidão!

Depois de alguns minutos de silêncio, vendo o doutor Lúcio ainda pasmo, com o olhar em sua direção, Dodô comentou:

– Posso notar que você mudou, mas ainda não sei a extensão da sua mudança. Eu sempre achei você apegado às coisas...

– Eu, agora – interrompeu Lúcio –, não tenho mais interesse em preservar tanta coisa a título de propriedade. Estou pensando em fazer doações significativas a alguma obra social que cuide de pessoas carentes. Depois que eu vivi alguns anos produzindo com as minhas próprias mãos o meu alimento, descobri que não precisamos de tanto assim para viver. Quero me

libertar dessa escravidão, como você mesmo um dia me alertou. De agora em diante, a minha principal atividade será servir aos necessitados.

– E o médico, o doutor Lúcio, não vai mais clinicar?

– O médico vai sim. Mas sem qualquer interesse, nem pensando em recompensa. Porque aquela casa, onde só recebia gente rica e importante, vai ser a Casa de Saúde dos pobres, e Alexandre prosseguirá na direção, a não ser que não queira.

– Está muito bem-intencionado, menino doutor! – o velho servidor da Mansão dos Anórios ouvia satisfeito, mas, ainda receoso de ir direto ao assunto que desejava, começou falar, com rodeios: – Depois que você saiu daqui, soube que um homem esteve com o doutor Alexandre, fazendo acusações e ameaças contra você...

– Sei do que se trata – interrompeu. – Ele pensava, ou ainda pensa, que a esposa havia morrido somente por causa do aborto, mas ela era hemofílica e não tratou desse assunto comigo. Uma amiga dela, que a acompanhava durante as consultas, disse-me, um pouco antes da minha viagem, que ela estava apavorada com a possibilidade de não sobreviver ao parto, por causa da doença, e de deixar mais uma criança sem mãe. Foi por isso que ela me ocultou seu estado de saúde. O falecimento ocorreu quase três semanas depois do citado procedimento. Foi uma fatalidade! Mas eu não me desculpo, porque já compreendo a gravidade dessa intervenção. Assumo a minha parte e, se ainda agora ocorrer algo sério com minha vida, conforme as ameaças feitas por ele, todos os bens que me pertencem ficarão para você, conforme consta na procuração.

– Deixei você falar porque foi muito bom para mim ouvir o que disse, mas, quanto a essa ameaça, fique tranquilo, porque o homem, que se chama Amândio, já se casou de novo, tem mais um filho e foi embora para a Bahia, terra natal da nova esposa.

– Como você sabe de tudo isso? – perguntou Lúcio, admirado.

– Eu estive três vezes na casa dele, a convite, quando conversamos muito e lhe dei, ao final, um livro de presente, o Evangelho. Esse foi o remédio!

– Mas você não respondeu exatamente o que perguntei...

– Foi assim: eu ia passando pela Praça XV quando vi um menino correndo na direção de uma carruagem. Fui rápido e segurei o molequinho, que, assustado, começou a chorar. Foi quando o pai veio correndo em minha direção e disse: “Eu lhe devo muito, pois acabou de salvar a vida do meu filho”. Em seguida, insistiu para que eu fosse com ele até sua residência, onde me entregaria uma recompensa. Aceitei o convite, mas não a recompensa! Aproveitei e disse-lhe: “Não precisa, pois o que mais vale para mim é estar em paz, sem guardar ressentimento de quem quer que seja”. Em outras visitas, a convite dele mesmo, tratei de despertá-lo para o perdão e o reequilíbrio de sua vida, que então eu soube estar destroçada, por causa da ideia de vingança. Com o tempo, ele acabou mudando.

– Você está certo ao afirmar que eu não lhe conhecia! – exclamou Lúcio.

– Você deve estar pensando assim porque está muito mudado! E por isso me sinto à vontade para lhe fazer uma pergunta: por uma razão qualquer, se tivesse que dividir os seus bens com outros, como reagiria?

– Havendo um motivo justo, minha reação seria bem diferente do passado, porque só agora eu entendo que nada nos pertence, conforme você sempre afirmava.

– Bravo! menino... Você hoje é a materialização do retrato mental que alimentei muitos anos, com esperança e fé. Vamos comemorar isso, tomando um saboroso café?

Foram até uma cafeteria muito frequentada, que ficava ali mesmo na praça, e em seguida Lúcio retornou ao Hospital Colônia, e Dodô, à Mansão dos Anórios.

– Já estava aflita com sua demora, pai Dodô! – disse Anélia ao vê-lo.

– Eu estava proseando com um amigo, que há mais de cinco anos não via.

Com receio de se trair e acabar revelando com quem passara o dia, ele tratou de mudar o assunto:

– Eu gostaria de contar com sua colaboração para um jantar que quero fazer aqui na mansão, no dia 27 próximo. Sei que você e o doutor Alexandre vão estar recém-casados, mas é muito importante que estejam aqui no horário, juntamente com Marcos Tadeu, Gedeão e até a menina

Sara. Yúri, apesar de ser criança, também será indispensável!

– É algo muito sério?

– O seu irmão desaparecido, o doutor Lúcio, está voltando, e chegará aqui nessa data!

Anélia, preocupada com a informação, comentou:

– Ele não vai gostar nada de encontrar a mim e a meus irmãos residindo aqui. Eu acho melhor deixarmos a casa. Alexandre me perguntou se eu não queria morar na casa dele, já depois do casamento. Vou conversar com Tadeu e Gedeão.

– Como sair daqui, se essa casa pertence a você e aos seus irmãos? Não foi isso que ficou decidido na justiça?

– Foi uma decisão do juiz por causa de Gedeão, na época, menor de idade.

– É bom ficar e enfrentar, porque direito é direito. Você não deve pensar no pior, porque poderá ser um momento de muita emoção não só para ele como para todos nós. Lembre aos outros a história do filho pródigo e vamos recebê-lo nesse sentido. Pode fazer isso, menina Anélia?

– Conte comigo, pai Dodô!

Durante aqueles dias, os espíritos obsessores haviam aceitado a sugestão de dar novos rumos a suas vidas. Dodô continuou acompanhando Lúcio no grupo de estudo, pois os mentores espirituais da casa acharam por bem aproveitar sua aflorada mediunidade de clarividência nos trabalhos de desobsessão, logo que ele adquirisse as condições necessárias.

***

– PRONTO, MENINO doutor, enfim, graças a Deus você retornará ao seu

lar. Eu trouxe um terno branco que você gostava muito de usar. Mas, se não quiser, tem aqui outra roupa, só que está bem usada, uma calça e uma camisa. Qualquer uma que você preferir vai ficar folgada, porque seu peso é metade do que era antes de sair daqui, acredito eu! Vá logo trocar a roupa, porque, antes de seguir para casa, vamos passar numa barbearia para tirar essa barba e cortar o cabelo. Você não precisa mais se esconder de ninguém!

Preferindo a mais simples, Lúcio trocou de roupa e, depois de agradecer às pessoas com quem conviveu durante o tempo que permaneceu no Hospital Colônia, disse a Dodô:

– Tenha certeza de que entrarei na mansão com outra ótica e outra compreensão sobre a vida!

– Não lembro se já lhe falei que nem tudo lá está do jeito que você deixou. Mas, se colocar a compreensão na frente das suas reações, a humildade, a boa vontade e a confiança em Deus, que você já acredita existir como Pai da vida, certamente verá que a mudança foi para melhor.

Quase duas horas depois eles desceram do transporte e, vendo o médico hesitante, Dodô incentivou-o:

– Vamos, entre!

– Oh, quanto tempo imaginando que isso não mais aconteceria! – exclamou emocionado.

– Sei que vai querer percorrer a casa, palmo a palmo, para matar a saudade. Mas, antes disso, você vai precisar ouvir o relato do que ocorreu durante a sua ausência. Do contrário, perderemos a alegria que você poderia experimentar. Vamos conversar na sala de visitas, que nesse horário está muito arejada, com as correntes de ar que vêm do mar.

– Você está me assustando!

Sentaram-se um em frente ao outro, e então Dodô começou a revelar o que ele denominava de segredo:

– Menino doutor, você se lembra do caso do travesseiro perfumado?

– Oh, tire isso da cabeça, pois já é passado! – disse sorrindo; porém, ao notar que Dodô estava sério, voltou a atenção para ele.

– Não esqueça que nós estamos vivendo, hoje, resultados do que fizemos no pretérito. Pois bem: naquele dia...

Depois de explicar o que havia ocorrido, sob o olhar triste do médico, ele enfatizou: graças à orientação da benfeitora dona Isabel, Cidélia desistiu do suicídio e a criança nasceu. Mas, infelizmente, ela morreu!

– Cidélia morreu?!

Depois de alguns minutos de silêncio foi que ele, visivelmente abatido pelos reclames da consciência, dirigiu o olhar para Dodô e perguntou:

– E a criança?

– É um belo menino, o seu filho!

– Como posso ter certeza de que ele é realmente meu filho?

Depois de soltar a voz e chamar Yúri, Dodô respondeu assim a pergunta do doutor Lúcio:

– Você mesmo comprovará.

O menino entrou na sala. Depois de permanecer por instantes parado e olhando para o médico, perguntou:

– Quem é o senhor?

O doutor Lúcio, em dúvida se afirmava ou não ser o pai, ficou calado sem nada responder, mas Dodô interrompeu o silêncio:

– É o doutor Lúcio. Lembra que lhe falei que você tinha um pai?

– Mas o senhor não disse que era esse.

– Agora eu posso dizer, porque ele já está aqui.

Yúri se aproximou entre desconfiado e curioso, e Lúcio levantando os braços perguntou:

– Você me daria um abraço?

Lúcio estava com a manga da camisa arregaçada, deixando os braços descobertos, e Yúri fixou o olhar em um ponto do braço direito do médico, e disse contente:

– O senhor tem uma montanha igual à minha! Olhe aqui a minha! – disse, aproximando-se, e o médico ao ver, o sinal no braço da criança, com a mesma forma do que ele tinha, ajoelhou e abraçou o filho, em prantos:

– Eu tenho um filho! Que pena você não ter mãe!

– Eu tenho mãe. Quer que eu a chame?

– Agora não, Yúri. Depois eu peço para você chamá-la – interveio Dodô, e em seguida se dirigiu novamente ao médico: – Muito bem, nota dez na prova! Isso me deixa muito contente. Mas, continuemos os esclarecimentos: lembra que, em nossa conversa lá na Praça XV, eu falei sobre a possibilidade de uma divisão das propriedades com outros, por exemplo, herdeiros? Chegou a hora de informá-lo que isso realmente aconteceu, por uma determinação da justiça: seu Manoel Anório tinha outra família.

Vendo o efeito da surpresa estampada na fisionomia do seu interlocutor, Dodô fez uma pausa. Depois de instantes, tentou se justificar:

– Falo com tranquilidade sobre isso, porque você já demonstra desapego. São três filhos, órfãos, pois a mãe também já retornou para o mundo espiritual. Depois da divisão dos bens, a parte que lhe pertence está sendo muito bem administrada por um dos seus meio-irmãos, apesar da idade, pois é muito jovem. Você vai conhecê-lo agora: menino Tadeu, venha aqui, por favor!

Tadeu entrou na sala, parou a certa distância, e fixou o olhar no médico:

– Doutor “Marcos”?! Como me descobriu aqui?

– Marcos, você aqui na minha casa?! Não estou entendendo!

– Nem eu. Mas deixemos o entendimento para depois, pois eu desejo lhe dar um abraço de gratidão pela sua ajuda, há tantos anos já: acabou dando tudo certo. Lembra da nossa conversa sobre isso?

– Menino Tadeu – interveio Dodô –, ele não é doutor Marcos.

– Não? Mas meu irmão chama-se Lúcio. Não foi o que o senhor disse?

– Marcos Tadeu, sou eu mesmo, Lúcio, seu irmão! As circunstâncias me levaram a trocar o meu nome, e no impulso escolhi o seu, por gostar muito de você. Mas, já que somos irmãos e o destino quis que nos reencontrássemos, tenho dois motivos para comemorar. Venha – disse de braços abertos –, quero lhe dar um abraço, com duplo sentido: como irmão e em gratidão pelo apoio que recebi de você em Lisboa. Também está administrando os bens aqui, não?

O médico, respirando fundo por causa da surpresa, voltou-se para Dodô:

– Estou ansioso para percorrer a casa e descobrir o que está diferente nela, como você disse.

– Espere um pouco, porque você vai conhecer sua irmã, que vem cuidando do seu filho desde recém-nascido. Ele a tem como mãe.

O cômodo onde Anélia estava era distante da sala de visita. Por isso, para chamar as pessoas que lá se encontravam, conforme já pudemos observar, Dodô tinha que soltar a voz:

– Menina portuguesa, tenha a bondade de vir aqui!

Ela ouviu o chamado de Dodô e disse para Alexandre e Sara, que ainda estavam aguardando:

– Estou com as pernas trêmulas... Qual será a reação dele, ao ver a casa assim? Oh, que momento difícil! – e saiu com passos vacilantes. Ao chegar à sala e ver o médico, ela deu dois passos para trás.

– Pai Dodô, há um engano. Esse não é o meu irmão e sim o doutor Marcos Freire! – ela então emudeceu, pois, já comprometida com o doutor Alexandre, vendo a pessoa por quem tivera um sentimento, e que deixara sem pôr um ponto final, sentiu-se numa situação difícil.

Lúcio, por sua vez, ao vê-la, falou com uma voz de pura emoção:

– Anélia! Enfim te encontro, e para a minha surpresa, na minha casa! – disse, sem se dar conta de que ela, sendo irmã de Marcos Tadeu, era também sua irmã, como Dodô lhe anunciara...

Mas o velho Doriano também já não estava entendendo a situação. O médico, percebendo isso, tentou dar a sua explicação, com base nos dias venturosos (como ele pensava) que viveu durante o curto contato que tivera com Anélia:

– Pai Dodô, há um engano que precisa ser esclarecido: ela não é, e não poderia de forma alguma ser minha irmã!

– É verdade, pai Dodô! – aparteou Anélia. – Esse é o doutor Marcos, que conheci em Lisboa. Conhecemos...

Nesse momento Dodô lembrou-se da explicação que ele, em desdobramento, recebera da benfeitora Isabel, e disse, convicto:

– Não, menina Anélia! Já compreendi o problema! Vocês estão vivendo

uma situação que está lhes fechando os ouvidos para a verdade. Pergunte ao menino Tadeu, que já deve ter compreendido tudo.

– Nelinha – disse carinhosamente o irmão–, ele é, sim, o doutor Lúcio, nosso irmão! Isso é fato. Vocês, sem saber, tiveram uma breve relação, mesmo sendo irmãos. É hora de acordar e transformar o sentimento que naquele período tiveram em fraternidade, esquecer esse passado e, todos nós, já que somos uma família, vivermos como tal, ainda mais que você já tem um esposo...

Anélia, depois de ouvir o irmão, aproximou-se de Lúcio e, percebendo que ele também concordara com Tadeu, abraçou-o fraternalmente e em seguida começou a falar:

– Estivemos à beira de um precipício moral. Se eu não tivesse deixado Lisboa, já convicta de que não seria bom continuarmos o que estava começando, nós provavelmente já estaríamos casados e até com filhos! O que seria de nós quando a verdade viesse à tona?

– Se o que imaginamos ao nos conhecermos não pode ser a história da nossa vida, comecemos então uma outra história...

– Alteremos apenas a forma de amar! Mas o amor deve continuar nos unindo, como irmãos consanguíneos, mas sobretudo espirituais, filhos do mesmo pai, que é Deus – complementou Anélia.

– E essa outra história deve começar agora, com um abraço geral! – interveio Marcos Tadeu, inflamado pelo momento e a emoção.

Dodô lembrou-se com mais clareza da história contada pelo espírito Isabel, sobre a vida de alguns personagens numa existência anterior, em Portugal. Tentou fazer uma breve narração dessas reminiscências, e concluiu assim o assunto:

– Isso justifica a atração que vocês tiveram um pelo outro, ao se reconhecerem na atual existência, mas, agora que já sabem da verdade, seria uma insensatez continuar com essas lembranças, pois na vida imortal, durante as reencarnações, funciona mesmo assim: às vezes somos pais, irmãos, avós, tios... Na próxima existência física poderemos ser até filhos dos atuais filhos... E assim por diante.

Anélia chamou Gedeão para conhecer o irmão. Ele entrou na sala, apertou a mão do médico e disse, sorrindo:

– Seja bem-vindo! É muito bom ter outro irmão assim mais velho! Não são os mais velhos que ajudam os mais novos?

Anélia, voltando-se para Lúcio, iria começar a falar do seu casamento, mas Dodô interveio:

– Desculpe, menina Anélia, esse assunto é mais uma surpresa que eu reservei para o menino doutor! – e mais uma vez soltou a voz: – Esposo de Anélia, por favor, venha aqui!

Quando Lúcio, curioso para saber quem era seu cunhado, olhou na direção da porta e viu de quem se tratava, ficou sem ação, e só reagiu quando Alexandre tomou a palavra, demonstrando alegria:

– Meu grande amigo, e agora também cunhado, estou muito feliz com o seu retorno!

– Alexandre, como tudo isso pôde acontecer? Quem teria traçado esse destino, preparando tal enredo jamais imaginado? Quem?

– Pelo que tenho aprendido nos últimos tempos, aqui mesmo na sua casa, com Dodô e nos estudos que temos feito, fomos nós mesmos que o traçamos, atuando dentro das leis divinas, como a de causa e efeito.

A confraternização e as conversas se entrecruzavam, num burburinho geral. Depois de alguns minutos, doutor Lúcio dirigiu-se a Dodô:

– Desde que aqui cheguei, estou plantado nessa cadeira como criança de castigo! Enfim já posso completar a minha chegada – disse já de pé para sair da sala, mas Dodô respondeu:

– Ainda não, porque agora tem um segredinho de que você pode até gostar. É uma pessoa que, embora não faça parte da família, desde que passou a conviver conosco vem orando por você, saudosa, pedindo paz, bem-estar e alegria para a sua vida!

– Menina Sarita, venha aqui, por favor!

Sara chegou à sala. Lúcio, ao vê-la, não ocultou a satisfação que sentiu. Depois de abraçá-la, pedir desculpas por ter viajado sem se despedir e agradecer pelas orações em seu favor, disse sorrindo:

– Que satisfação em vê-la... E como está mais bonita... Espero que eu não esteja sendo insensato por me expressar assim, sem antes perguntar se você também é noiva ou casada...

– Nem uma coisa, nem outra. Estou esperando o meu príncipe desencantar.

– É mais provável que ele se encante ainda mais: a beleza que mais se destaca em você é o seu semblante de paz e alegria!

Dodô, lembrando-se de quando Isabel (espírito) lhe dissera que o doutor Lúcio formaria uma família com os espíritos que havia prejudicado no passado, pensou: "É verdade que ninguém consegue se esconder da justiça divina!".

Anélia, depois de pedir licença, saiu da sala e voltou em instantes com algo na mão, que parecia um livro. Na capa, porém, sobre a pintura de uma bonita paisagem, destacavam-se, em letras maiúsculas, as palavras: *Diário de Isabel*. Ela se aproximou de Lúcio, estendeu o volume e comentou:

– Eu o encontrei quando estava arrumando um dos quartos da casa. Como se trata de uma pessoa da sua família, acho que deve ficar com você.

– É da minha avó... Não sabia que ela tinha um diário. Mas, já que ela não se encontra mais entre nós, vou guardá-lo como lembrança, fechado como está.

Ao terminar de dizer isso, percebeu, pela vidência, uma claridade diferente da iluminação da casa, embora as luzes já estivessem acesas, pois a noite chegara. Focando a visão, em instantes viu surgir Isabel, em seguida Tereza e por último Ludmila, que, ao entrar na sala e ver Yúri no colo de Anélia, disse a Cidélia, que estava do seu lado: "Aquele menino é o seu filho".

Cidélia, embora já desencarnada, conservava o sentimento materno de tal forma que, ao se aproximar da criança, raios luminosos partiram de sua região cardíaca e foram se intensificando até todo o seu campo magnético estar luminoso; dentro dele, o filho que não pôde criar, não somente por seu desencarne, mas em consequência de sua própria trajetória.

O médico contemplava tudo isso com emoção, mas também com lucidez.

Logo que Cidélia retornou ao local onde estivera antes, ao lado de Ludmila, ele dirigiu o olhar em sua direção e balbuciou:

– Perdoe-me, Cidélia – e a seguir pediu silêncio, pois, descontraídos, os presentes conversavam entre si. Depois de explicar a eles o porquê do pedido, ele viu Isabel vindo em sua direção. A avó desencarnada, externando um sorriso carregado de ternura, disse-lhe: “Meu filho, abra o diário, procure a página cinquenta e três e leia, a partir daí, em voz alta”.

Depois de instantes de silêncio, enquanto ele procurava a página, e da expectativa de todos, ele voltou a falar:

– Eu disse que manteria o diário fechado, mas a minha avó Isabel, aqui presente em espírito, pediu-me para fazer uma leitura: “Hoje, dia treze de maio, despertei alegre e grata a Deus, pois faz mais um ano que a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, extinguindo a escravidão no Brasil – data tão importante, e que coincide com o meu aniversário... Mas essa alegria durou pouco, por causa de uma revelação feita por Zenira, mãe de Dodô e filha de nossos irmãos escravizados. Disse-me ela que a gravidez, da qual nasceu seu filho, aconteceu quando ela tinha apenas dezessete anos, em consequência de abusos de Manoel Anório, que depois de tudo a fez silenciar com sérias ameaças.

“Ouvi isso atônita, e procurei-o para uma conversa em particular, quando ele confirmou a versão da ex-escrava, afirmando que não tinha nenhuma preocupação com o fato, pois ela era apenas uma escrava. Retruquei-dizendo-lhe que as pessoas consideradas escravas eram antes de tudo filhas de Deus, tanto quanto nós mesmos. E que o menino, por ter a pele escura, não deixava de ser seu filho. Por isso ele passaria a viver na mansão, e poderia vir a ser o responsável pela casa.

“Já é tarde, mas estou sem sono, ansiosa para trazê-lo ao lar, onde deverá ser tratado com atenção e respeito, porque, além de tudo, já não há mais escravos, e sim homens e mulheres convivendo livres com seus antigos senhores. Prometo a mim mesma que, enquanto eu estiver nesta casa, ninguém ousará maltratá-lo ou humilhá-lo por causa da cor da sua pele, nem por causa da raça, pois, independente da cor da pele, da raça, de ser

rico ou pobre, feio ou bonito, todos temos origem no mesmo Deus”...

Nesse instante, Isabel se dirigiu a Lúcio: “Pode parar a leitura, filho”, e pediu que ele repetisse o que desejava que todos ouvissem:

– Amados meus, desejo que, mesmo gora, depois de mais de cinquenta anos decorridos, recebam e aceitem o nosso amado Dodô como componente da família, por laços consanguíneos. Irmão mais velho, portador de considerável conhecimento e muita experiência, tem sido o guardião da harmonia nesta casa e semeador da paz por onde passa. Não é em vão que vem sendo tratado de “pai Dodô”; foi a sensibilidade de Anélia e seus irmãos que ajudou a identificar nele o potencial do amor paterno que sente por todos vocês. Que o Divino Mestre Jesus abençoe a todos.

Depois da fala do espírito Isabel, seguiram-se instantes de silêncio, ouvindo-se apenas os soluços de Dodô, que não conseguia dominar a emoção. Mas foi Anélia quem primeiro reagiu:

– Meu amigo, meu pai e irmão do meu coração! Se eu precisava de algo para me sentir plena, não preciso de mais nada, porque agora já encontrei. E me sentirei ainda melhor se você controlar a emoção, levantar a cabeça e participar conosco da alegria que estamos sentindo: seja bem-vindo, mais uma vez, aos nossos corações!

Dodô abraçou Anélia e, ensaiando um sorriso, disse:

– Me sentirei, sim, irmão de vocês, mas gostaria que continuassem me chamando de pai Dodô, pois isso me faz muito bem. Você também, menino doutor, que é tão mais novo do que eu, já que se propôs a isso, anteriormente, junte-se aos seus irmãos, com esse tratamento dirigido a mim.

O doutor Lúcio se aproximou dele, abriu os braços e disse:

– Antes peço, mais uma vez: se puder, me perdoe, pois agora já entendo que, além de não ter o direito de tratá-lo mal, você não merecia! Continuarei pela vida afora tratando-o assim, não só pelo reconhecimento, mas, sobretudo, porque diante das novas circunstâncias precisamos mais do que nunca da figura de um pai para nos orientar, corrigir e contagiar com os seus bons exemplos. Não sei ainda a quem pertence esta casa, depois da

partilha dos bens. Por isso, não tenho certeza se vou continuar residindo aqui, mas...

– Um momento! – pediu Anélia, interrompendo; depois de explicar a decisão da justiça sobre a casa, que havia ficado para ela e os irmãos, por causa de Gedeão, que era na época menor de idade, conclui assim: – Mas será para nós uma grande satisfação se você quiser residir aqui conosco!

Doutor Lúcio acatou a gentileza com visível emoção e disse, voltando-se para Dodô:

– Como eu ia dizendo, estou decidido e certo de que se trata de um dever dividir os meus bens com você!

– Agradeço muito, mas eu não preciso mais de nada, pois o que me faltava acabei de receber agora, que é a certeza da paz nesta casa, e o seu retorno, menino doutor, não simplesmente do tempo que passou distante daqui fisicamente, mas seu retorno ao caminho que conduz à verdadeira finalidade da vida, compromisso que assumiu antes do seu reencarne, conforme informação espiritual.

Depois de pequena pausa, voltou a falar:

– Agora mudemos de assunto, pois devemos agradecer à benfeitora Isabel, à dona Tereza e à Ludmila, que, embora a elevação espiritual alcançada, não se esqueceram dos que aqui ficaram na retaguarda. Sem elas não estaríamos comemorando tão auspicioso acontecimento, pois, além da constante ajuda e carinhosa atenção, são responsáveis por ter chegado a esta casa o estudo das lições luminosas do divino mestre, contidas no Evangelho e na doutrina espírita (o consolador prometido por Jesus). Elas, ao desencarnarem, deixaram esses livros como herança valorosa, onde venho buscando orientações que humildemente tento passar em frente, como sementes de luz que acabem florescendo nos corações afeitos ao amor; seus frutos: as ações que amenizam o sofrimento, que consolam e geram esperança em nome de Jesus, a luz do mundo.

Abraçaram-se todos, no meio da sala, que ficara em silêncio. A brisa, no começo da noite inesquecível, perpassava pelas grandes janelas da mansão, completando o bem-estar e a serenidade. O doutor Lúcio, através da

mediunidade de clarividência, voltou a ver Isabel, acompanhada por Tereza e Ludmila, aproximando-se de Dodô. Ficou deslumbrado ao vê-las estenderem as mãos e delas saírem raios que enchiam de luzes todo o ambiente. Observou, ainda, para a sua surpresa, Cidélia, em espírito, aconchegando junto ao coração, Yúri, que, semidesligado do corpo físico, pelo sono natural, recebia dela vibrações amorosas, que só as mães são capazes de emitir.

Em seguida, ele voltou o olhar em direção a Dodô e, com a vidência bastante depurada, pôde ver em minuciosos detalhes os raios luminosos que passaram a fluir do alto da cabeça perispiritual da majestosa e veneranda entidade para a de Dodô, e procurou externar mediunicamente, em palavras, os pensamentos que dela recebia:

– Jesus, divino mestre de todos nós, desejamos agradecer pela reconhecida ajuda que recebemos de sua divina e misericordiosa bondade, o que nos conduziu, amorosamente, até este momento, quando, com muita alegria, comemoramos não uma vitória qualquer, mas sobretudo a vitória da germinação das sementes do amor que um dia você colocou em nossos corações, nos quais permaneceram em estado latente, pois o terreno que ainda se encontrava árido, não propiciava condições para o renascimento.

"Mas você, senhor, paciente e amoroso, nunca se esqueceu de regá-las, até vê-las germinadas. Agora, na expectativa de surgirem os primeiros frutos, não poderíamos deixar de lembrar do perfeito agricultor do amor!

"Assim, de mentes e corações entrelaçados, experimentando a suavidade e o bem-estar que seu amor nos proporciona, desejamos agradecer dedicando a você as alegrias deste momento inesquecível!

"Mestre divino, permita-nos pedir a sua valiosa cooperação para que esse grupo, agora unido pelo mesmo ideal de servir, continue atuando no trabalho redentor. Assim lhe rogamos, por entendermos que ainda muito longe nos encontramos da vitória final, pois, para chegarmos a ela, ainda teremos que percorrer a longa distância que nos separa da dor ao amor."

Fim